4a edição dezembro 2021

ARTRILHA
revista

ARTRILHA
revista

Edna Carla Stradioto

organizadora

ISBN: 978-65-991768-8-3

4a. edição - dezembro de 2021

Published by Artrilha Editora

Edição
Edna Carla Stradioto

Corpo editorial
Edna Carla Stradioto
Henrique Stradioto

Projeto gráfico e edição
Edna Carla Stradioto

Arte da capa e 4a. capa
Edna Carla Stradioto | Pamptrilha 1 | aquarela | 36x48 cm | 2021 e Edna Carla Stradioto | Pamptrilha 2 | aquarela | 36x48 cm | 2021

Revista Artrilha
É um projeto do grupo Artrilha, cuja publicação é gratuita, assim como a distruibição, **sendo totalmente proibida a cobrança e venda da publicação.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stradioto, Edna Carla
Revista artrilha 4 / Edna Carla Stradioto. --
São José do Rio Preto, SP : Artrilha Editora, 2021.

ISBN 978-65-991768-8-3

1. Artes 2. Artes plásticas 3. Artes visuais
4. Artistas brasileiros 5. Artrilha (Revista)
I. Título.

21-87400 CDD-700.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil 700.981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à Artrilha Editora

@artrilha

EDITORIAL

Edna Carla Stradioto

edna@ednastradioto.com.br

Edna Carla Stradioto é artista plástica, fundadora e administradora do grupo Artrilha, sócia da Artrilha Editora, na qual é editora-chefe. É mestre em teoria da imagem pela UNESP e doutoranda na mesma área pela Universidade do Minho. Com o Artrilha já criou os projetos da Revista Artrilha, Leilão Artrilha, Exposição Catavento, Prêmio Artrilha, E-commerce Artrilha, Galeria Digital Artrilha, entre outros.

Olá pessoal!

É com muito orgulho que eu apresento a nova edição da Revista Artrilha, um projeto que nasceu em abril de 2020 e chega a sua primeira versão impressa, além da digital.

Essa edição é especial em vários sentidos. O primeiro deles é que se trata de uma publicação que procura homenagear a arte em papel, uma categoria de arte nem sempre tão valorizada quanto as telas. Outro motivo é que trouxemos dessa vez, cinquenta artistas e estamos muito felizes em tê-los todos juntos aqui. E, finalmente, mas não menos importante, reunimos pessoas tão vitais no mercado da arte, trazendo para os leitores da revista um ponto de vista, um testemunho de quem ajuda e incentiva a cultura, uma experência importante em cada mercado em que atuam e, enfim, uma participação que revitaliza a revista, que incentiva nossos artistas e que, certamente, nos motivará, ainda mais, a seguir, a produzir e a persistir na arte.

O meu grande obrigada a todos. Cada um de vocês que acredita em mim, é parte da chama que me mantém firme e em pé.

Obrigada!

Edna Carla Stradioto

QUEM SOMOS

ARTRILHA
ARTISTAS CRIANDO TRILHAS

Artrilha

editora@artrilha.com.br

O Artrilha começou como um grupo de artistas visuais, mas por determinação e garra de sua fundadora e administradora, passou a ser um produtor cultural. Por intermédio da Artrilha Editora, o grupo é responsável pela Revista Artrilha, por organizar os leilões de arte do Artrilha, a Exposição Catavento, o Salão Nacional, galeria virtual, entre outros. Em 2021, conseguimos montar nossa própria loja virtual e expandir nossas trilhas no e-commerce e também estamos estruturando parcerias para nossas exposições virtuais. Temos uma agenda recheada de projetos que sairão do papel para ganhar paredes, espaços, ruas e todos os locais físicos ou digitais que conseguirmos em 2022.

Fale contato conosco! Pense em trilhar esse caminho das artes junto ao Artrilha e em fazer para da #familiaartrilha.

Um abraço,

equipe Artrilha

PREFÁCIO

Patrícia Reis Buzzini

patrbuzzini@hotmail.com

Patrícia Reis Buzzini é escritora, tradutora, poetisa e articulista no Jornal Diário da Região de Rio Preto. Formada em Letras e doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/Manchester), com especialização em História da Arte (FAAP). Membro da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura (ARLEC).

O valor do papel

O papel foi inventado há mais de 2 mil anos, a partir de fibras vegetais que eram rompidas, drenadas, achatadas, secas e prensadas. É um material ecológico, leve e maleável. Atualmente, pode ser encontrado em vários formatos, cores e texturas. Ao longo da história, sabe-se que o papel foi responsável pela popularização da religião, da ciência, da arte e da literatura, como relata Martin Puchner em O Mundo da Escrita (2017). Graças ao papel, não estamos mais condenados à maldição de Sísifo, personagem da mitologia grega que foi obrigado a carregar repetidamente a mesma pedra pesada ao longo de uma montanha, sabendo que a rocha cairia no vale antes de chegar ao topo. Felizmente, nem tudo foi perdido (ou queimado), e o papel segue se reinventando para ocupar novos espaços na cena artística contemporânea.

Depois de passar por momentos de glória e de rejeição, a aquarela conquistou forte influência nas artes plásticas e nas culturas ocidental e oriental. De todos os grandes artistas que surgiram, William Turner foi o mais importante de todos, chegando a influenciar o o impressionismo em função dos seus estudos sobre cor e luz. Considerada uma técnica complexa, que permite resultados expressivos e delicados ao mesmo tempo, a aquarela tende a retratar cenários bucólicos e de natureza selvagem. Na Pop Art moderna, movimento que busca inspiração na cultura de massas, o papel serviu de suporte para artistas icônicos como o gravurista britânico Peter Blake, conhecido por ter criado a capa do disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, dos Beatles, em 1967, e o ilustrador e artista Andy Warhol, famoso pela produção de retratos de celebridades usando a serigrafia.

Na escultura, observa-se o resgate de materiais como o papel machê, utilizado para fazer as cabeças do Bumba Meu Boi e os bonecos gigantes do carnaval de Olinda, e o papel jornal, reaproveitado em adornos e artefatos domésticos. O origami, arte tradicional japonesa de dobrar papel, ganhou dimensões gigantescas nas mãos de artistas como o suíço Sipho Mabona, que produz peças para museus, galerias e campanhas publicitárias. O Paper Cutting – técnica de cortes minuciosos em papel – foi a escolha de artistas como a brasileira Ariádine Menezes, que cria obras inspiradas pelo perfeccionismo e pela repetição hipnótica oriental. Geralmente associada ao universo da literatura infantil, a arte pop-up migrou para embalagens, cartões e obras de arte dobráveis, feitas por artistas como o designer alemão Peter Dahmen. Por sua vez, o artista plástico Romário Pereira de Jesus entrou para o RankBrasil em 2020 pela sua coleção de bonecos em papercraft que retratam personagens como Pokémon e os heróis da Marvel.

Nesse repertório infindável de potencialidades sensoriais e criativas, o papel simboliza o desafio de transformar o ordinário em extraordinário. Como já dizia o influente escritor francês Gustave Flaubert, "le bon Dieu est dans le détail". Sendo articulista no meio jornalístico, confesso que recebi com imensa alegria a notícia de que a quarta edição da REVISTA ARTRILHA faria uma homenagem ao papel. Desde que Martinho Lutero descobriu o poder da impressão, a ideia de autoria individual começou a se consolidar como um dom valioso e inalienável. Nessa perspectiva, compreende-se que a decisão pela versão impressa da revista também seja um reflexo da maturidade profissional dos artistas e profissionais envolvidos neste projeto, em especial, a nossa querida artista e influenciadora Edna Carla Estradioto, que nos brinda com uma de suas belíssimas aquarelas emolduradas na capa. Que me perdoem os aficionados por tecnologia, mas ainda não inventaram um aplicativo capaz de reproduzir a sensação do toque em uma folha de papel.

Patrícia Reis Buzzini

COLUNISTA

Oscar D'Ambrósio

odambros@uol.com.br

Oscar D'Ambrosio é Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista e crítico de arte.

Sobre papel

A arte em papel engloba vários tipos de produtos, que vão de a aquarela e a gravura ao artesanato, passando por numerosos trabalhos criativos, impressões e scrapbooks, entre muitos outros. Como se trata de material dobrável, inclui até decorações em festas e diversos tipos de artigos.

Dentro do universo artístico, trabalhos sobre papel funcionam quando provocam nos observadores numerosos questionamentos. Não se trata apenas de realizar obras que um dia poderão estar em paredes de casas, mas sim de motivar uma reflexão sobre o mundo circundante, mobilizando internamente os indivíduos.

Assim a técnica, aliada ao pensamento, oferece a discussão de problemas tanto técnicos como existenciais. Uma das vertentes desse diálogo com o papel pensa o próprio material enquanto suporte. Inventado na China há mais de 2 mil anos, sofre alguns preconceitos ligados, por exemplo, à conservação.

Ainda existe, embora venha sendo relativizado, um pensamento eurocêntrico que tende a considerar como obra de arte “nobre” apenas a pintura em óleo sobre tela. Há ainda a discussão do próprio desenho sobre papel, processo geralmente injustamente desvalorizado por ser visto como uma atividade menor.

Caracterizado pela pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, caneta ou pincel) sobre o papel, o desenho consiste em mover esse objeto de modo a originar pontos, linhas e formas planas, muitas vezes enriquecidas por materiais como café, folha de ouro e de prata, entre muitos outros.

Os trabalhos sobre papel envolvem uma atitude perante a própria arte. Cada um manifesta, com a técnica escolhida, um gesto, uma marca digital, um movimento da mão e uma visão de mundo, ou seja, um raciocínio visual que pode assumir as mais diversas características e dialoga com os mais variados materiais.

É possível retomar a técnica do retrato para estabelecer figuras em que se busque incessantemente um padrão de excelência. Cada uma delas se tona um diálogo com a tradição e um exercício técnico a ser constantemente aprimorado. A conversa que a imagem estabelece com o branco do papel fornece o diferencial.

Também pode-se pensar em trabalhos que tenham como processo constitutivo o uso de letras para dar forma a rostos ou ainda instaurar o silêncio, com figuras que remetam ao universo da gravura. As riquezas dão-se no jogo visual e em um progressivo adensamento da consciência do uso do espaço.

O desafio é atingir uma regularidade qualitativa, seja na figuração ou na abstração. O essencial é desenvolver uma pesquisa visual que exija do observador reflexão atenta sobre como são trabalhadas as linhas, as formas, as cores e as suas tonalidades. Não há, nesse processo, certo ou errado, mas indagações internas constantes.

Uma outra resposta a um mundo que se crê como sério e se alimenta da própria sisudez para esconder a sua mediocridade é o humor. Trata-se de uma maneira de lidar com todos aqueles que estão às margens da sociedade, questionando a ignorância da cultura dita oficial, entendida como uma cristalizadora de saberes a ser questionada.

Há ainda uma tradição de representação da figura feminina e de paisagens. Surgem assim ícones plenos de porte, realeza, sedução e mistério que fascinam num primeiro olhar a distância e também encantam numa observação mais próxima e detalhada pelo ambíguo poder de reunir qualidade técnica e capacidade de exploração de um assunto.

Todas essas maneiras, e muitas outras, discutem o papel como suporte. As imagens já feitas, que estão sendo feitas e a fazer levam a refletir sobre o ato de pensar e fazer arte. Obrigam a revisitar Leonardo da Vinci, Albrecht Dürer, Rembrandt, Ingres e Escher, entre outros, e, acima de tudo, a entender a arte, seja sobre papel ou não, como uma postura frente ao mundo.

Oscar D’Ambrósio

COLUNISTA

Maurício Siqueira

mauricio@siqmarketing.com.br

Maurício Siqueira é formado em Publicidade&Propaganda e pós-graduado em Marketing Estratégico, conta com mais de 35 anos de experiência é CEO da Casacor Ribeirão Preto, Casacor Franca, e Design Forum. É também fundador da Siq Marketing, além de ser palestrante, mentor e consultor, atuando no Brasil e em especial, em Milão, Itália.

Com perfil ativo, 60+ é o novo protagonista

A população mundial está envelhecendo e a busca agora é por espaços que acompanham e estimulam a vida ativa, o desenvolvimento de novas habilidades e as possibilidades diversas que a vida ainda pode oferecer. Ambientes multissensoriais refletem a personalidade, sem deixar de lado as raízes de cada um e com uma pitada de tecnologia a favor do bem-estar. Entramos em um novo momento para quem achou que uma vida tinha chegado ao fim.

O que você procura em um projeto residencial ou comercial? As respostas mais comuns são: praticidade, conforto, estilo, afetividade, estímulo e tecnologia aliada ao dia a dia para facilitar e melhorar a experiência em casa. Estes são alguns pontos que merecem e devem ser centro das edificações e, com o passar da idade, essa necessidade se torna ainda mais relevante.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões até 2050 – representando um quinto da população mundial.

Já o Brasil envelhece a passos largos. Dados do IBGE (2018) apontam que em 2060, um a cada quatro brasileiros será idoso, representando 25,5% do total. Antes, em 2034, as pessoas de 65 anos irão corresponder a 15% e em 2046 serão 20%. Para efeitos comparativos, em 2010, onze anos atrás, essa faixa etária representava 7,3%. Sim, estamos envelhecendo. E a boa notícia, é que podemos envelhecer bem.

E este processo de envelhecimento não se trata apenas de números e projeções, é uma realidade e possui algumas diferenças quando analisamos os perfis da população, segundo Paulo Formighieri, Médico Geriatra e embaixador da Aging 2.0 em Ribeirão Preto.

"Por conta do avanço da tecnologia que vivemos desde a década de 90, percebemos um novo perfil com demandas diferentes. Hoje as pessoas com mais de 60 anos são mais exigentes e protagonistas de sua história. São ativas, participativas, com uma rotina de vida intensa e sistemática. Dentro e fora do lar, em termos de conectividade com o mundo exterior e também em suas relações interpessoais. E neste sentido a casa precisa acompanhá-lo", afirma o geriatra.

A Aging é uma rede mundial, criada em 2012, que tem como objetivo oferecer suporte ao empreendedorismo inovador com foco nos desafios do envelhecimento e com oportunidades relevantes. Este suporte acontece de várias maneiras como parcerias e ações para receber projetos, campanhas com parcerias de grandes entidades, entre outros.

As possibilidades

Com este novo perfil, abre-se o conceito de que o aprendizado é contínuo e não deve acabar quando se chega aos 60 anos. Essa população continua ativa e mais conectada, sobretudo em tempos de restrição de mobilidade e isolamento social.

O número de pessoas com mais de 60 anos no Brasil navegando na internet cresceu de 68%, em 2018, para 97%, em 2021. É o que mostra uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offer Wise Pesquisas. O levantamento aponta ainda que as principais atividades exercidas são o uso das redes sociais pra conexão com familiares e amigos, acesso a informações sobre economia, política, esportes e outros e, a busca e compra de produtos e serviços.

Neste sentido, tem destaque o conceito chamado de Lifelong learning que se mostra como base e tendência em muitos países e, iniciando aqui no Brasil. O termo, quando traduzido, significa "aprendizado ao longo da vida", mas na prática apresenta a ideia que nunca é tarde para descobrir uma nova profissão, para se reinventar e aprender coisas novas seja na área profissional ou pessoal. Além de estar alinhada com as demandas corporativas atuais, o conceito propõe uma proatividade, protagonismo e dinamismo para ser e fazer o que quiser, independente da idade e a tecnologia tem ajudado nesta missão.

Este é um reflexo do mundo contemporâneo e tende a expor o mercado a uma grande evolução. O aprendizado adquirido durante toda uma vida não deve parar quando se chega aos 60 anos. As pessoas já estão mais ativas e ávidas por conhecimento de qualidade, mudanças e atualizações. Elas estão conectadas. E é mais do que possível manter um padrão de vida ativo e fazer, por exemplo, uma grande mudança na vida pessoal ou profissional mesmo depois dos 60!.

As funcionalidades da casa

Lançamentos recentes de assistentes eletrônicos e pessoais colaboram em inúmeras tarefas e já se mostram importante na rotina em vários âmbitos. Com eles é possível realizar e chamadas telefônicas, saber notícias em tempo real, aprender novas línguas e habilidades,

resolver problemas simples domésticos, definir alarmes e lembretes para atividades do cotidiano e apoio na prática de exercícios físicos, entre inúmeras outras funções. Tudo isso é possível pela internet das coisas e faz do lar um lugar de pura conexão com o mundo externo. O uso destes aparelhos e também de videogames, TVs, tablets e celulares podem auxiliar no estímulo do cérebro e da memória, ajudando assim a manter as pessoas ativas e menos predispostas a doenças degenerativas, por exemplo.

Em CASACOR Ribeirão Preto, Paulo Formighieri, com o apoio conceitual e institucional do departamento de Geriatria do HCFMRP/Hospital Amigo do Idoso e Sociedade Brasileira de Gerontecnologia comanda um projeto de um espaço totalmente voltado ao público 60+ onde apresenta as principais características aplicáveis para promover o protagonismo, bem-estar e aprendizado continuo do novo perfil. O ambiente foi desenvolvido com a apoio do grupo de lojas de construção e decoração da Elenco Associados e dos profissionais Norton Mello, da arquiteta e urbanista e professora da USP, Maria Luisa Bestetti e da arquiteta e urbanista Mariana Chao, referências do setor.

O ambiente de 32m² foi projetado com os produtos de diversas empresas da Elenco Associados – que possui 13 anos e conta com quase 40 lojas.

Entre as principais diferenças que podem ser percebidas estão, por exemplo, as cores escolhidas que dão o ar de tranquilidade, os pisos seguros e móveis ergonômicos que dão suporte aos objetos; sinalizações e prateleiras adaptativas na cozinha; espaço destinado ao pet e home-office, uso de espelhos para facilitar a visualização de pontos do ambiente, aparelhos eletrônicos acoplados e que ajudam no dia a dia, entre outros.

“Ficamos encantados ao conhecer e ter a oportunidade de trabalhar e participar de um projeto 100% voltado ao público 60+. Através do Aging 2.0, pretendemos convidar o mundo corporativo a pensar em novas soluções, incentivando e preparando os profissionais do ramo de arquitetura, engenharia, design de interiores e tecnologia para atendê-los, com palestras e workshops. Não só é um público que cresce exponencialmente, mas um que, há tempos, merece uma atenção e olhar especial. A Elenco Associados não se vê fora da oportunidade de somar nessa história”, comenta Luciana Pompei, presidente da empresa.

A arte e seus impactos

Ainda se tratando desse público, o aprendizado e a pratica de qualquer tipo de arte tem representado um dos principais estímulos e transformações das pessoas com mais de 60 anos. Ao descobrir novas aptidões, as pessoas vão, no seu tempo, exercitando o cérebro, criando novas amizades, novas conversas e novos interesses.

O simples exercício de ler e reescrever, aprender a pintar, criar objetos por práticas manuais, dançar, cantar, fazer um curso, ir às galerias de arte e exposições, vão ativar parte do cérebro que poderiam estar em fase de desuso, proporcionando mais disposição para buscar mais qualidade de vida, em qualquer idade.

Maurício Siqueira

COLUNISTA

Gustavo Perino

gustavo.perino@givoa.com.ar

Gustavo Perino é Bacharel em Peritagem e Avaliação de obras de arte pela Universidad del Museo Social Argentino. Revalidação do diploma no bacharelado em museologia pela UNIRIO. Pós-graduando em gestão cultural e comunicação da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais – FLACSO. É professor universitário e membro do ICOM brasil e perito judicial da ordem dos peritos do brasil – OPERB e IPJUD. Perito credenciado na associação artística cultural Oswaldo Goeldi, São Paulo. Fundador e diretor da Givoa Art Consulting desde 2012 (empresa dedicada à peritagem de arte).

A Identificação correta das obras de arte desde o ateliê

Frequentemente me consultam sobre os cuidados que se deve ter na identificação das obras de arte por parte do artista e dos galeristas que gerenciam essa produção. Sou perito de arte e trabalho na identificação das obras de arte para determinar se elas se correspondem com as consideradas autênticas (principalmente no mercado secundário). Eu posso sugerir algumas dicas aos artistas que hoje estão em produção já que no futuro existe a possibilidade de que algumas obras sejam falsificadas e incorporadas ao circuito de mercado como se fossem autênticas.

A peritagem de obras de arte é uma atividade que se estabeleceu desde o século XVIII e consolidou-se fortemente no século XX[1]. Trabalha-se principalmente sobre três eixos fundamentais: O eixo contextual-histórico, o eixo estético-técnico e o eixo material[2]. Interdisciplinarmente, pesquisa-se em equipes que estão compostas por peritos de arte, conservadores-restauradores, museólogos, peritos grafotécnicos, historiadores de arte, químicos e físicos, como é o caso da Givoa Art Consulting. A peritagem segue o método comparativo onde são analisadas obras consideradas autênticas e, os elementos que surgem desta análise, são comparados com as informações que a obra questionada possui. A valoração da prova é qualitativa e não quantitativa pelo qual é o conjunto de resultados que darão ao perito em chefe as informações para confirmar ou negar autoria de uma peça.

Vamos mencionar cada eixo e detalhar os elementos que se procuram em cada etapa. O artista em produção poderá tomar decisões sobre o processo de produção da sua obra. Essas decisões permitirão acrescentar as medidas de segurança para o futuro.

No eixo contextual-histórico é estudado todo o escrito e sabido sobre esse artista em questão. Dados sobre a sua vida, depoimentos, presença em catálogos, entrevistas, saídas na imprensa etc. com o objetivo de identificar as fases, etapas e o seu contexto de produção. Se o artista costumava trabalhar sozinho ou coletivamente, observar as suas preferências de materiais, marcas e suportes. Neste sentido, o artista em produção deve levar um registro escrito das suas escolhas, detalhar materiais, preferências, experimentações e técnica para que no futuro esses dados passem a ser fontes de consultas. A presença de obras em exposições individuais ou coletivas deve gerar catálogos e a identificação da peça deve sempre conter pelo menos o nome da obra, técnica, dimensões e ano. No caso, um título como "Sem Título 001" oferece melhores possibilidades de catalogação que um simples "Sem título".

No eixo estético-técnico estudam-se todas as características estéticas que as obras selecionadas possuem para a comparação. Ditas obras são chamadas de "testemunhas" já que são elas quem oferecerão as informações de comparação. Existem leituras linguísticas e estilísticas, estudos de como são criados os planos, se a obra segue os cânones acadêmicos ou não, se o artista se interessa pela harmonia colorimétrica ou se o foco está na expressão gestual etc. Neste mesmo parâmetro, são estudadas as ferramentas que o artista usou, a escolha do suporte, a técnica utilizada, a paleta de cores, as misturas, como também se a obra possui assinatura, seja na frente ou no verso. Dependendo do tipo de obra, os artistas podem decidir assinar somente no verso, na frente, em ambos ou não assinar. Esta última decisão afeta consideravelmente a análise futura da obra. Quanto maiores forem as informações do artista sobre a obra, mais segura ela será ante falsificações. O trabalho dos peritos grafotécnicos especializados em obras de arte é realizado sobre as assinaturas e as escritas presentes na obra e nos documentos que acompanham a peça. Desta maneira, uma obra com registro de pincel, marcas de digitais, escrita no verso e dupla assinatura representa uma das obras mais interessantes para pesquisar e uma das mais difíceis de falsificar, já que é na multiplicidade de elementos que o perito encontra as diferenças entre a obra autêntica e a falsa.

Para o falsário conseguir replicar de maneira convincente (aos olhos do leigo) todos esses elementos, deverá passar muito tempo estudando e praticando a técnica. Na análise técnica, a equipe aplica os estudos referidos à pinacologia, que são os estudos realizados sobre a pincelada que é própria do artista. O movimento, a pressão, a direção, a ordem, dentre outros, são os vetores que dirigem a criação de uma obra. Essa obra é única como a mão do mestre. Porém, não podemos subestimar a capacidade de alguns falsários de replicar uma obra de arte autêntica. A boa notícia é que muitas vezes o falsário "capricha" mais do que o próprio artista, sendo esse "cuidado" que acaba por delatá-lo ante o olhar pericial.

O artista que tomar os cuidados sobre a identificação da sua obra permitirá no futuro pesquisas bem aprofundadas sobre ela. Assinar a peça na frente e no verso, registrar corretamente os materiais utilizados, utilizar o próprio chassi como elemento de segurança e até digitais impregnadas na tela são decisões que vão muito além da estética e do ato criativo. São decisões pensando na preservação da produção para o futuro. No mesmo sentido tudo isso ajuda aos conservadores-restauradores poder cuidar do envelhecimento da peça assegurando a sua longevidade.

No eixo material são estudados com apoio dos laboratórios o material que está presente na peça questionada. Determinação sobre qual é a sua tela, se o chassi é original ou foi trocado, o estado da capa pictórica, se ela está seca, craquelada e quais são suas possibilidades de datação. Se o envelhecimento tem características de ter sido natural ou se foi produto de uma manipulação. Alguns materiais oferecem mais possibilidades de datação do que outros. O óleo e as suas composições químicas permitem rastrear, em alguns casos, até a marca do produto. Assim que mudamos para materiais mais contemporâneos como tinta acrílica, esse fator pode não ser tão relevante já que estes últimos não têm mudado muito nas últimas décadas. Da mesma maneira que nos pontos anteriores, quanto maior a quantidade de informação oferecida pelo próprio artista sobre a materialidade da obra, mais possível será diferenciar um original de uma cópia.

Hoje, mais do que nunca, os artistas em produção que conseguem se posicionar no mercado - em consequência a sua obra obtém maior valor comercial - são alvo de possíveis falsificações. Estas obras apócrifas podem conter os mesmos materiais de uso e ter sido criações cujas ferramentas também são contemporâneas ao artista. Um estudo isolado de materialidade não constitui de maneira nenhuma uma prova de autenticidade. Como mencionamos anteriormente, "é o conjunto de elementos que, sobre o estudo de uma equipe interdisciplinar, permitem confirmar ou negar a autoria de uma obra".

Certificado e Documentação: Um assunto muito complexo e polêmico.

Essencialmente e desde o ponto de vista pericial, o único certificado de autenticidade valido é o certificado criado pelo próprio artista. Ele mesmo garante que essa peça (que deve ter uma vinculação com uma foto de qualidade de frente e verso) seja a considerada autêntica. Para isso, hoje existem múltiplas plataformas que permitem digitalizar o certificado, aplicar essa informação digital num chip NFC, colocar esse chip colado no suporte mediante uma "smart tag "[3] (etiqueta inteligente) e registrar toda a operação no Blockchain, oferecendo assim a garantia de imutabilidade. Esse certificado deve conter informações técnicas e fotografias de qualidade de várias partes da obra. Ante a impossibilidade (econômica ou geográfica) de aplicar estas medidas de segurança, dever-se-á considerar que como mínimo exista um documento, com foto e texto detalhando a ficha técnica da obra e a assinatura do artista.

Todos os demais documentos que acompanham uma obra durante a sua viagem constituem informação importante, mas ela é realizada por terceiros, começando pelos certificados emitidos por pessoas que não são o artista (opiniões), registros de exposições, empréstimos, saídas em livros, catálogos, faturas de compra e de venda, transferência de propriedade e os laudos técnicos de conservação e restauração e de verificação de autenticidade.

Em outra oportunidade poderemos falar sobre o circuito de valoração econômica de uma obra e os atores de legitimação que existem no sistema da arte. Seja qual for o tamanho da produção e o posicionamento no mercado, todo artista deve cuidar da sua obra como também indicar aos seus colecionadores como essas obras devem ser corretamente conservadas. Neste caso, um assessoramento com um conservador-restaurador profissional é muito útil e necessário.

Gustavo Perino

---

[1] http://web.revistarestauro.com.br/a-obra-de-arte-frente-ao-perito-a-falsificacao-na-historia-da-arte/
[2] https://revistarestauro.com.br/a-obra-de-arte-frente-ao-perito-a-falsificacao-na-historia-da-arte-2a-parte/
[3] https://tokenizart.com/

COLUNISTA

Etrusco
etruscojr@hotmail.com

Arnaldo Etrusco é jornalista e designer industrial. Trabalhou em diversos veículos de comunicação e organizou eventos, desde os ligados ao entretenimento e cultura pop até inovação e tecnologia. Hoje, atua como curador e sócio do NAP Studio, onde, também procura "novos talentos" e dá direcionamento criativo aos artistas ligados ao estúdio.

O que são NFTs?

O mundo da arte foi tomado de assalto por uma novidade e deixou muita gente sem entender direito o que era. São os NFTs. Vendas que medem milhões de dólares e, muitas vezes, de gosto duvidoso. Mas você sabe o que são esses NFTs?

Antes de mais nada, é preciso entender o que significa essa sigla (e algumas definições ligadas a ela). Comecemos pela sigla, propriamente dita.

NFT significa Non-fungible Token, Token Não-fungível.

Tá, eu sei, "já começou complicado", mas você vai entender. Primeiramente, vamos ver o que são Tokens. Um token é um dispositivo digital de segurança, como uma senha, por exemplo. Agora, a nova palavra da moda: fungível! O dicionário nos diz que fungível é algo que pode ser substituído por outra coisa de mesma natureza. Por exemplo, um carro é um bem fungível.

Portanto, juntando o exposto acima, um "token não-fungível" (em tradução livre) é um "dispositivo de segurança que não pode ser substituído". "Tá, mas onde isso se encaixa no mundo das artes?"

Tem mais...

Vamos trazer a conversa para o meio que nos interessa: as artes. Alguma vez você já teve uma obra plagiada? Já escutei relatos de artistas que, não só, já foram plagiados, como viram seus trabalhos copiados ganharem prêmios em concursos. Agora, se isso acontece no mundo "físico", imagina com é no meio digital!

Há pouco tempo, qualquer podia entrar na internet, pegar uma imagem, sem ligar para quem a criou, é usá-la em capas de livros, pôsteres, canecas, camisetas, enfim, qualquer meio que lhe venha à mente. E as pessoas que comprassem esses produtos também não tinham ideia de quem a criou, a não ser que fosse uma imagem de algum artista conhecido.

No mercado de arte "tradicional" temos alguns dispositivos que nos dão segurança (e ao cliente), como a assinatura do artista e os certificados de autenticidade. Mas, e com as obras digitais? Aí que entram os NFTs.

No "mundo digital", esse certificado passou a ser um código de segurança, gerado pela tecnologia de blockchain, que não pode ser mudado. Não vou me estender e explicar o que é blockchain, mas basta entender que é um sistema que, até onde se sabe, impossível de ser fraudado. Assim, quando algum "produto digital" recebe seu Token, ele passa a ter um certificado de autenticidade impossível de ser fraudado.

Isso deu segurança a quem cria, por exemplo, uma imagem e, também, para quem encomendou aquela imagem, sabendo da procedência. "Ah, mas eu posso registrar minha criação em cartório ou na Biblioteca Nacional!" Será que isso te dá garantia em absolutamente todo o mundo?

E como nascem os bebês?

Agora você já sabe que os NFTs são "certificados de autenticidade digitais". São usados apenas para arte? Não, porém, necessariamente, precisa ser um "produto" digital. E isso inclui vídeos, áudios, ilustrações, textos e, claro, misturas entre essas mídias. E as experiências entre mídias podem ser infinitas. Imagine poder apreciar uma pintura e, ao mesmo tempo, poder, escutar o artista explicando sua criação. É mais ou menos por aí!

Quando escutei o termo NFT pela primeira vez, não consegui entender muito bem o para quê uma pessoa compraria um "arquivo" com uma arte, já que precisaria de algum anteparo que executasse aquele arquivo. Ao pesquisar mais sobre o assunto, descobri que em muitos casos, o comprador, além, de comprar os direitos sobre aquele arquivo, também poderia ter a própria obra física. Isso, no fim, agrega valor à arte NFT. Sem contar que, o comprador, já que adquire os direitos, pode por conta própria, imprimir aquela arte e pendurar na sua sala! Com o NFT, ninguém poderá dizer que aquela impressão não é uma obra original.

As possibilidades de negociação são tão grandes que se pode vender o direito de reprodução, o arquivo digital, pode-se enviar a obra física, pode-se vender "só" o direito de impressão", a tiragem limitada, enfim, o que melhor as partes envolvidas (decidirem).

Ah, e existe a possibilidade do artista ainda ganhar uma comissão sempre que seu NFT for revendido no mercado, como se fosse uma espécie de royalty.

E quem "faz" o NFT?

As empresas que executam todo esse processo de certificação são chamados de "estúdios de NFT". É o caso do NAP Studio. O NAP Studio foi criado exatamente para processar os NFTs, colocá-los para venda em marketplaces (espécie de galerias virtuais) específicos e dar todo suporte e assessoria ao artista interessado em entrar nesse mercado.

Qual o melhor marketplace para aquela obra? Que valor cobrar? Para quem vender? Qual o melhor formato? Venda direta ou leilão? Da mesma forma que um marchand se faz necessário no mercado "tradicional" de arte, os estúdios fazem sua contraparte no mundo digital.

Se, na maioria das vezes, um artista não consegue gerenciar sua carreira, no caso da NFT Art a coisa complica um pouquinho mais. Não é apenas digitalizar uma obra e colocar à venda. É necessário criar uma "carteira digital" em uma corretora de criptomoedas, comprar essas moedas, escolher o marketplace que tenha maior número de vendas daquele estilo, mintar a obra, pagar (em criptomoedas) para colocar definitivamente para venda, receber (em carteira virtual) o valor da venda, pagar impostos, etc. Isso sem contar as estratégias, como já dito, se será em leilão (nesse caso, com lance livre ou mínimo), em venda única (single edition) ou em série, e, antes de tudo, saber fazer o "lançamento" da obra, o que exige saber utilizar diversos tipos de redes sociais diferentes das usuais.

Boatos e verdades

Com certeza, se você não mora em Marte, já escutou sobre os valores exorbitantes que alguns NFTs tiveram no mercado. Infelizmente, são exceções. É preciso se atentar de que o mercado de arte NFT é como o mercado de arte tradicional, o preço da obra depende de vários fatores, como a técnica, o tempo gasto na produção e, principalmente no "nome" do artista.

O "marketing" por trás daquela obra, nesse momento, ainda conta muito. Tem-se histórias de simples pixels que chegaram a preços de milhares de dólares (sempre em criptomoeda). Se você visitar os marketplaces, vai encontrar obras e coleções que podem partir de poucos dólares. Mais uma vez, funciona com um mercado de arte como qualquer outro. Porém, é um mercado globalizado e que abre muitas portas e possibilidades. Nada impede que uma obra tenha seu NFT vendido, mas que o objeto original ainda esteja disponível para negociação.

Se interessou pelo assunto e quer entrar nesse mundo? Entre em contato com o NAP Studio. Nossa equipe terá o maior prazer em tirar suas dúvidas e atendê-lo da melhor forma possível.

Arnaldo Etrusco

ENTREVISTA

James Lisboa

lisboa@leilaodearte.com

James Lisboa é leiloeiro oficial desde 1986. Já realizou diversos leilões e alguns de espólios importantes assim como: família Arno, Joe Kantor e Roberto e Maria Mellão de Abreu Sodré (Ex-Governador do estado de São Paulo). Foi eleito entre os 250 melhores leiloeiros do mundo pela revista Art+Auction.

Imagine-se face-a-face com alguém que você admira muito e para quem você poderia fazer um milhão de perguntas para lhe ajudar a compreender a dinâmica do mercado de arte. Agora imagine que essa pessoa se senta na sua frente, sem demonstrar qualquer pressa, e se coloca inteiramente ali, para conversar com você Eis como é, como me senti e me sinto.

James Lisboa me recebeu em sua galeria no dia 30 de setembro, mas já tínhamos conversado lá em outras duas ocasições. Inclusive, uma delas foi quando eu pedi que viesse como colunista na Revista Artrilha e ele recusou-se. Ao invés disso, ele sugeriu a entrevista. Colocou-se à disposição para que ela acontecesse da forma e no formato que eu desejasse. Minhas reações ao James são de completa surpresa, quase sempre, porque ele é muito gentil e solícito, e no mundo atual, tamanha educação, prontidão e receptividade são qualidades raras de se encontrar. Sempre sinto minha responsabilidade aumentando quando falamos.

Ele fala com cordialidade e não é intimidador, pelo contrário. Ele olha você nos olhos e, mesmo assim, você se sente confortável com ele. Eu, como sempre, sou eu, um tanto quanto atrapalhada, mas muito autêntica. Tenho a impressão que ele se diverte comigo, um pouco, e com esse meu jeito de quem está aprendendo, quer aprender mais, mas sabe que tem muito chão pela frente. Sou simples, e ele sabe disso.

À seguir, você encontra essa entrevista que é a primeira da minha vida. Acho que começei com o pé direito. Nunca terei palavras suficientes para agradecê-lo! Mesmo assim: obrigada, James. Muito obrigada!

Edna

Revista Artrilha: Na sua jornada como leiloeiro, pensando diacronicamente sobre o mercado da arte, o que você destacaria como pontos positivos e negativos e como você descreveria o Brasil em relação ao mundo?

James Lisboa: Descrever o Brasil em relação ao mundo, com o perfil de leilão de arte, é uma coisa muito específica e dirigida. Eu diria a você que os leilões de arte dos anos 50 anos para cá, se desenvolveram de tal forma que, nesse período, havia na cidade como São Paulo, um ou dois leilões de arte por ano. Hoje você tem uma oferta de dez a quinze leilões diários abrangendo todos e qualquer tipo de coleção, tanto pintura, como escultura, objetos de casa, bebidas raras, selos, moedas e toda gama de colecionismo. Comparando isso para com o exterior, temos que se levar em conta que a Inglaterra e França, através de duas empresas, que foram fundadas quando do descobrimento do Brasil, isso há 500 anos, já faziam leilões equivalentes. Quer dizer, a tradição deles, nesse sentido, é muito ampla e mesmo porque, o mercado também é economicamente muito forte no exterior, e aqui está se apresentando de uma forma positiva, mas ele [leilão] tem como se expandir pelas outras capitais do país e criar condições mercadológicas muito mais vastas do que as atuais.

RA: O Brasil se destaca no continente,, estatisticamente (segundo relatório da Art Basel), mas nossos números são muito inferiores ao montante de negócios na Europa e América do Norte. Na sua opinião, o que impede o Brasil de fazer mais negócios na arte?

JL: Lógico que a trajetória das casas de leilões ou de galerias no exterior são muito mais fortes por uma questão de poder econômico. O Brasil tem condições? Tem! De expandir também e de haver uma procura maior em torno de artistas, de obras de arte e de exposições também. Os dois grandes centros que ainda continuam, em São Paulo e Rio de Janeiro, têm a predominância em relação as grandes exposições e aos grandes leilões, mas a gente já vê nas capitais como: Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, e Fortaleza, um interesse constante em relação àquilo que está sendo oferecido. O empecilho ainda é econômico, isso ainda impede que as coisas possam ser expandidas de uma forma mais ampla, mas aos poucos a gente sente, principalmente devido às divulgações, que está se expandindo de uma forma muito positiva.

Eu vou usar como exemplo o fato de que quando comecei a fazer leilão a única forma que eu tinha de divulgar era através de telefone convidando os clientes, mala-direta ou através de jornal. Hoje com a tecnologia, podemos entrar pela internet em todas as casas de leilões e ter a possibilidade de transmissão ao vivo através de canais de televisão. Depois disso, ampliou de uma maneira muito positiva, o interesse de pessoas em todo o Brasil e no mundo. Tanto é que, hoje, 40% do que nós vendemos em leilão vai para outras capitais que nunca tínhamos a possibilidade ou forma de poder chegar.

RA: Os leilões são, historicamente, um dos mais eficazes meios de comércio, e os leilões de arte vem conquistando a atenção do público. Os leilões online são tão relevantes quanto os presenciais? Você acha que a pandemia conseguiu "forçar" os clientes brasileiros mais tradicionais a migrarem para o universo digital? Digo em termos de valores, artistas, número de compras, etc.

JL: A atual circunstância de saúde pública no Brasil, lógico, interferiu dentro daquilo que nós estávamos habituados a fazer. O leilão sempre teve, no decorrer de todo esse período, desde a sua criação, a participação física dos

colecionadores e das pessoas interessadas. O leilão presencial cria uma emoção daquilo que está sendo apresentado, não só uma emoção por parte daquele que apresenta, nesse caso o leiloeiro, mas na participação do cliente que, à princípio, tem como hábito disputar aquilo que ele quer, estabelecendo seus limites no sentido de gastos, ou emocionalmente, mas não deixar de levar aquilo que gosta. Lógico que o leilão presencial cria um calor e um resultado, eu diria até mais positivo que no resultado final de uma venda, mas isso em relação à pandemia, que criou um novo tipo de oferecimento; e, principalmente, o digital, que é apresentado de uma forma na qual o leiloeiro demonstra a obra e o cliente lança por telefone ou pela internet, é uma maneira mais fria de se disputar, mas, ao mesmo tempo, amplia também o número de pessoas participantes. No leilão presencial, a pessoa tem um determinado horário para se deslocar, chegar sozinho ou com a família, mas dentro de casa ele tem o conforto, a segurança e a maneira mais simples de poder disputar aquilo que está sendo apregoado. Se de uma forma tirou a emoção da presença, por sua vez essa situação ampliou o número de pessoas ao participar e a disputar.

A gente tinha como hábito, um giro do nosso negócio, fazer quatro leilões por ano presede exposição. Depois da pandemia, nós temos feito faixa de seis a sete leilões online por ano. Tudo isso por sua vez trouxe um resultado mais positivo de amplitude de pessoas ao participar dos leilões que realizamos.

RA: Em termos pessoais, você já comprou arte em leilão? Qual a compra que você mais gostou de fazer e qual foi a mais marcante?

JL: Sempre frequentei e comprei em leilões desde meus catorze anos, eu me lembro que nos leilões do começo da década de 70, meu pai, pessoalmente, me levava. Eu participava, eu gostava de ver, já era uma coisa que estava em meu sangue desde a minha infância e adolescência. Um quadro que me deu muito prazer em adquirir foi uma obra que não descrevi isso para o leiloeiro naquele momento, mas era uma obra pintada pela minha mãe, uma pintora e restauradora no começo dos anos 70 e que encontrei num leilão. Eu disputei o quadro com muita atenção e adrenalina, acabei arrematando. A obra ainda se encontra comigo, é uma paisagem com casario, medindo mais ou menos 60x80cm, e isso criou, lógico, uma expectativa de querer possuir a obra e acabei levando. Isso cria um prazer emocional no sentido da disputa,

“isso marcou muito a minha vida!”

RA: Também em termos pessoais, se pudesse adquirir uma peça que é alvo de seu desejo e ainda não teve a oportunidade, poderia dividir esse desejo conosco?

JL: Olha, uma coisa que eu nunca deixo de comprar, porque eu tenho um gosto pessoal, são pinturas de Sônia Grassmann. Ela tem um “quê” que as figuras femininas são muito sedutoras e lembram pinturas renascentistas. Eu gosto de colecionar pinturas dela, em geral. Agora, em termos pessoais, no sentido de vaidade em ter uma obra, eu gostaria de ter uma pintura do Picasso. Eu reputo o Picasso porque é o primeiro pintor que surgiu na humanidade, que emparelha em importância com Leonardo da Vinci, que são os dois expoentes da raça humana, que ultrapassam qualquer limite de inteligência, criatividade e importância. Se você levar em conta, não tem ser humano que tenha passado na face da Terra que tenha produzido tanta riqueza, individualmente, cito um grande empresário como Henry Ford que fez Ford e criou o Forte T, mas para desenvolver toda essa tecnologia e todo esse trabalho ele precisava de engenharia e de vários operários para poder produzir aquilo que ele desenvolveu. Picasso, pegando uma tela, tinta e aquilo que ele criava, desenvolveu no decorrer da sua vida, milhões de pinturas e desenhos, que se multiplicar pelo número daquilo que as obras podem alcançar em pregão; não há nenhum homem na face da Terra que tenha feito tanta riqueza quanto Picasso. Isso é apenas uma referência no sentido de sua importância. Eu tenho gravuras, mas realmente gostaria de ter uma pintura à óleo do Picasso, não importa a fase.

RA: Para um novo colecionador de arte, quais os conselhos que você daria para uma boa compra e qual a opinião que você evitaria oferecer?

JL: É importante ter em mente o que você gosta, não porque seja modismo ou por indicação de uma pessoa que oferece uma determinada obra e você não gosta da imagem e daquilo que o artista faz, mas é convencido de que a obra é um grande investimento. Na realidade, o grande investimento é aquilo que lhe dá prazer no sentido estético e de valor. Não pense em curto prazo, a pintura em si tem que ser a longo prazo. Aquilo que você comprar, vai te dar retorno em no mínimo 10 anos. Nesse tempo você pode acompanhar a trajetória do artista, se ele estiver vivo, em relação a todas as fases, e aquilo que ele desenvolve.

RA: Já para o artista que gostaria de se profissionalizar, conquistar relevância no mercado cultural, atingir um valor de mercado que lhe possibilite viver apenas da arte, o que você notou na trajetória de artistas que "chegaram lá" e são tidos como consagrados, que possa servir como um "guia" e que você gostaria de citar como exemplo aos artistas iniciantes.

JL: Vamos atravessar os séculos e buscar o final do século IX, quando através de D. Pedro II foi criado o Museu de Belas Artes e condições econômicas para que artistas daquela época pudessem estudar e desenvolver seu trabalho na Europa, e quando digo Europa, é em Paris. Artistas que se projetavam naquele período precisaram de bolsas de estudos ou de um fundo de manutenção para poder se instalar na cidade, estudar e lá permanecer um ou dois anos. Como todos sabem Pedro Américo ao pintar o grito de Ipiranga pintou isso no exterior e depois transportou essa tela para o Brasil, Dom Pedro II tinha essa visão, tanto é que, na Escola Imperial de Belas Artes, daquele período, patrocinou vários artistas para trabalharem e estudarem fora.

Entrando já no século 20, nos anos 10, alguns artistas também foram procurar os grandes movimentos artísticos que estavam sendo feitos, e a gente pode destacar a Anita Malfatti que fez a primeira grande exposição de pintura e desenho moderno em 1917, logo em seguida a Semana de 1922 — e ano que vem faz 100 anos em fevereiro no qual Di Cavalcanti reuniu amigos e artistas e fez uma grande exposição no saguão do Teatro Municipal de São Paulo.

Lembrando que, naquela época, não havia galerias e meios de se divulgar e que todos esses venciam por alguma coisa chamada talento e persistência, isso que era o essencial para poderem se manter, e esses artistas que contestavam tinham um prisma de pintura moderna, não contestando o acadêmico, mas mostrando um novo caminho. Eles tinham muita dificuldade em se manter ou de desenvolverem o seu trabalho nos anos 20, mas com muita persistência eles conseguiram sobreviver, e depois, nos anos 30, a gente tem como exemplo os artistas que fizeram parte do grupo Santa Helena. Todos eles tinham uma atividade profissional paralela para poder pintar e desenvolver o seu trabalho tais como, Mário Zanini, Alfred Volpi, Fúlvio Pennacchi, Aldo Bonadei, para poder se manter, eles pintavam azulejos ou arabescos nas paredes das grandes mansões da época e nesse caso conseguiam se manter. A persistência deles é que criaram esse prisma. Logo depois no final dos anos 40 e começo dos anos 50 a Bienal abriu um campo vastíssimo para todos esses pintores, não no sentido profissional de sobrevivência, mas informativo daquilo que vinha de fora e que era um importante centro de informação.

Muitos deles como Candido Portinari, artista importantíssimo, tinha como sobrevivência fazer retratos, e esses retratos, hoje, representam quase 25% da sua produção, e isso fazia com que ele pudesse ter condições econômicas para pintar aquilo que gostava.

Os pintores de hoje têm uma gama, muitos meios de transmitir, de trabalho e de galerias para poder expor, ou de meios para poder vender.

A persistência no sentido de talento e insistência naquilo que [o artista] gosta de criar e desenvolver, é persistir e acreditar que o seu talento é a mais forte do que qualquer barreira possa lhe impedir.

Eu, quando converso com o artista, e me perguntam qual é o caminho, eu digo que é pintar muito, se tem mercado para vender dez, pinte vinte, se tem mercado para vender vinte, pinte quarenta. Pinte bastante porque isso é que dá a ampla vontade de persistir para poder chegar num caminho adequado, tanto no sentido profissional, quanto no artístico.

RA: Temos um grande mercado informal de arte formado pelas vendas dos artistas sem representação. Não há estatísticas sobre isso e me parece que cada artista decide o preço que cobra, sem muito auxílio profissional nessa questão. Quando se compara esses preços aos preços dos leilões, muitas vezes o público de surpreende, porque eles parecem inflacionados. Como você trabalha a precificação, e quais os parâmetros que recomenda aos artistas, para que eles operem melhor seus preços finais.

JL: O valor de uma obra de arte é muito subjetivo, o artista determina aquilo que ele gostaria no sentido do seu trabalho e da sua criatividade, mas em torno disso existe um fator mais importante que é oferta versus procura, e o mercado em si, atrás disso existem as galerias que comercializam e protegem os artistas que tem um vínculo profissional ou de estabilidade para cada casa, e isso faz com que possa haver uma especulação muito aquém daquilo que o mercado possa encontrar ou oferecer, mas isso o tempo conserta.

Quanto à captação de leilão a função do leiloeiro em relação ao proprietário da obra que coloca a pintura em pregão é dar liquidez. Se usa muito como referência aquilo que o mercado pede, que é a tabela do artista, e se faz uma média para poder ter uma avaliação que possa criar condições de venda e de especulação.

O preço mais correto de um artista em relação ao mercado é leilão porque a obra tem que se defender por si só, não só dentro daquilo que o artista criou e a credibilidade que foi proposta. Quando o artista oferece a obra em uma galeria existe em torno disto um envolvimento emocional do autor para aquele que quer adquirir, quando você coloca uma obra em questão no leilão, a única coisa que defende o artista é o seu talento e aquilo que ele criou, isto é que determina realmente o preço e o seu valor de mercado.

RA: Tem se falado muito entre os artistas e tem se discutido muito em mentorias artísticas o desenvolvimento de uma linguagem e uma poética para que o artista se sobressaia no mercado. Muitas vezes, o artista se sente pressionado a acelerar técnica e é instruído a abandonar temas e estilos que lhe auxiliam no desenvolvimento, habilidade e técnicas. Claro que não há como discutir todos os percursos de todos os artistas em uma única postulação, mas gostaria de pedir três exemplos de artistas brasileiros que, na sua opinião, são o próprio legado daquilo que um artista renomado consegue alcançar.

JL: Eu poderia citar três artistas do século XX que, pela insistência naquilo que fizeram, se consagraram pelo trabalho e criatividade: Candido Portinari, Di Cavalcanti e Aldemir Martins. São exemplos típicos de artistas que, mesmo com toda dificuldade social e econômica, persistiram no seu trabalho e deixaram uma obra criativa e extremamente importante para o patrimônio do país.

RA: Em tempos de pandemia, alguém chegou para você e pediu um abraço e uma selfie. Você respondeu gentilmente dizendo que "abraço é conforto emocional" e mencionou o quanto estávamos precisados disso. Se você pudesse nos deixar um pouco de conforto emocional, para nós, artistas, que vivemos constantemente uma montanha-russa, lidando ora com as cobranças pessoais, as pressões e imposições do mundo digital, a fragilidade financeira comum à maioria dos artistas, a difícil entrada nas plataformas "profissionalizadas" (galerias, leilões, salões, etc.), qual seria o abraço que você nos deixaria por escrito?

JL: O abraço mais forte no sentido de conforto emocional e para os artistas é: persistam e insistam naquilo que acreditam e no seu talento, não existe barreira naquilo que você quer como trajetória para desenvolver seu trabalho, sua vida social e aquilo que tem como objetivo. Esse é o caminho mais curto para se chegar onde almeja.

HOMENAGEM

Maria Inês Lukacks

aba.aquarela@gmail.com

Maria Inês Lukacs é artista plástica, aquarelista, presidente da ABA – Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel desde 2014. Pós graduada em Artes Plásticas – Especialidade em Aquarela – na FASM - em 1998, orientanda de Iole Di Natale.

Iole Di Natale

Falar sobre Iole Di Natale é sempre um prazer e um enorme aprendizado.

Iole Di Natale nasceu em Varese, Itália em 16 de setembro de 1941 e chegou ao Brasil em 1949. Foi somente em 1965 que se tornou brasileira, mas anos depois reconquistou sua cidadania italiana e conservou ambas porque amava ambos países com unhas e dentes.

Viveu sua vida entre a Itália e o Brasil. Uma casa em Alessandria, Itália, onde passava três meses por ano e um apartamento e um ateliê em São Paulo, onde vivia e ensinava e trabalhava os outros meses do ano.

Iole Di Natale e um pequeno grupo de artistas se reuniram com uma meta em comum: o interesse, o desenvolvimento, a expansão do conhecimento, o desejo de que a ARTE DA AQUARELA transpassasse barreiras e fronteiras, levando ao público amante de arte, os meios e as possibilidades da divulgação da técnica da aquarela, técnica esta ainda caminhando a pequenos passos não somente no Brasil mas no mundo em geral.

Seu amor pela Aquarela a fez uma defensora da técnica e batalhadora, e assim foi criado em 1987 o Núcleo de Aquarelistas da FASM, (Faculdade de Arte Santa Marcelina), local onde trabalhava como professora. Quase 20 anos após, em 2006, o Núcleo de Aquarelistas se transformou em ABA – Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel.

Iole trabalhava comitantemente a Aquarela e a Gravura, e assim, pensando sempre no futuro, quis que o novo nome do grupo abrangesse também os gravadores e desenhistas e não somente os Aquarelistas.

Iole tinha um senso de aglutinação de ideias e pessoas e assim costumava mencionar:

"Acreditar em ideais, reunir as pessoas e realizar ações talvez seja algo decorrente de minha origem latina. Em minha ascendência italiana, a exemplo também de meu pai, a valorização da arte e da cultura sempre resultou necessária para amplificar o potencial do ser humano, e sentia profundamente que era como italiana que aquilo era o que eu podia fazer e vivenciar e este movimento deveria ganhar força.

Isto me faz lembrar da frase de Ítalo Calvino: "encontraremos no próximo milênio aquilo que nos propusermos a levar" e foi o que me norteou durante todas as duas décadas de 1990 à 2010.

Eu queria implantar uma metodologia de estudo avançado da aquarela, pois sempre acreditei que sua prática estivesse associada ao desenvolvimento em altíssimo nível da sensibilidade, ampliação da percepção e crescimento humano de valores espirituais num mundo contemporâneo altamente robotizado e materialista."

Iole de Natale

Foi com esta garra e mentalidade que Iole Di Natale comandou seu Ateliê Calcográfico por 35 anos e comemorou com uma exposição que levou a mostra de seus artistas que frequentaram o ateliê em algum momento dos 35 anos, de São Paulo para Campos de Jordão e até FABRIANO na Itália.

Na ABA / Núcleo proporcionou aos associados 29 anos de exposições e eventos no Brasil e no exterior anualmente e foi sua tenacidade e exemplo que fizeram com que a associação tenha tido a continuidade pela qual Iole Di Natale lutou toda sua vida.

Em 16 de setembro de 2021, Iole completaria 80 anos, mas ela precocemente nos deixou em 05 de setembro de 2016.

Deixou um vazio na ARTE, e aos seus amigos, alunos, e admiradores, porque são poucos aqueles que convidem o conhecimento, suas pesquisas, suas oportunidades e experiência pensando sempre com o olhar para o amanhã.

Maria Inês Lukacs

Índice de Artistas

ALZIRA CHALOUB	28
ANA MARIA XAVIER GUMARÃES	32
ANA PAULA JARDINE	36
ANDREA C. KRAUSE	40
ARA CELIS VILELA	44
ARY FRAN	48
CARMENCITA	52
CAROLINE SIMÓ	56
CRIS PICERNI	60
CRISTINA PIRES FURTADO	64
DANIELE BLORIS	68
DANILO LUCENA	72
DINORAH ROSENCRANTZ	76
EDNA CARLA STRADIOTO	80
ELIARA BEVILACQUA	84
ELZA KOLB	88
FERNANDA KAROLINO	92
GÊIZA BARRETO	96
GLORIA CONFORTO	100
JU BARROS	104
KÁTIA BRASILEIRO	108
LEILA BISCUOLA	112
LEILA COSTA QUAGLIO	116

LUCIA PENIDO PORTELA 120
MARCELO LOPES 124
MARIA AMÉLIA FONSECA 128
MARIA CAVALLARO 132
MARIANA STORINO 136
MONI PIMENTA 140
NATI SÁEZ 144
PATYLENE 148
PAULA QUEIROZ 152
PAULO VÍTOR CARNEIRO 156
R. F. BONGARTEN 160
REGINA MASLEM 164
REGINA MELLO 168
ROBERVAL SILVA 172
RODRIGO MOTTA 176
ROSANA AMATO 180
SALETE LOTTERMANN 184
SI CAVALCANTI 188
SIMONE CEIA 192
SUZANNE GOMIDE 196
TALITA Z 200
TATI GARCIA 204
TERESINHA MAZZEI 208
TEREZINHA BILIA 212
VINÍCIUS DE PAULA 216
YARA DELAFIORI 220
YLMA OHARA 224

Alzira Chaloub

alzirabrittopereira@gmail.com

Alzira Chaloub (RJ), médica, artista plástica, usa desenho, colagem, pintura à óleo e acrílica, porcelana e aquarela. Baseia sua criação em: cursos livres, escola de artes Parque Lage (RJ), aquarela Dulce Nascimento, hiper-realismo E. Bork. Produz telas em acrílico em estilo expressionista e figurativas. Exposições coletivas em galerias: MBLOIS, PopUp Art, Arte e Vida, AVA, 30o Salão da SBBA; e Internacionais: Japão, Finlândia, Estados Unidos, França, Alemanha. Publicações: Revista Arte & Estilo (2017 e 2019), BRAZIL Connection in Europe Art Catalog (2019), Artrilha 2ª Edição (dez/2020), ”Be Arte “ (2ª edição de dez/2020). Sua obra traduz um olhar diferenciado sobre a natureza, usa fotos autorais e cores fortes, imagens simbólicas, deflagrando certo mistério e imaginação no expectador.

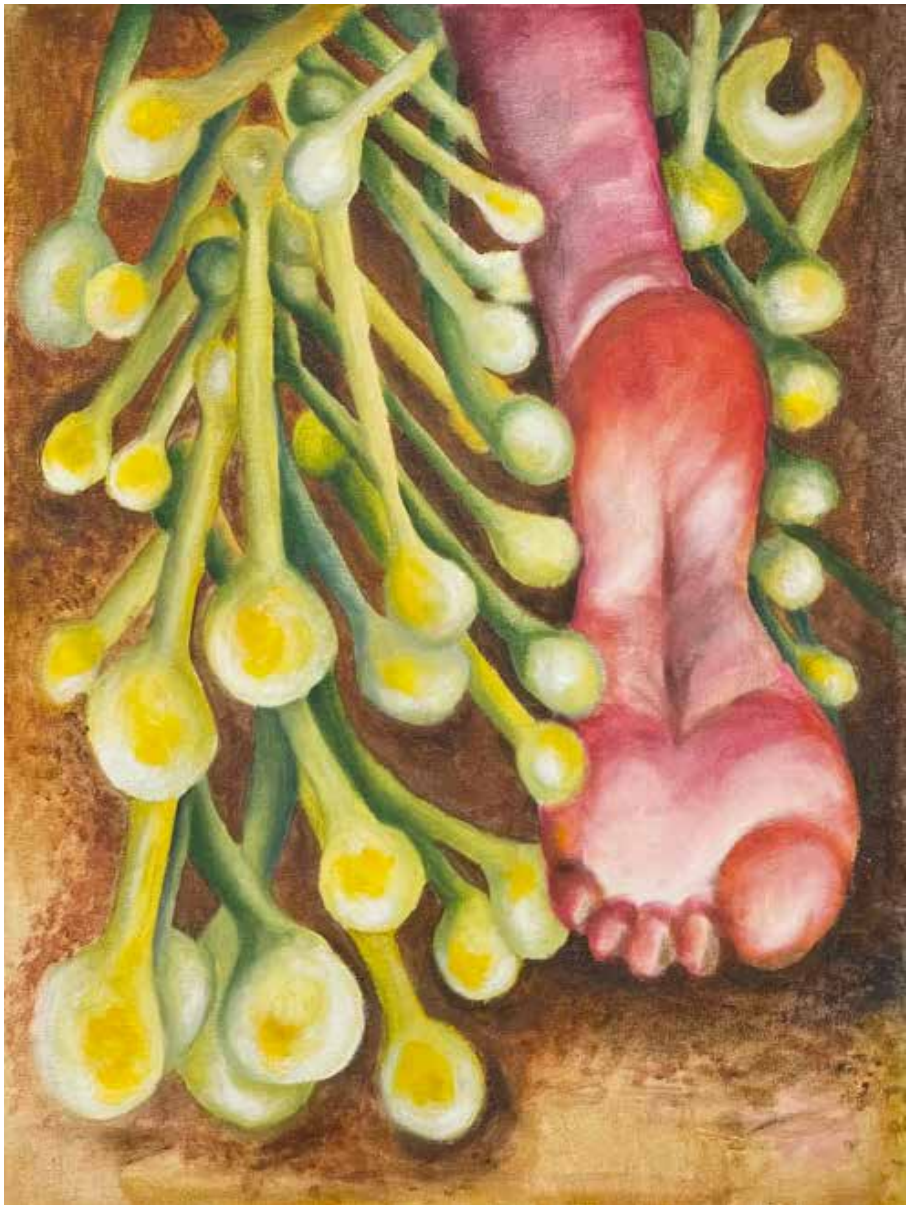
Alzira Chaloub | Bromélias Vermelhas no Jardim das Delécoas | Pintura | 100x100cm | 2019

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Natureza

A obra visual de Alzira Chaloub tem na natureza o seu ponto de partida. Trata-se de uma jornada pelas imagens em que os detalhes ganham importância como expressão da grandiosidade de uma percepção de mundo. Há muito a aprender com os ciclos de árvores e plantas. As minúcias de uma folha, por exemplo, são uma aula de composição. Observar como uma flor ocupa o espaço é desenvolver uma inteligência do olhar e uma estética do entendimento de como a beleza se dá em todos os lugares, mesmo os mais improváveis. O tempo de aproveitar e usufruir cada uma dessas manifestações é diferente daquele da metrópole. Trata-se de um exercício permanente que leva a um entendimento melhor e mais amplo da função de cada ser, o que inclui também, é claro, a raça humana, com seu potencial de destruição do mundo no qual ela habita e do qual depende.

Alzira Chaloub | Ciclos da Natureza | Pintura | 70x50cm | 2021



Alzira Chaloub | Pé na Mata | Pintura | 65x50cm | 2021

Ana Maria Xavier Guimarães

anamaria.artesplasticas@gmail.com

Ana Maria Xavier é artista plástica, natural de Corinto, MG, reside e trabalha em BH. Graduação e Pós-graduação na Escola Guignard. Suas obras e pesquisa englobam: desenho, pintura, gravura e escultura. Em 2016, começou a estudar cerâmica como reabilitação, após um acidente. Recuperou movimentos da mão, as memórias da infância e hoje, é parte importante da sua vida. Integra o grupo de pesquisas sobre cerâmica antropológica @gestoufmg. A inspiração da atual série Amamentar veio das memórias de uma feminidade profunda, despertadas pela cumbuca Aratu-Sapucaí. Estas esculturas representam suas reflexões sobre o poder feminino, os seios fartos que produzem alimentos para o corpo e a alma. Desde a década de 70 participa de salões, exposições coletivas e individuais, no Brasil e em outros países.

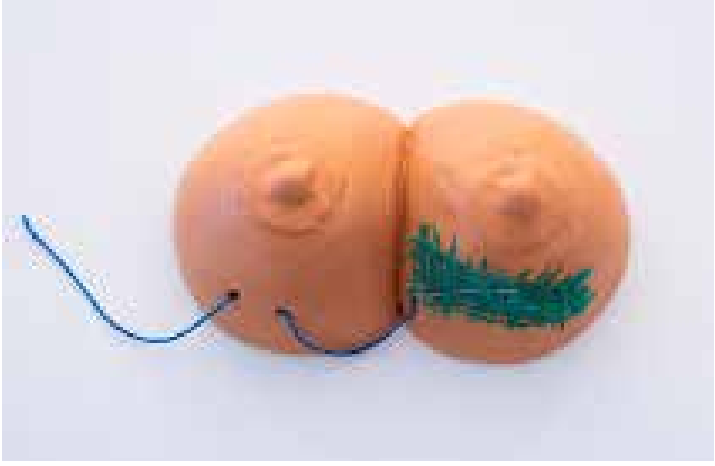
Ana Maria Xavier Guimarães | Entre o Amor e a Dor | Cerâmica | 26x14x11cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Corpo

O corpo feminino é uma temática essencial na obra de Ana Maria Xavier. As vertentes simbólicas dessa temática apontam para caminhos que se cruzam em diversas esferas. Um deles é o de Lilith. Na mitologia da Babilônia, era um demônio com corpo de mulher que vivia no inferno e, na Cabala judaica, surge como a primeira mulher de Adão, podendo ser interpretada como o demônio feminino acusado de assumir a forma de serpente e de apresentar o fruto proibido a Eva, condenada, por ter cedido à tentação, a sentir as dores do parto. A visualidade proposta por Ana Maria Xavier trabalha com as ambiguidades do amar e do sofrer e com suas perdas e ganhos, em uma poética visual que mergulha na essência do ser mulher, entendendo a sua existência como um universo de transformações permanentes desde as tradições mitológicas e bíblicas ao mundo contemporâneo.

Ana Maria Xavier Guimarães | Absorvendo | Cerâmica | 30x16x11cm | 2021



Ana Maria Xavier Guimarães | Todas Somos Capazes | Cerâmica | 15x9x7cm | 2021

Ana Maria Xavier Guimarães | Transbordando | Cerâmica | 30x16x9cm | 2021

Ana Maria Xavier Guimarães | Sonho da Infância | Cerâmica | 28x28x9cm | 2021

Ana Paula Jardine

anapaulajardine@gmail.com

Ana Paula Jardine é formada pela Universidade Federal do RS em Artes, bacharelado em cerâmica desde 2001. Trabalhou durante seis anos com projetos culturais dentro de programas do Sebrae/RS, desenvolvendo produtos artesanais junto a comunidades locais. Foi para SP em 2004 e retomou a cerâmica dando aulas e ministrando workshops. Desenvolveu uma linha artística cerâmica retomando sua caminhada pelas Artes e criou a marca “JoAna de Barro” com produtos comerciais de cerâmica utilitária. Tem em seu currículo sete exposições no território nacional.

Ana Paula Jardine | Luzes da Alma | Placa | 28x18x13cm | 2020

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Vida

A criação de uma cerâmica é um ato de vida. Qualquer que seja o seu processo, em termos de modelagem, forma proposta com a argila ou queima, existe um mergulho poético na sensibilidade, que pode ser vivenciado no resultado. Ana Paula Jardine traz, em seu trabalho, um lidar com o espaço e com as expressões orgânicas da natureza que conduz a uma reflexão em dois níveis: a maneira como o material foi trabalhado e a intencionalidade de suas sutis proposições ao se valer de recursos plásticos e visuais para gerar no observador as mais variadas reações. Não há uma clara indicação de caminhos, mas um percurso que propicia percorrer veredas e complexidades existen ciais. Existe, portanto, um resgaste do multifacético papel da arte enquanto manifestação humana que possibilita um rever permanente de si mesmo, do outro e do mundo.

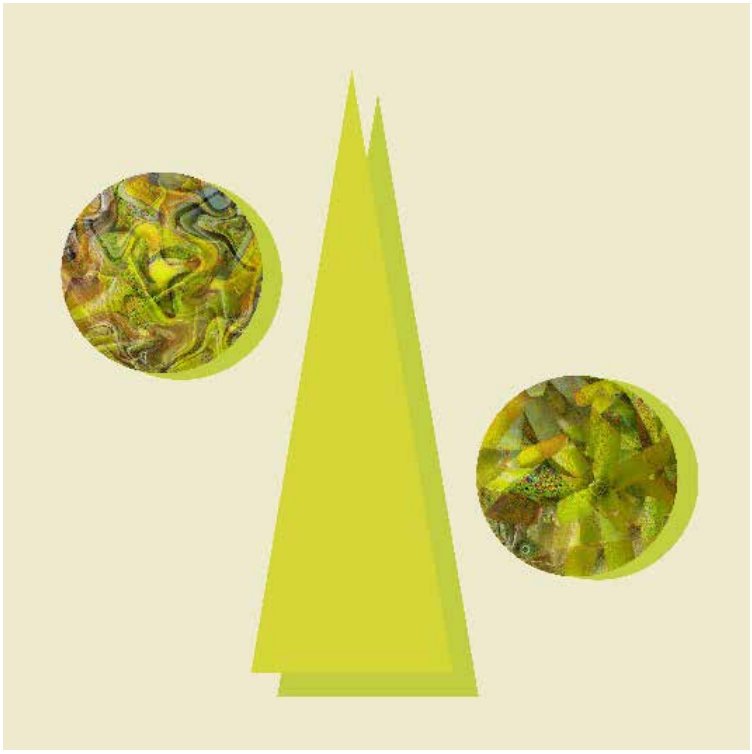
Ana Paula Jardine | Fendas do Mar I | Placa | 29x26cm | 2020

Ana Paula Jardine | Fendas do Mar II | Placa | 19x15x20cm | 2020

Andrea C. Krause

andrea_ck@terra.com.br

Andrea C. Krause é designer e artista digital, formada em Desenho Industrial pela FAAP, reside em SP. Sua poética caracteriza-se por uma interface entre a imagem real e o tecnológico. Inspira-se na fotografia para criar elementos geométricos e formas orgânicas, através da manipulação digital das imagens encontradas no mundo fascinante da natureza, criando grafismos, sobreposições e falsas perspectivas. Utiliza a geometria para expressar seu trabalho, com linhas, círculos, quadrados e triângulos, em diferentes suportes. Participa de exposições desde 2017, suas obras estão na Galeria Virtual Inn Gallery.



Andrea C. Krause | Gaia | Arte Digital | 2021

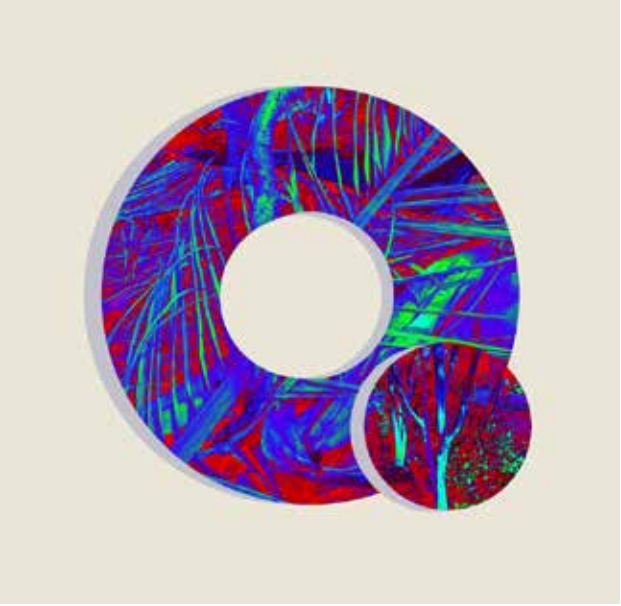
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Origens

As artes visuais têm, entre as suas capacidades, a de dialogar com as origens do universo e da existência. A proposta visual de Andrea Krause se dá nessa dimensão de perscrutar aquilo que somos e o que podemos vir a ser. Nesse aspecto, as formas geométricas ganham dimensões simbólicas. Um triângulo, com sua verticalidade, por exemplo, aponta para uma possível ascensão, enquanto os círculos remetem aos ciclos da vida em uma perspectiva repleta de transparências e opacidades daquilo que pode ser visto e sugerido. O sagrado se manifesta no dinamismo das obras e no uso de cores como o amarelo. A artista expressa assim a sua interpretação de mundo plena de sentidos que se desdobram quando o olhar do observador se torna progressivamente atento. Mergulhar, assim, em uma imagem, faz despertar e renascer para novos mundos.

Andrea C. Krause | Ciclo da Mutação | Arte Digital | 2021

Andrea C. Krause | Ciclo do Ar | Arte Digital | 2021



Andrea C. Krause | Ciclo da Terra |
Arte Digital | 2021

Andrea C. Krause | Ciclo da Vida |
Arte Digital | 2021

Ara Celis Vilela

aravilela.arte@gmail.com

Ara Celis Vilela é aquariana, natural de Mineiros – GO. É pós graduada em Educação Física pela PUC – PR e Artista autodidata desde 2003. Sua arte é a pintura em tela e seu estilo o abstrato contemporâneo. Através deles Ara Celis transmite aos apreciadores de arte suas emoções e sentimentos. Ela também utiliza a técnica mista com tinta acrílica, sendo a sua identidade mais marcante a presença de folhas de ouro na composição de todas as suas obras. O ano de 2021 está sendo um marco em sua carreira artística, com um número considerável de exposições, cursos, grupos de estudos e contatos com pessoas influentes do meio artístico!

Ara Celis Vilela | Jardim da Valentina | Técnica Mista | 80x120cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Essências

A busca da síntese no trabalho visual é um desafio permanente. As obras de Ara Celis Vilela trazem justamente um questionamento nessa direção. Atingir a essência do próprio trabalha demanda percorrer um universo em que surgem termos como "identidade", que corresponde a uma impressão digital, uma interpretação do mundo que permanece constante e que pode se manifestar das mais diversas formas. Não se trata, por exemplo, de perseguir um assunto, mas de perceber, construir e desenvolver uma poética que se manifeste em uma linha de trabalho progressivamente amadurecida. A questão principal está na reflexão de quais são os elementos diferenciadores do próprio trabalho para que eles sejam explorados em toda a sua potencialidade e intensidade. Nessa caminhada, muitas vezes menos é mais, ou seja, o entendimento daquilo que se faz passa pela procura do que é mais autêntico e profundo.

Ara Celis Vilela | Digitais | Técnica Mista | 110x180 cm | 2021

Ara Celis Vilela | Duo | Técnica Mista | 110x180 cm | 2021

Ary Fran

ary_fran@yahoo.com.br

Ary Fran, Ariclenes França Da Silva (São Miguel do Gostoso (RN, 1985), é artista visual, fotógrafo autodidata. Inicia sua carreira em 2012 com seu primeiro projeto, o "Retrato da Comunidade", executado no interior de São Miguel do Gostoso|RN no ano de 2015, registrando a vida cotidiana e, a partir dele, conquista uma seleção no Concurso Internacional Hamdan Bin Mohammed Bin Rashid Al Maktoum International Photography Awards (HIPA). Em 2017, publica seu primeiro livro, a unificação de seu projeto com os resultados obtidos até então e intitulando-o como o projeto criado três anos antes, "Retrato da Comunidade". Já em 2020, o engenhoso fotógrafo participa de sua primeira exposição coletiva em São Paulo, integrando editoriais de revistas especializadas e catálogos de leiloaria brasileira.

Ary Fran | Desbravadores | Fotografia | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Metamorfoses

Uma fotografia que tenha pretensão de ser artística necessita apresentar uma imagem que seja, de alguma maneira, transformadora. Esse processo pode ocorrer de variadas formas. A sua força está em transportar quem a vê para outras dimensões. Ela é o resultado de uma série de escolhas do criador. Ary Fran, por exemplo, traz, em sua linguagem visual, branco e preto como recurso técnico para instaurar realidades. Sob seu olhar, existe uma interpretação daquilo que está ao redor que resulta em um processo delicado de intervenção no mundo. As imagens não se esgotam em si mesmas quando permitem navegar por novas camadas. A fotografia estabelece o olhar do artista sobre um recorte selecionado, em um processo de suce ssivas visões que sugerem camadas a serem desvendadas, cada uma delas dentro de múltiplos olhares em um processo de infinitos espelhamentos.

página anterior: Ary Fran | Dedê | Fotografia | 2021

Ary Fran | Tainheira | Fotografia | 2021

Carmencita

csilvia_msn@hotmail.com

Carmen Silvia Barbosa, casada, dois filhos. Nasceu em São Paulo, no dia 03 de março de 1968. Desde muito cedo, ainda criança já mostrava interesse pelas artes. Adorava visitar parentes e amigos com a mãe, só para ficar olhando os quadros nas casas das pessoas. Adora arquitetura e decoração, mas, só em 2020 em meio à pandemia teve um contato mais próximo com a arte. Autodidata, começou a pintar, experimentando técnicas e materiais diversos. Já participou de várias exposições coletivas virtuais e presenciais (dentre as quais, 3 na Art Lab Galery - EXPOART/SP) e de um leilão de Artes (Artrilha). Seu amor pela arte, só aumenta a cada dia!

Carmencita | A Família | Técnica Mista | 100x100cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Essências

A busca das essências é um caminho clássico da arte. A ideia central é que o estudo constante de um determinado objeto ou conceito pode levar a uma libertação do mundo das aparências no qual vivemos para atingir aquilo que realmente importa. Perdidos em um mundo de ilusões, a arte poderia ser uma maneira de encontrar as estruturas mais profundas do que somos para chegar à essência do que nos rodeia e de nós mesmos. A pintura de Carmencita traz esse tipo de reflexão por se dar em uma área caracterizada pela expressividade, em uma busca de sínteses existenciais. Trata-se de um exercício constante de aperfeiçoamento em que cada obra propõe um avanço em relação às anteriores em termos de proposta visual e técnica. Mais importante do que os assuntos abordados, é a maneira como eles surgem, plenos de energia a nos indagar sobre o que é o ser humano e qual pode ser o seu papel no mundo.

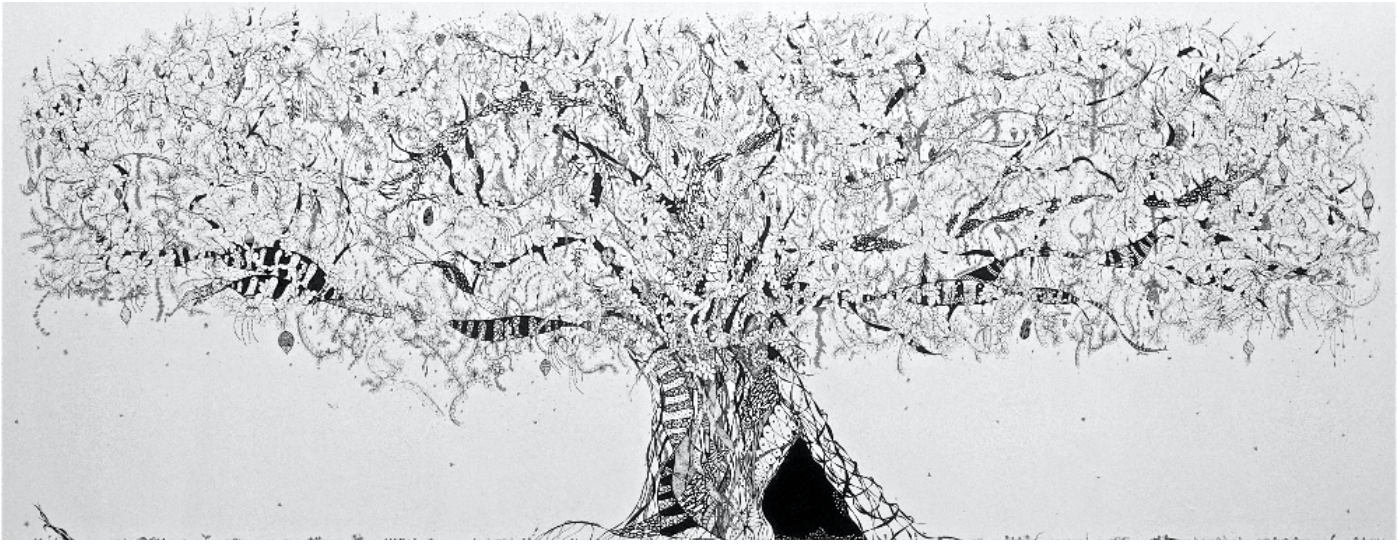
Carmencita | Verão | Técnica Mista | 80x80cm | 2021

Carmencita | A Chama de Cada Um | Técnica Mista | 100x100cm | 2021

Caroline Simó

carolsimo@gmail.com

Caroline Simó é uma artista visual que apresenta como característica marcante a produ-ção de desenhos feitos com nanquim sobre papel e tela de detalhes da flora. Cada ele-mento criado, representa a sua percepção pelas fases que a flora passa com o transcorrer dos meses. Os ciclos da natureza são interpretados pela artista e assim traduzidos em linhas e formas que transmitem elementos característicos de uma única espécie ou mesmo a combinação de diferentes espécies em uma única árvore. Entre 2004 e 2017 viveu em Barcelona e Dubai, período em que sob a influência da diver-sidade natural das cidades onde vivia e visitava, iniciou sua carreira artística. As especifi-cidades das paisagens de cada localidade transformam-se em conteúdo para suas produ-ções artísticas, sendo a natureza e os detalhes encontrados em árvores, flores e folha-gens, sua principal inspiração e motivação. Hoje Caroline vive na cidade de São Paulo, onde segue buscando inspiração para dar con-tinuidade ao seu trabalho.



Caroliné Simó | Pagoda Tree II | nanquim sobre papel | 280x130cm | 2020

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Buscas

A arte é uma forma de comunicação própria dos seres humanos com infinitas conotações. Por mais que se estude o assunto, ainda é uma incógnita a razão que levou os indivíduos pré-históricos, ou seja, de civilizações ágrafas, que não conheciam a escrita, a pintarem tetos e paredes de cavernas. Existe ali, por questões antropológicas, sociais e psicológicas, a expressão de uma inquietação. Esse mesmo movimento criativo é encontrado em Caroline Simó. Por meio de seu traço, ela dialoga com o mundo. Trata-se de uma conversa que pode ser usufruída em diversas camadas, da mais literal até a mais simbólica. O essencial é q ue não gera indiferença. Leva a uma reflexão sobre aquilo que o ser humano é em sua essência em um processo mental que une a técnica à sensibilidade. Mais importante do dito é o que pode ser sugerido, ampliando as potencialidades de interpretação de cada imagem.

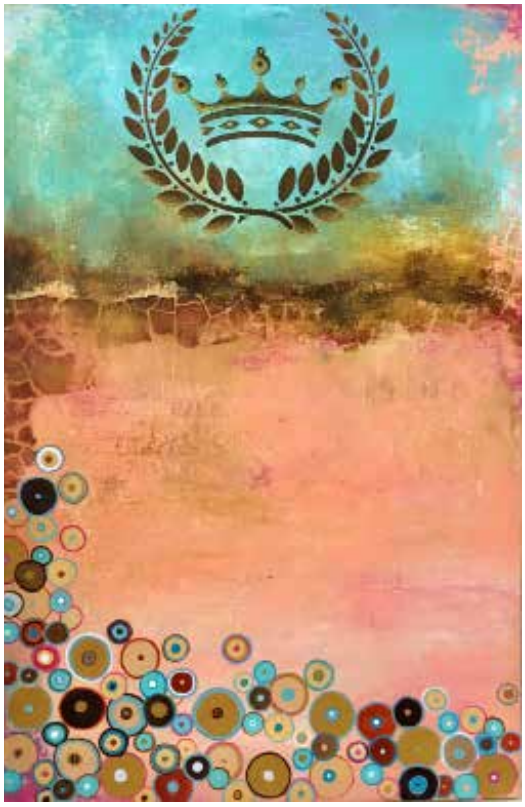
Caroliné Simó | Domus | Nanquim sobre papel | 70x100cm | 2020

Caroliné Simó | Frutificação | Nanquim sobre papel | 70x100cm | 2021

Cris Picerni

cpicerni@yahoo.com

Cris Picerni destaca seu trabalho pelo uso de uma paleta definida em tons de suas lembranças de infância, cercada pela areia dourada, pelos tons de verde das águas, os azuis intensos do céu e as pinceladas diáfanas que o vento fornece a esta tela de memórias infinitas. Seus relevos e depressões são pontuadas pelo uso seguro da espátula, que modela tridimensionalmente as suas paisagens, traçando texturas e contornos e, assim, ela brinca na superfície lisa, transformando-a em volumes lúdicos, em cores do amanhecer, em paisagens afetivas!



Cris Picerni | Entremeios | Pintura | 60x40cm | 2017

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Indagação

As obras de Cris Picerni trazem uma lembrança permanente. São manifestações visuais que indicam, acima de tudo, a capacidade que as artes visuais têm de indagar. Cada trabalho da artista se destaca pela sua capacidade intrínseca de trazer um dado novo no sentido de gerar diferentes perguntas. O conceito geral é estar atento para perceber como cada obra traz uma discussão distinta, que pode ser da composição, da forma, da cor ou da tonalidade. O essencial é que gere um estímulo que retire o público da repetição e da mesmice. Quando uma obra é observada e não gera essa inquietação em quem a vê provavelmente provém de um criador que também não se envolveu visceralmente com ela. Criar, acima de tudo, é um pular no vazio, pois reside, como transmitem os trabalhos de Cris Piccerni, em explorar a possibilidade de saber de onde se pode partir, mas nunca aonde de fato se quer chegar.

Cris Picerni | Ocen II | Pintura | 50x70cm | 2021

Cris Picerni | Ocen III | Pintura | 50x70cm | 2021

Cris Picerni | Ocen I | Pintura | 50x70cm | 2021

Cris Picerni | Infinito Amor | Pintura | 60x80cm | 2016

Cristina Pires Furtado

cristinapiresf@gmail.com

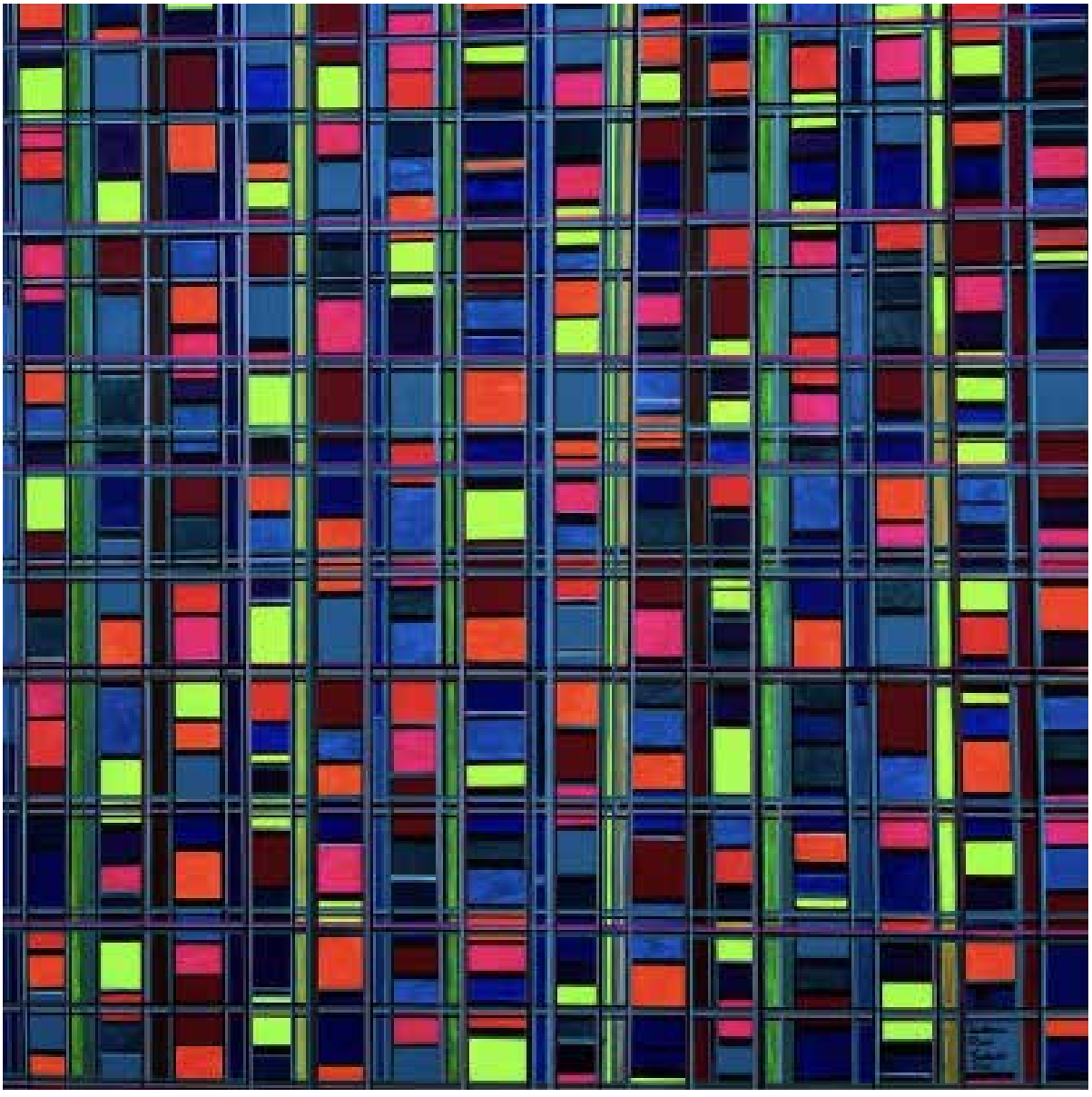
Cristina Pires Furtado, goiana, radicada em Brasília há quase 20 anos, desde a infância se interessou por tudo que envolvia artes nas suas mais variadas formas de expressão, amava desenhar e confeccionar bonecas de pano e pintar seus rostinhos com canetinhas e lápis de cor. Por influência de seu pai tornou-se advogada, mas sua alma de artista seguia pulsante. Muitas de suas obras são inspiradas na beleza da natureza e suas cores. Provocar sensações de alegria, esta é a maior inspiração desta artista. Um mix de cores vivas, alegres e vibrantes, com explosões de cores que misturam referências, texturas e técnicas para imprimir um estilo próprio em suas diferentes facetas por meio de técnicas de pintura acrílica, mista, colagens em geral e aplicação de folha de ouro, prata e cobre. Atua com temáticas diversificadas, em estilos abstratos, abstracionismo geométrico e figurativo-abstrato. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, tanto nacionais como internacionais.

Cristina Pires Furtado | Prosperidade | Técnica Mista | 70x110cm | 2021

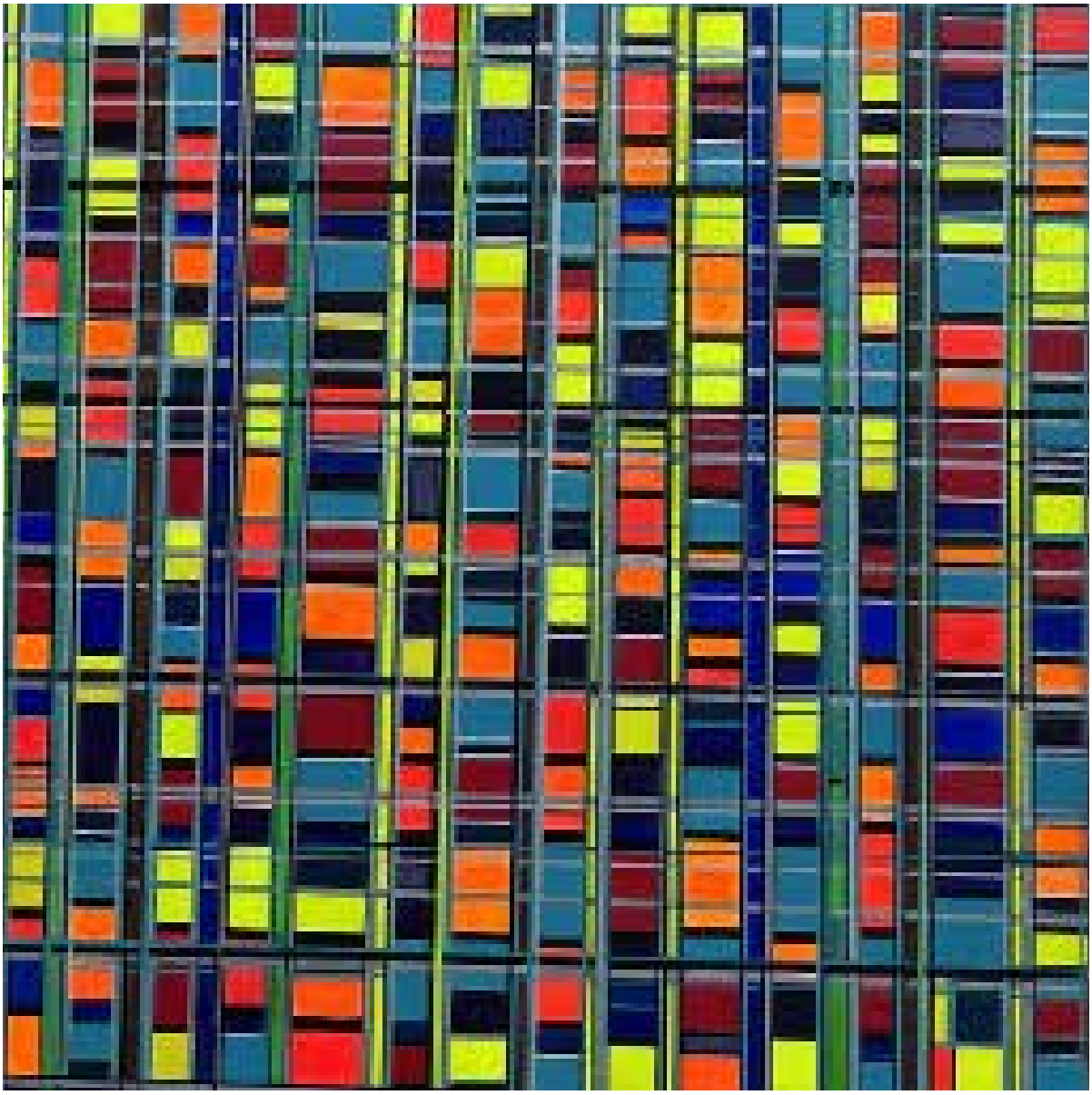
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Encantamento

Há muitas maneiras de uma obra de arte se realizar enquanto manifestação visual. Cris Pires mergulha em várias delas. Existe o envolvimento e a expressividade encontrada no uso de cores quentes, por exemplo, mas essa comunicabilidade não se esgota em uma visão distante do trabalho, pelo impacto visual, mas é valorizada por uma interpretação mais próxima, em que os detalhes do processo criativo se tornam mais evidentes. A poética da artista atinge seus momentos mais significativos justamente quando não é possível identificar facilmente um referente do mundo real e concreto e se caminha em uma vereda caracterizada pelas sugestões, em que pensamentos abstratos se fazem presentes a tod o momento, a nos estimular a ver o que parecia antigo e conhecido como novo e desconhecido, levando cada observador para novas dimensões do pesquisar, do conhecer e do saber.



Cristina Pires Furtado | Janelas Geométricas | Técnica Mista | 100x100cm | 2021



Cristina Pires Furtado | Geometric Windows | Técnica Mista | 100x110cm | 2021

Daniele Bloris

danibloris69@gmail.com

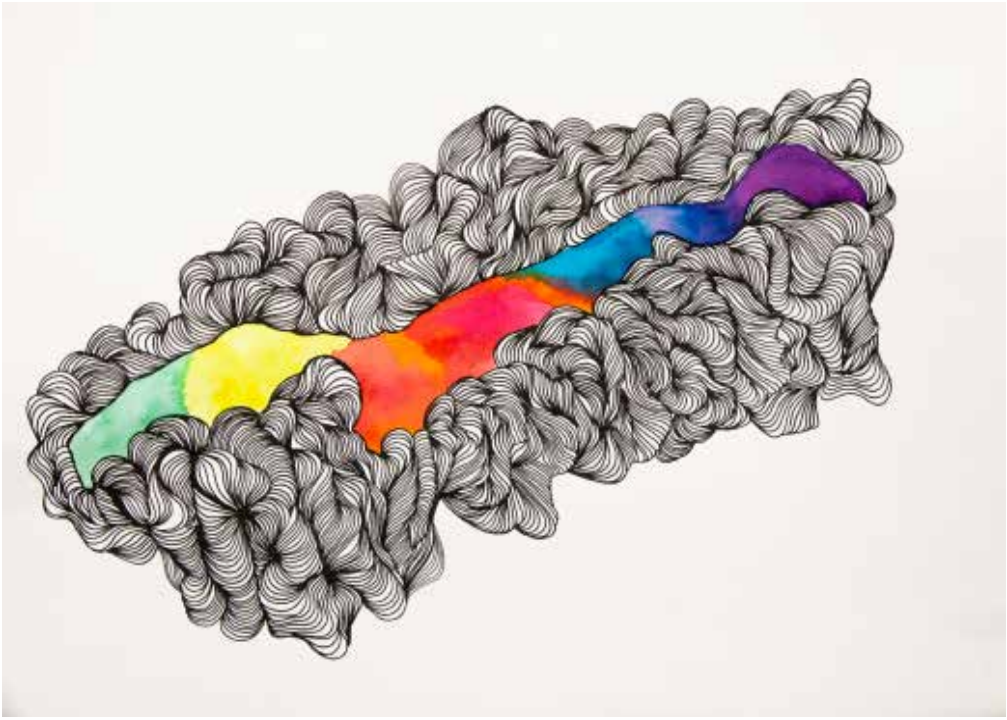
Daniele Bloris é psicanalista e artista visual. Diversas exposições coletivas, no Brasil e no exterior, compõem sua trajetória. Suas exposições individuais aconteceram no Rio de Janeiro, cidade de nascimento e de vida. O grafismo abstrato com nanquim, marca registrada, e a aquarela com suas cores fluidas e nuances de volume e movimento são as técnicas com as quais a artista elabora trabalhos que conduzem a sensibilidade em passeios pela energia vibrátil e pelo etéreo como presença afirmada.

Daniele Bloris | Noite | Aquarela | 29,7x42cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

O universo visual de Daniele Bloris é o das manchas. Elas dialogam e criam um universo de possibilidades. Estão desconectadas do compromisso de tratar daquilo que se vê e mergulham no que se sente. Trata-se de um exercício musical em que cada obra equivale a uma composição própria, com relações internas a motivar interpretações externas. A linguagem se dá num processo poético em que o aprimorar da técnica caminha em paralelo ao refinar da sensibilidade. A tarefa é desafiadora e difícil. As percepções de quem faz e de quem vê nem sempre se tocam. Podem caminhar em consonância, mas muitas vezes, o público prefere um trabalho pelo qual a artista não se apaixonou; o u a criadora julga uma obra como sendo o máximo de seu processo – e ele não repercute. Lidar com manchas e transparências traz a questão à tona. A arte mantém, portanto, o seu mistério e, por isso, fascina.

Daniele Bloris | Sem título | Aquarela e nanquim | 29,7x42cm | 2021



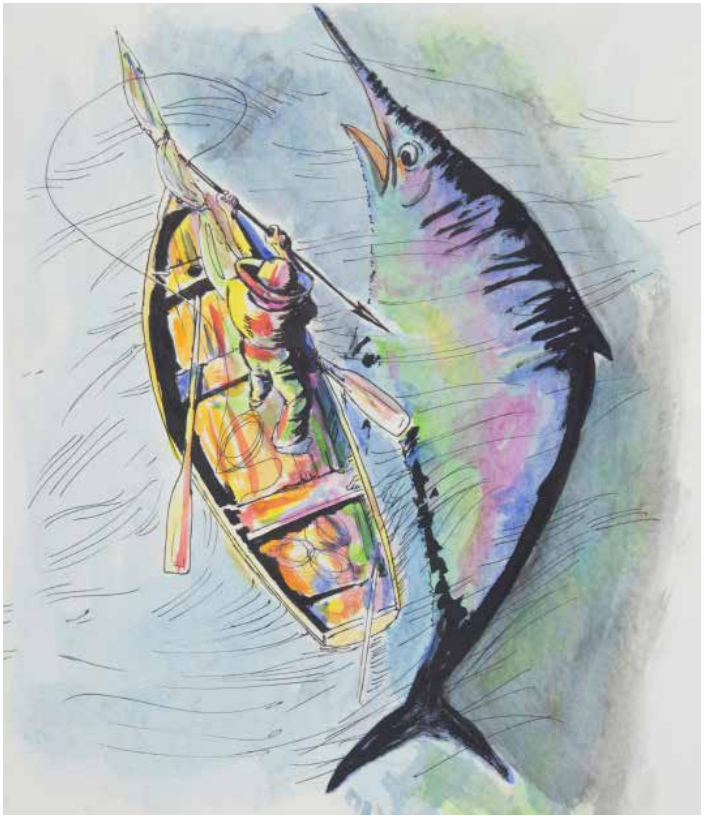
Daniele Bloris | A Margem | Técnica Mista | 29,7x42cm | 2021

Daniele Bloris | Ilusões | Técnica Mista | 29,7x42cm | 2021

Danilo Lucena

danilofslucenadg@gmail.com

Danilo Lucena é artista plástico e designer completamente inquieto e curioso sobre a vida e suas transformações: como lidamos com o tempo, com a morte, com a espiritualidade, com o nosso interior... Ele busca em suas obras expressar suas reflexões utilizando nanquim, aquarela e tinta acrílica para mesclar sonhos, fantasias e temas crus da nossa realidade.



Danilo Lucena | O Velho e o Mar | Técnica | 24x32cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Movimento

Entre as diversas características que uma obra de arte apresenta, uma das mais significativas é o movimento. Ela costuma ser mais potente visualmente quanto mais consegue transmitir essa visão de mundo. Trata-se de uma qualidade que, como mostra o trabalho de Danilo Lucena, pode se dar em diversas dimensões. A obra traz uma gestualidade interna, por meio do traço e da composição, que pode desencadear, no observador, um processo de transformação. A magia da criação se dá exatamente no momento em que a expressão do artista estabelece um ponto de contato com quem admira o trabalho. Trata-se de um momento de difícil explicação racional, mas que, de uma maneira outra, quem cria e quem admira arte já ; á vivenciou. As obras de Danilo Lucena apresentam uma potência que caminha nessa rica, abrangente e complexa direção.

Danilo Lucena | Rinobesouro | Técnica | 24x32cm | 2021

Danilo Lucena | Giraflamingo | Técnica | 24x32cm | 2021

Danilo Lucena | Borbolepolvo | Técnica | 24x32cm | 2021

Dinorah Rosencrantz

d.rosencrantz@outlook.com

Dinorah Rosencrantz, nascida em São Paulo em 1935, formou-se em Belas Artes em 1958 e também em Decoração de Interiores em 1960, trabalhando muitos anos neste campo. De 1979 a 1982 pertenceu ao atelier Berenice Florshein e de 1982 até os dias atuais trabalhou no atelier Ernestina Karman, onde aprimorou suas técnicas de pintura à óleo revelando-se as linhas modernas que hoje caracterizam a sua obra. Agora, Dinorah expõe uma série de óleos dominando a espátula com maestria e segurança mostrando sempre uma palheta rica de cores de muito bom gosto. Participou de diversas exposições coletivas e salões oficiais tanto no Brasil como na Europa.

Dinorah Rosencrantz | Aves do Paraíso | Pintura | 65x70cm | 2017

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Harmonia

O conceito de harmonia está muito relacionado à música. Essa sonoridade pode ser encontrada no trabalho visual de Dinorah Rosencrantz. A sua linguagem visual propõe conversas entre diversos aspectos da natureza em que as curvas e as cores apresentam papeis predominantes no processo criativo. A integração do conjunto fala mais alto que as partes vistas e analisadas separadamente, o que transmite ao observador a percepção de que existem equilíbrios que não devem ser quebrados. Suas obras propõem um entendimento da vida e da arte como manifestações de um todo sinfônico, caraterizado por um existir em que eventuais ruídos são incorporados ao todo em nome de um viver pleno de sentidos. Cada trabalho da artista, nesse aspecto, demanda contemplação atenta e nos faz reduzir a elevada rotação do mundo contemporâneo, criando um respiro contemplativo e meditativo.

página anterior: Dinorah Rosencrantz | Cacatuas | Pintura | 50x70cm | 2021

Dinorah Rosencrantz | Araras Azuis | Pintura | 50x70cm | 2015

Edna Carla Stradioto

edna@ednastradioto.com.br

Edna Carla Stradioto é uma artista plástica brasileira, residente em São José do Rio Preto – SP. Nas artes visuais ela atua com a técnica de aquarela que, por meio do estilo figurativo, oras explora retratos, ora paisagens. É mestre pela UNESP (São José do Rio Preto – SP) e está matriculada em doutorado em Modernidades Comparadas na Universidade do Minho (Braga, Portugal), para continuar os estudos de teoria da imagem voltada para a área de ilustração. Em seu currículo tem exposições coletivas no exterior, tais como: Georgia, Roma, Vienna, Barcelona, Porto, Paris e Lisboa. Já no Brasil tem várias exposições entre as quais se destaca: as exposições individuais da Linha da Cultura do Metrô SP em 2018 e 2019 (três meses cada ano – a primeira com onze aquarelas e a segunda com dezenove aquarelas) e no Museu Casa Guilherme de Almeida (São Paulo – SP, desde maio 2019 até o momento atual, com catorze aquarelas e curadoria de Marcelo Tápias). Em 2021 fez uma exposição individual com 45 aquarelas no espaço artístico do Shopping Frei Caneca, por 45 dias. Integrou a primeira edição da Revista Artrilha (agosto/2020), participou dos quatro leilões Artrilha de arte, e fez parte da Exposição Catavento (julho/2021) com quatro aquarelas.

Edna Carla Stradioto | Tempus ut Obliuiscatur | Aquarela | 36x48cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Impressões

Em termos gerais, pode-se ler a arte como um caminhar entre duas dinâmicas complementares. O expressionismo se dá no desenvolver de uma prática caracterizada pela intuição e a emoção ao levar, para algum tipo de suporte, utilizando os mais variados materiais, uma criação visual da qual emana uma força que declara uma sensação de estar no mundo, geralmente com gestos mais intensos e cores mais quentes. O impressionismo, por sua vez, consiste em aprimorar o olhar para aquilo que a realidade nos traz, com as suas nuanças e variações, imprimindo em cada indivíduo distintas e múltiplas visões, com predominâncias das variações de luz e de tonalidades. As obras de Edna Carla Stradioto navegam nessas intersecções. Há o gesto do movimento e a sensibilidade de perceber o instante. O ímpeto do impulso criativo e a racionalid ade do aprimoramento técnico se mesclam rumo a um dizer visual mais denso.

Edna Carla Stradioto | Tempus Renascendi | Aquarela | 36x48cm | 2021

próxima página: Edna Carla Stradioto | Tempus Uolaresi | Aquarela | 36x48cm | 2021

Eliara Bevilacqua

eliarabevilacqua@gmail.com

Eliara Bevilacqua, natural de Nova Granada-SP (1954), formada em artes plásticas (1976), trabalhou como professora de artes na rede pública e privada até se aposentar. Em 1998 começa a se dedicar à pintura e tem na aquarela sua maior expressão, experimenta outras técnicas e materiais numa investigação constante das questões artísticas. Constrói sua poética buscando imagens que expressem estados interiores em atmosferas coloridas que criam e recriam o viver. Participa de salões e mostras nacionais e internacionais.

Eliara Bevilacqua | Depois dos Temporais | Pintura | 80x100cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Fascínio

O poder demiúrgico da arte é fascinante. Quando um criador visual realiza a sua obra, exerce um fascinante caminhar que vai da ideia concebida no cérebro a uma concretização material, geralmente distinta daquela inicialmente pensada. Trata-se de um processo que muitos tentam explicar até hoje sem um completo êxito. Isso é muito bom, pois mantém a magia e o mistério do que chamamos de processo criativo. Eliara Bevilacqua, em suas manifestações visuais, apresenta novos mundos pessoais. Os elementos pictóricos se articulam internamente das mais diversas formas, evidenciando que não se trata de imitações ou representações daquilo que costumamos entender como realidade, mas de interpretações próprias do universo, com características que nos retiram do cotidiano conhecido para nos lançar no desconhecido. Quanto mais denso se torna e sse caminhar, mais significativo é o resultado.

Eliara Bevilacqua | Mata | Aquarela a crayon | 50x70cm | 2021

Eliara Bevilacqua | Em Busca do Tempo Perdido | Aquarela e colagem | 50x75cm | 2021

Eliara Bevilacqua | Desenho I | Técnica Mista | 30x40cm | 2021

Eliara Bevilacqua | Desenho II | Técnica Mista | 44x52cm | 2021

Eliara Bevilacqua | Entardecer | Aquarela crayon | 50x75cm | 2021

Elza Kolb

elzakolb3@gmail.com

Elza Kolb, nasceu em Assis interior de São Paulo em 29/05/1966, Iniciou sua carreira como pintora em 1989. Começou pintando em tecido, vidro, madeira. Suas referências sempre foram grandes artistas de Abstratos e Pintores floristas.Fez em 1990 Curso de aperfeiçoamento de pintura acrílica. Em 2000 abriu seu primeiro Ateliê. (Art Mãos). Além de pintar suas obras, ministrava cursos para crianças. Participou de uma exposição no Seminário de Relações e Comercio – Brasil/China em 2002 com várias obras. Local: Fortaleza/CE. Nos anos de 2003, 2004 e 2005, 2006, 2019 e 2020. Participou de Exposições com obras de seu acervo e de seus alunos.

Elza Kolb | Portais | Pintura | 80x120cm | 2019

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Composições

Dentro da cultura oriental, é comum ouvir que a composição é o "osso" de uma obra de arte, ou seja, trata-se da estrutura visual que sustenta um trabalho. A partir dela, as formas, cores e tonalidades são articuladas das maneiras mais distintas possíveis. É nessas veredas que cada artista encontra seus caminhos. A identidade visual passa pela discussão de como o espaço é organizado. Elza Kolb exemplifica esse processo de busca permanente de melhores soluções. O mais importante, nessa concepção, não é o assunto enfocado. O essencial está em pesquisar e entender como e por que as inquietações internas ganham dimensões plásticas. O processo é dial&ea cute;tico porque é desenvolvido pela capacidade do criador visual sempre enfrentar problemas e buscar soluções dentro de uma concepção que o mantenha visceral em suas procuras, tanto no aspecto intuitivo como no formal.

Elza Kolb | Ciclista | Pintura espatulada | 80x120cm | 2021

Elza Kolb | Céu Azul | Pintura espatulada | 80x120cm | 2018

Fernanda Karolino

fechristina69@gmail.com

Fernanda Karolino teve contato com as tintas muito pequena, sua mãe, Juanite Karolino, tinha fábrica de bibelots. Muito curiosa, logo aprendeu a pintar e começou a fazer restauro de Obras Sacras, também teve seu próprio atelier, e pintou assiduamente até os seus 26 anos. Quando se mudou para São Paulo entrou para o ramo de Restaurantes, casou e teve dois filhos. Somente em Março de 2020 pode retomar a sua antiga paixão, a arte! “A arte me resgatou de um lugar que eu não sabia que estava”. Em 2021 participou da Exposição Catavento com duas telas da série Gênios da Arte.

Fernanda Karolino | Life Force | Pintura | 60x60cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Poética

As obras visuais de Fernanda Karolino motivam uma reflexão sobre o significado do desenvolvimento e do aprimoramento de uma poética ao longo de uma trajetória visual. Um conceito é progressivamente alcançado graças a uma mecânica mental que ultrapassa a emoção do fazer, o mero desejo de atingir o publico ou a necessidade de tratar de um determinado assunto. Ele se dá no momento em que esse contato com o outro e o pensar sobre o próprio trabalho se realizam pelo exercício da composição, pela pesquisa de formas e pela busca de cores e tonalidades que expressem, da maneira mais profunda possível, o que significa de fato fazer arte. O realizar e o pensar estão em consonância, sem ordem de prioridade, dentro de uma perspectiva em que seja possível uma valorização mútua contínua como forma de questionamento e, portanto, de interpretação do mundo.

Fernanda Karolino | Life Force | Pintura | 60x80cm | 2021

Fernanda Karolino | Life Force | Pintura | 100x100cm | 2021

Gêiza Barreto

geiza@geizarte.com

Gêiza Barreto é artista plástica de Salvador- BA. Estudou desenho e pintura entre 2003 e 2006 no Ateliê Canella's, em Niterói. Em 2016, após uma longa carreira em Tecnologia, decidiu se dedicar à arte e estudou técnica mista com professores de vários países, especializando-se em retratos contemporâneos e abstratos expressionistas. Entre 2019 e 2021 participou de exposições na Europa, no Brasil e em Nova Iorque. Uma de suas obras integra o acervo permanente do Forte de São Francisco, em Chaves.

Gêiza Barreto | Tudo Passa | Técnica mista | 40x40cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Liberdade

Observar a chamada realidade atentamente desenvolve uma inteligência de observação do mundo. O artista visual, por meio de suas formas, técnicas e cores estabelece composições que dialogam, de diversas formas, com aquilo que vê e sente. Essa interpretação visual pode ocorrer de muitas maneiras. Gêiza Barreto trabalho o espaço de maneira diferenciada para ofertar a sua visão. A construção das obras se dá pelo desenvolvimento da capacidade de criar mundos próprios caracterizados pela liberdade de romper as amarras com o concreto. Suas proposições visuais remetem a um constante processo de entender a arte como um buscar uma melhoria de si mesmo e, por extensão, da sociedade, estimulando uma conexão de cada artista consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o universo. Nesse caminho, cada tela propõe uma jornada diferenciada pelas veredas da consciência e da inconsciência.

Gêiza Barreto | Aventuras Oníricas no Mundo Violeta | Técnica mista | 40x40cm | 2021

Gêiza Barreto | Aventuras Oníricas no Mundo Azul | Técnica mista | 40x40cm | 2021

Gêiza Barreto | Aventuras Oníricas no Mundo Verde | Técnica mista | 40x40cm | 2021

Gêiza Barreto | Feliz por Ser Quem Sou | Técnica mista | 40x40cm | 2021

Gloria Conforto

gloria.conforto@gmail.com

Gloria Conforto é arquiteta formada pela FAU/UFRJ, atuou na área de projetos de arquitetura e posteriormente na área de meio ambiente. Desde sempre se dedicou ao desenho, grafite e bico de pena, em paralelo à atuação profissional na arquitetura e na gestão de meio ambiente. A partir de 2010 inicia suas pesquisas com a cor no Atelier do arquiteto e artista plástico Orlando Mollica, explorando o pastel e tempera, até 2014, e com Bernardo Magina em 2015, quando passa também a utilizar a técnica de aquarela. No início de 2018 passa a frequentar o Atelier do artista, litógrafo e aquarelista Edgar Fonseca, desenvolvendo seus trabalhos em óleo sobre tela. Já com inúmeros trabalhos adquiridos por colecionadores privados, no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, vem divulgando seu trabalho principalmente nas mídias sociais, em especial através do Instagram @confortogloria. Participou de diversas exposições como no Museu dos Correios em Brasília, Centro Cultural Parque de Ruínas, na ExpoArtSP-2020 na ArtLabGaleria-SP, Exposição EIXO2020, 4artistas-7anos-EIXO2020, Exposição EIXO2021, Exposição Catavento-SP 2021 da Artrilha, e a Coletiva Reserva Cultural, Niterói, para novembro/dezembro2021. E exposições individuais no Antiquário Garimpo Secretário, Petrópolis, Galeria Vitória do Iate Club Rio de Janeiro, Exposição AQUARELAS Pequena Galeria Candido Mendes 2021.

Gloria Conforto | Normandia | Aquarela | 31x41cm | 2019

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Espaços

Um dos maiores desafios para os artistas visuais está no espaço. Inicialmente, pode-se pensar no branco de um papel ou de uma tela, mas a questão tem muitas outras portas de entrada. A mais importante talvez seja o desenvolvimento da percepção de como cada decisão visual tomada tem consequências essenciais na criação de atmosferas. Nesse aspecto, Gloria Conforto trabalha, em suas obras, com os silêncios. Transparências e veladuras auxiliam a conceber o universo pictórico como uma dimensão diferenciada em que todo impossível se torna possível. Não existe, na arte, espaço proibido ou experimentação indesejada. Cada passo que se dá é uma escolha intuitiva e/ou t&ea cute;cnica que colabora de maneira definitiva para o que se deseja expressar, criando climas próprios e plenos de múltiplas e complexas indagações existenciais.

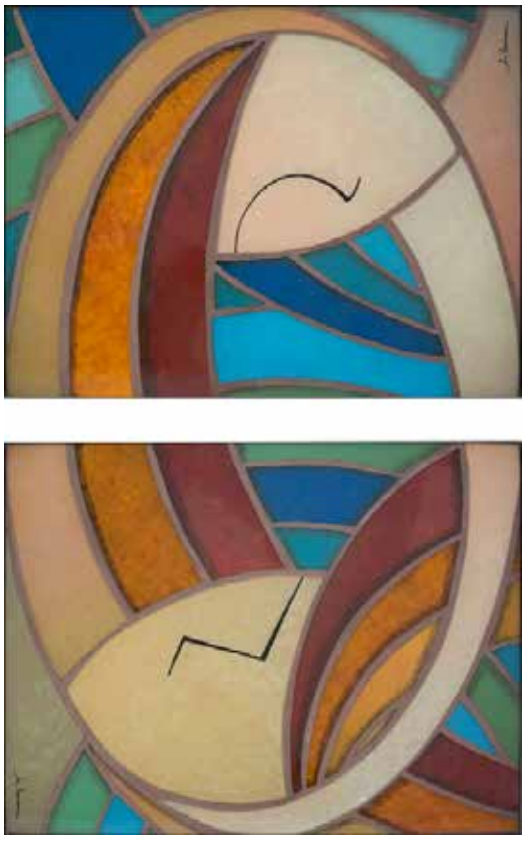
Gloria Conforto | Sem título | Aquarela | 31x41cm | 2019

Gloria Conforto | Sem título | Aquarela | 31x41cm | 2019

Ju Barros

jubarros@gmail.com

Ju Barros, artista plástica mineira residente em Guaratinguetá-SP, expressa-se por mosaicos com pintura em vidro no estilo figurativo. Mestre em Computação Gráfica pela PUC – Rio de Janeiro, realizou cursos de especialização em criação de mosaicos, pintura em vidro, desenho e História da Arte. Participou de Exposições no Brasil e no Exterior, Revistas e Leilões de Arte. Cria sobreposições simulando perspectivas através de figuras estilizadas por formas orgânicas e geométricas em que contornos se unem por linhas contínuas. O feminino é protagonista de uma narrativa instigante em que as cores imprimem harmonia ao conjunto pela associação da pintura em vidro transparente com seu inerente brilho. Sua técnica consiste em um processo minucioso e detalhado que envolve a criação da composição, o recorte das formas em vidro transparente, a pintura das peças recortadas, a colagem no suporte, a aplicação do rejunte e a limpeza e acabamento.



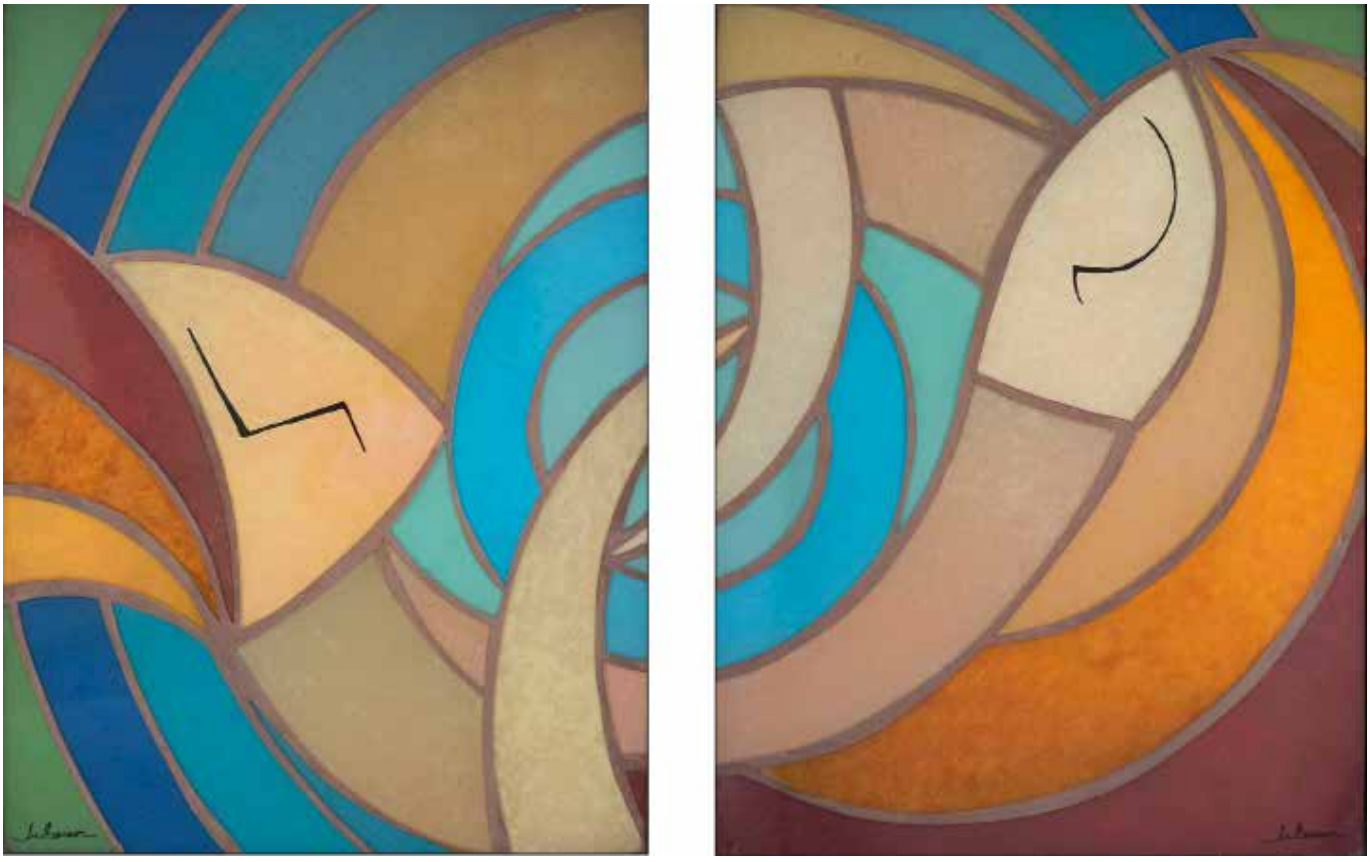
Ju Barros | Díptico Elos do Olhar | Mosaico em vidro | 30x40cm - cada | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Encontros

A técnica do mosaico em vidro de Ju Barros, em si mesma, já é motivo de reflexão. Trata-se de um universo de possibilidades que demanda lidar com um material com características próprias que, no mundo ocidental, está fortemente vinculado, no imaginário popular, ao conceito de locais sagrados. No entanto, é possível se valer dele para as mais variadas criações, tanto em termos do desenvolvimento de um assunto como de uma poética visual contemporânea, no sentido de trazer à tona, de maneira diferenciada, indagações existenciais. A artista tem como um de seus eixos motivadores estimular o autoconhecimento, pois o seu processo de criação demanda planejamento e paciência. Ao mesm o tempo, somente funciona, enquanto resultado final, se for visceral e sensível. É nesse encontro entre aquilo que concebe liricamente e o que realiza tecnicamente que Ju Barros materializa a sua arte.

página anterior: Ju Barros | Elos do Sentir | Mosaico em vidro | 30x40cm | 2021



Ju Barros | Díptico Elos do Toque | Mosaico em vidro | 30x40cm - cada | 2021

Kátia Brasileiro

katiavbrasileiro@icloud.com

Kátia Brasileiro é artista plástica, natural de Recife, PE, reside no Rio de Janeiro. Formada em comunicação visual pela UFPE. Trabalhou na área por alguns anos, até se dedicar exclusivamente às artes plásticas. Começou a pintar ainda na infância, e com apenas 7 anos já fazia sua primeira coletiva. E ao longo da sua trajetória foi se aprimorando em novas técnicas, a medida que fazia inúmeros cursos. Tem em seu currículo mais de 50 exposições, e ganhou alguns prêmios em salões e concursos de artes. Quatro medalhas de ouro, três medalhas de bronze, quatro menções honrosas e o 1º Grande Troféu Suzano de Artes Plásticas. O que a artista quer expressar, faz com cores e texturas. Possui obras na Espanha, França, Singapura, Estados Unidos e em alguns estados do Brasil.

Katia Brasileiro | Desafio | Técnica Mista | 100x160cm - cada | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Instinto

A arte tem a capacidade mágica de permitir cristalizar expressões instintivas das mais variadas naturezas. Kátia Brasileiro trabalha com os materiais de modo a construir mundos caracterizados por uma potencial visualização de novas realidades. O seu processo não mimetiza a natureza, tomando-a como referente a ser respeitado em suas formas e proporções, mas sim como ponto inicial a trazer perguntas sobre o próprio sentido da existência. Elementos orgânicos, seja nas composições, formas e cores propostas, ou em interpretações simbólicas, conduzem a um entendimento da arte como um local em que cada passo é um propor indagações. Dessas multiplicações de perguntas, surgem respostas plásticas que motivam um pesquisar vivencial e artístico contínuo e infinito, tanto na construção da própria poética c omo no aprimoramento dos processos técnicos utilizados.

Katia Brasileiro | Liberdade I | Técnica Mista | 100x100cm | 2021

Katia Brasileiro | Liberdade II | Técnica Mista | 100x100cm | 2021

Leila Biscuola

leilabe@gmail.com

Leila Biscuola, natural de Taquaritinga – SP. Nutricionista, com pós-graduação e mestrado, foi professora universitária por mais de 25 anos, produziu estudos e artigos nessa área. Iniciou a carreira de artes plásticas em 1996 na escola Viveka em SP. Estudou modelagem da figura humana com Kislansky e Newton Santanna. Em 2012 foi para Carrara – Itália, cursar TÉCNICA DE ESCULTURA EM MÁRMORE com o professor Boutros Romhein na escola Arco Arte. Participou de várias exposições coletivas e individuais, nas cidades de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Brasilia, no Brasil e Punta del Este – Uruguai. Foi idealizadora dos Prêmios: "Gina Viacava - Fertilidade", criado em 2005, evento anual que acontece em Paulínia; "Prof Dr Avelino Luiz Rodrigues Psicossomática e Interdisciplinaridade" do IV Congresso Paulista de Psicossomática – ABMP realizado em São Paulo em 2012; e "SINCOR-SP de Jornalismo- 2013" – evento promovido pelo SINCOR-SP em outubro de 2013. Em participação em livros, destaca-se : BLUE VIOLET by VERA SIMÕES – ART and JEWELRY Designer - ano de 2012. p. 28;29; SALÃO DE ARTE 2013 – 20 ANOS: 20ª edição – Escritório de Artes Vera Simões; ALA – Academia Latino-Americana de Arte – Livro II . p. 134;135.; ALA – Academia Latino-Americana de Arte - Livro III . p. 210 – 221; e BISCUOLA, Leila. In: Revista Artrilha, ISBN:978-65-991.768-4 / 2021. Pgs: 119-122. Um grande destaque da carreira é a peça " O Poder" que passou a integrar o acervo do Museu de Arte do Parlamento de São Paulo, na data de 22 de fevereiro de 2013.

Leila Biscuola | O Elo (1/7) | Escultura | 33x20x29cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Dimensões

O universo da escultura é constituído por um pensamento de 360 graus. As peças são feitas para serem contempladas por um movimento do observador ao redor da obra. Para que esse processo se realize completamente, é necessário que exista um planejamento adequado sobre aquilo que a obra pode ser, sobre o que ela e sobre como deve ser mostrada. São essas três dimensões que dão às artes tridimensionais a sua nobreza peculiar. Sua força provém das maneiras como esses elos se estabelecem. A ideia, ao se materializar no espaço, traz conceitos que progressivamente se multiplicam e para que, de fato, o público entre no jogo, a obra precisa funcionar de longe, para causar impacto; e, de perto, para motivar a observa&cc edil;ão de detalhes. Leila Biscuola concretiza essas questões em um trabalho que, pleno de humanidade, nos faz pensar como podemos aprimorar as nossas potencialidades existenciais.

Leila Biscuola | Dafne | Escultura | 40x30x33cm | 2010

Leila Biscuola | Voo (4/7) | Escultura | 30x30x33cm | 2021

Leila Costa Quaglio

equaglio@hotmail.com

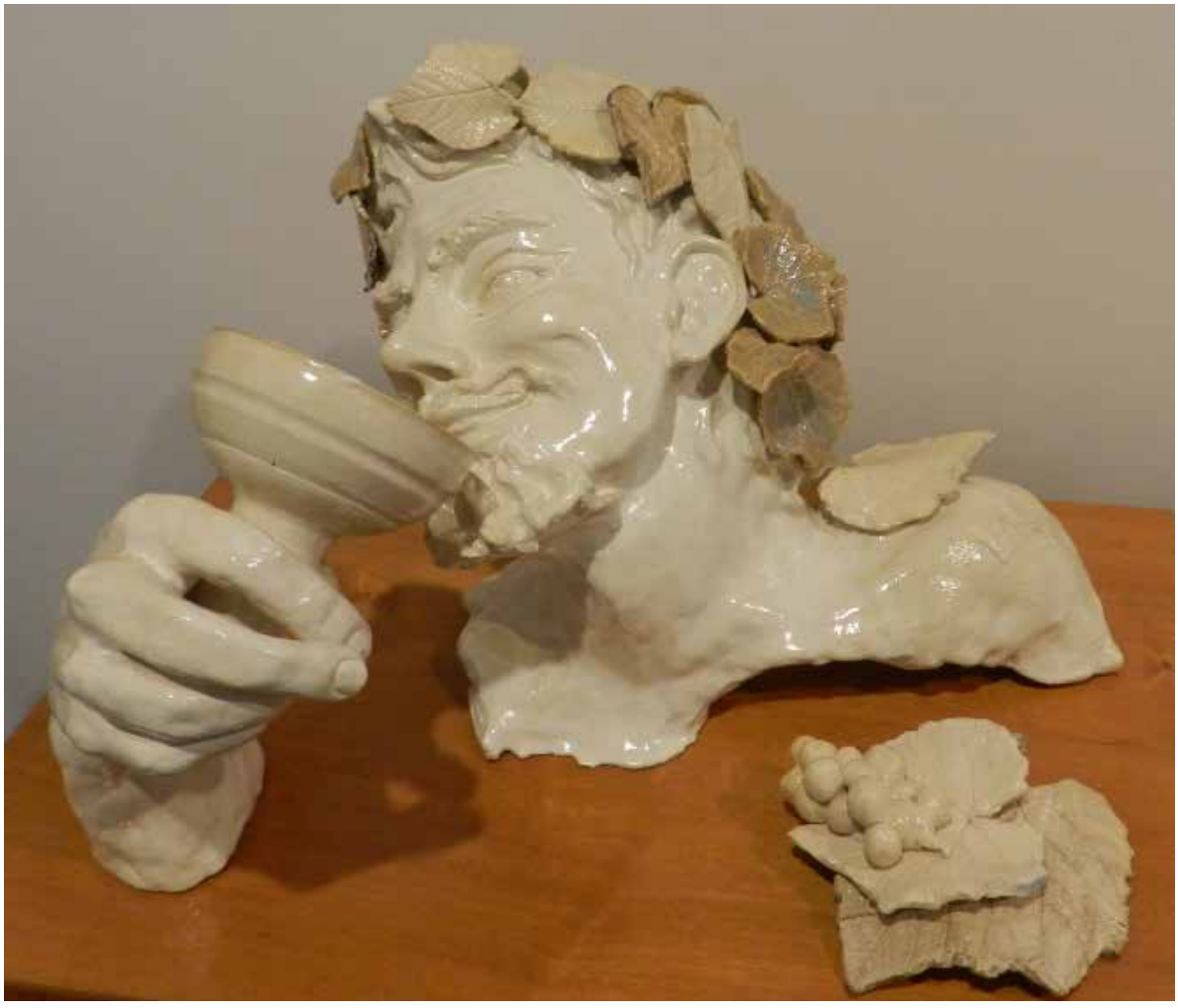
Leila Costa Quaglio é natural do Paraná, formada em Artes Plásticas pela UEL e Design de Interiores pela ABRA-SP. Cursou Desenho Artístico e Esculturas em Vidro no Westminster College – Londres, e mais recentemente Escultura em Cerâmica. Seguidora de uma vertente mais realista e figurativa, incorpora temas marinhos, folclóricos e mitológicos às suas obras. Em seu ateliê de cerâmica vem produzindo peças utilitárias e decorativas, incorporando-as às suas telas, numa "simbiose" de técnicas e materiais diversos.

Leila Costa Quaglio | Afrodite | Escultura | 48x40x30cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Espaço

Lidar com a espacialidade significa ter em mente que o processo artístico é um caminho no qual é preciso estar atento aos detalhes. Cada um traz um número infinito de escolhas. A escultura é, nesse aspecto, um labirinto de desafios, pois convida a uma densa reflexão do artista sobre aquilo que se busca encontrar. Toda resposta visual que dá, porém, traz consequências plásticas e técnicas, num constante conviver com bônus e ônus da vereda selecionada. Leila Costa Quaglio apresenta um trabalho visual em que as figuras sugeridas despertam conotações simbólicas. Evocam múltiplos significados e alertam como a pesquisa é essencial para que o resultado não seja uma imitação do que se vê, mas uma interpretação plástica da existência. Para isso, se utiliza do material de modo a construir seu imaginário castelo de significações, pronto a nos indagar e a estimular novas leituras visuais.



Leila Costa Quaglio | Dionísio | Escultura | 28x48x31cm | 2021

página posterior: Leila Costa Quaglio | Eros | Escultura | 44x53x40cm | 2021

Lucia Penido Portela

luciapenidoportela@gmail.com

Lucia Penino Portela, natural do Rio de Janeiro, é artista plástica em pintura sobre tela, nos estilos figurativo e abstrato. Tem destaque na carreira as participações: duas exposições coletivas pelo Atelier Studio 454, ano 2015/2017; 3° Leilão Artrilha (Leiloeiro Rafael Zafalon), ano 2021; Exposição Catavento do Grupo Artrilha, ano 2021, em São Paulo. Começou a pintar numa época de muitos desafios em sua vida e precisava de um escape que a preenchesse com valores e ao mesmo tempo abstraísse da tensão diária. Foi assim, despretensiosamente que se descobriu tendo com a pintura uma forma de expressão. Produz uma obra para colorir os ambientes, e provocar o imaginário do espectador se tornou seu objetivo.

Lucia Penino Portela | Interior em Cores | Pintura | 70x100cm | 2016

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Cores

A cor é um importante veículo de expressão artística. Torna-se essencial para expressar emoções, principalmente quando é articulada com o espaço em busca de soluções plásticas que manifestem intensidade. Lucia Portela lida com esses recursos de modo que as suas imagens geram um impactante resultado visual. Um dos caminhos desse processo está na capacidade de criar ambientações. Pelo uso das tonalidades, há infinitas possibilidades de mergulhar no imaginário, o que leva a um processo criativo de busca permanente por linguagens. A renovação constante de pesquisas permite um aprimoramento da identidade visual justamente por apontar como novos procedimentos podem ser incorporados de modo a desenvolver a capacidade de dialogar com o mundo, sugerindo intepretações visuais caracterizadas pela recusa das repetições maneiristas e pela valorização das inovações.

Lucia Penino Portela | Interior em Cores | Pintura | 45x45cm | 2021

Lucia Penino Portela | Interior em Cores | Pintura | 45x45cm | 2021

Marcelo Lopes

marcelolopes_arts@yahoo.com.br

Marcelo Lopes é natural de São José do Rio Preto - SP. Artista plástico profissional há mais de 20 anos e fundador de uma galeria de artes, onde ensinou e comercializou suas obras e desenvolveu um trabalho de inclusão social com alunos especiais. Formado em Pedagogia com defesa pública: História do Desenho. Participou do Festival Internacional de Teatro (FIT) de São José do Rio Preto com a pintura de um outdoor ao vivo. Iniciou seus estudos e frequentou a Associação Paulista de Belas Artes em São Paulo. Sua técnica de pintura abstrata, bem como suas aquarelas figurativas, é comercializada no Rio de Janeiro (RJ). O artista mantém uma exposição "As Cores do Brasil" em West Jefferson, Carolina do Norte (EUA). E ainda, tem trabalhos vendidos na Europa, principalmente Portugal, Espanha, França e Itália. O artista também fez ilustrações em livros e mostras no Brasil e exterior. Marcelo Lopes está catalogado no índice de Artes Plásticas Júlio Lousada, foi indicado a inúmeros prêmios, participou de salões de arte com premiações em todo o Brasil, entre eles menção honrosa no XXV Salão Cidade Maravilhosa e IV Salão Primavera, ambos no Rio de Janeiro.

Marcelo Lopes | Sem título | Pintura | 100x100cm | 2019

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Abstrações

A arte abstrata é um desafio constante para quem a produz e para quem a vê. Demanda, do criador visual, uma pesquisa permanente para encontrar as melhores soluções possíveis. Porém, encontrar o próprio caminho também é uma dificuldade perante as múltiplas opções. Para o observador, o abstracionismo funciona pela capacidade de gerar emoções. A magia entre ambos se dá quando uma expressiva manifestação individual atinge a universalidade. Chegar a esse nível é complexo. Demanda um entendimento pessoal de como lidar com gestualidade, manchas, cores e tonalidades está além do arbitrário. Passa por um mergulho nas próprias raízes das concepç&oti lde;es de pintura para atingir imagens que digam muito sem a necessidade da figura ou da palavra escrita. É nessa atmosfera que a pintura de Marcelo Lopes transita.

Marcelo Lopes | Sem título | Pintura | 80x120cm | 2021

Marcelo Lopes | Sem título | Pintura | 100x180cm | 2021

Maria Amélia Fonseca

meliafonseca@yahoo.com.br

Maria Amélia Fonseca formou-se em Design de Interiores em 1995 pela UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais). Durante os estudos teve também a oportunidade de frequentar aulas de pintura com o conceituado artista plástico Fernando Vignoli, que fez aumentar exponencialmente o seu interesse pela arte. A artista diz que o contato com Fernando foi determinante para sua inspiração de trabalho e técnica. No entanto, a artista está sempre aprimorando sua individualidade artística.

Maria Amélia Fonseca | Fibonacci | Pintura | 40x40cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Conexões

A história da arte explica a criação visual de duas maneiras que se complementam. Para alguns, a força motivadora provém da relação que cada pessoa tem com o mundo. Perante a existência ao seu redor, surgem três possibilidades: imitar o chamado real, estabelecer uma outra dimensão melhor do que a que conhecemos ou instaurar um universo futuro ou paralelo com ainda mais agruras do que o que julgamos estar. Outros argumentam que a arte provém da insatisfação da pessoa consigo mesma e com o próprio trabalho, levando-a a um espiral de realizar constantes novas criações para se aperfeiçoar. As obras de Maria Amélia Fonseca apresentam uma particular fusão dessas ideias. Representam o mun do de maneira peculiar e mergulham em dimensões interiores que nos tornam seres humanos mais conectados conosco e com o universo. Surge assim uma poética desafiadora, que abre portais de interpretações.

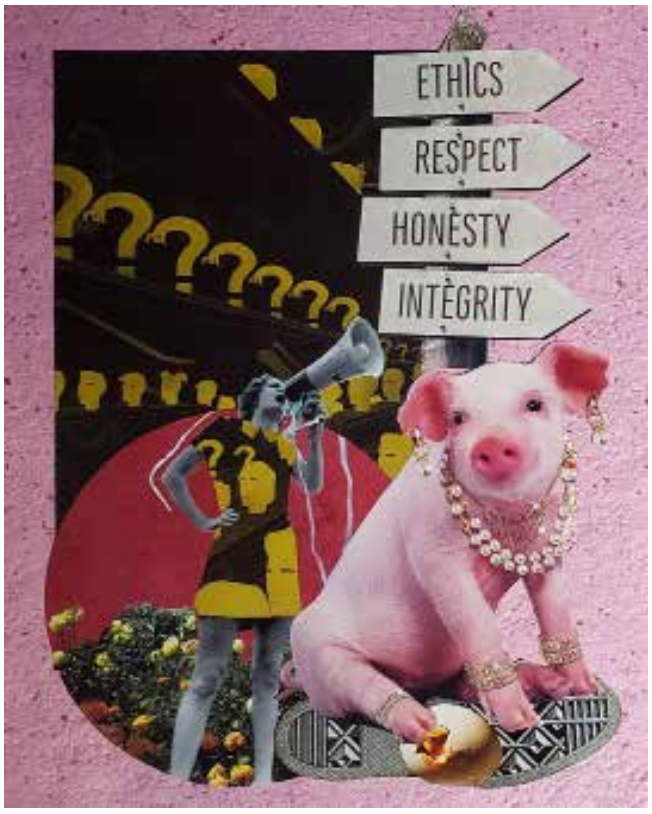
Maria Amélia Fonseca | Verde que te Qeuro Ver-te | Pintura | 90x80cm | 2020

Maria Amélia Fonseca | Sem título | Pintura | 60x80cm | 2005

Maria Cavallaro

venturellimaria50@gmail.com

Maria Cavallaro nasceu em 31 de janeiro de 1965 na cidade de Toledo, no Paraná. Formou-se em psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, mas foi na arte que encontrou sua verdadeira essência. Autodidata, escolheu a colagem como veículo para expressar-se. A artista usa de recortes de jornais e revistas, que muitas vezes seriam descartados, dando vazão à sua criatividade... expondo sua visão e interpretação das questões cotidianas.



Maria Cavallaro | Pérolas aos Porcos | Colagem |29x42cm | 2021

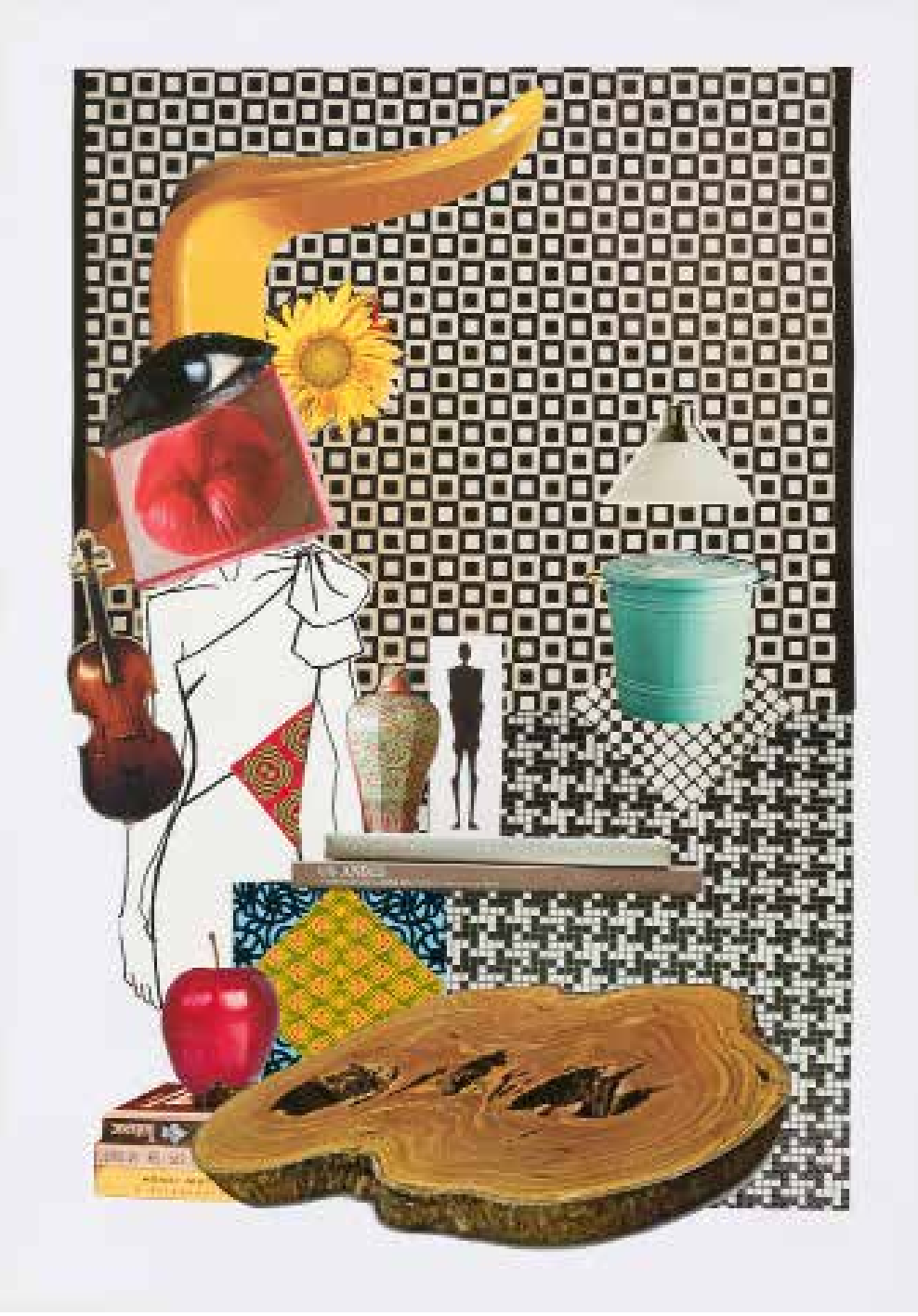
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Inquietação

A arte pode ter diversas funções. Para alguns, é uma tentativa de imitação daquilo que chamamos de real. Para outros, trata-se de uma representação da vida, propondo universos idealizados ou visões apocalípticas de futuro. Há ainda os que entendem a criação visual como um campo de interpretações em que tudo é permitido em termos de assunto, material e conceito. A obra de Maria Cavallaro se caracteriza pela potência com que consegue transmitir uma mensagem. Vale-se de imagens e dos diálogos delas com as palavras para expressar uma visão de mundo que traz uma reflexão sobre aquilo que o ser humano é e como se comporta perante o que o cerca. Trata-se de uma poética que não deixa o público indiferente. Gera elos que obrigam a refletir e a se posicionar perante uma postura contra pasteurizações de conteúdos e de acomodação técnica. A inquietação predomina e contagia.

Maria Cavallaro | Fome| Colagem | 50x70cm | 2019

Maria Cavallaro | Escolhas | Colagem | 29x42cm | 2019



Maria Cavallaro | Incertezas | Colagem | 32x44cm | 2019

Mariana Storino

mari_storino@hotmail.com

Mariana Storino, natural de Belo Horizonte MG, é aquarelista, transitando entre os estilos realismo e abstrato. É estudante do curso de Artes Plásticas da Escola de Artes Guignard - UEMG. Participou da Exposição Catavento em 2021, na Art Lab em São Paulo. Expandiu o seu trabalho em agosto de 2020, com a criação do site www.artee.art.br, para a comercialização das suas obras. E desde então doa parte do seu lucro mensal para instituições de caridade em todo país.

Mariana Storino | Alma | Aquarela | 42x60cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Sensações

A aquarela é uma linguagem peculiar. Ela se dá em uma jornada de explorações da percepção e da sensação. A primeira vem de fora para dentro; e a segunda, de dentro para fora. A percepção consiste em uma busca de entendimento daquilo que se é a partir do que se absorve das atmosferas que estão ao nosso redor. A sensação se dá na expressão de um estado d'alma perante o mundo, dando vazão a uma necessidade interior visceral de criação. As imagens de Mariana Storino, nesse sentido, são caracterizadas por essa dinâmica de ter algo a dizer sobre o que se vê para atingir aquilo que não se vê. Trata-se de uma movimentação complexa que p arte de percepções para atingir as sensações próprias e do público. Quando essa tríade (criador, criatura e observador) se encontra, a arte realiza seu potencial de desbravar sentimentos em toda a sua intensidade.

Mariana Storino | Amor | Aquarela | 42x60cm | 2019

Mariana Storino | Harmonia | Aquarela | 42x60cm | 2021

Mariana Storino | Carinho | Aquarela | 42x60cm | 2019

Mariana Storino | Ressignificar | Aquarela | 42x60cm | 2021

Moni Pimenta

pimentasimum@gmail.com

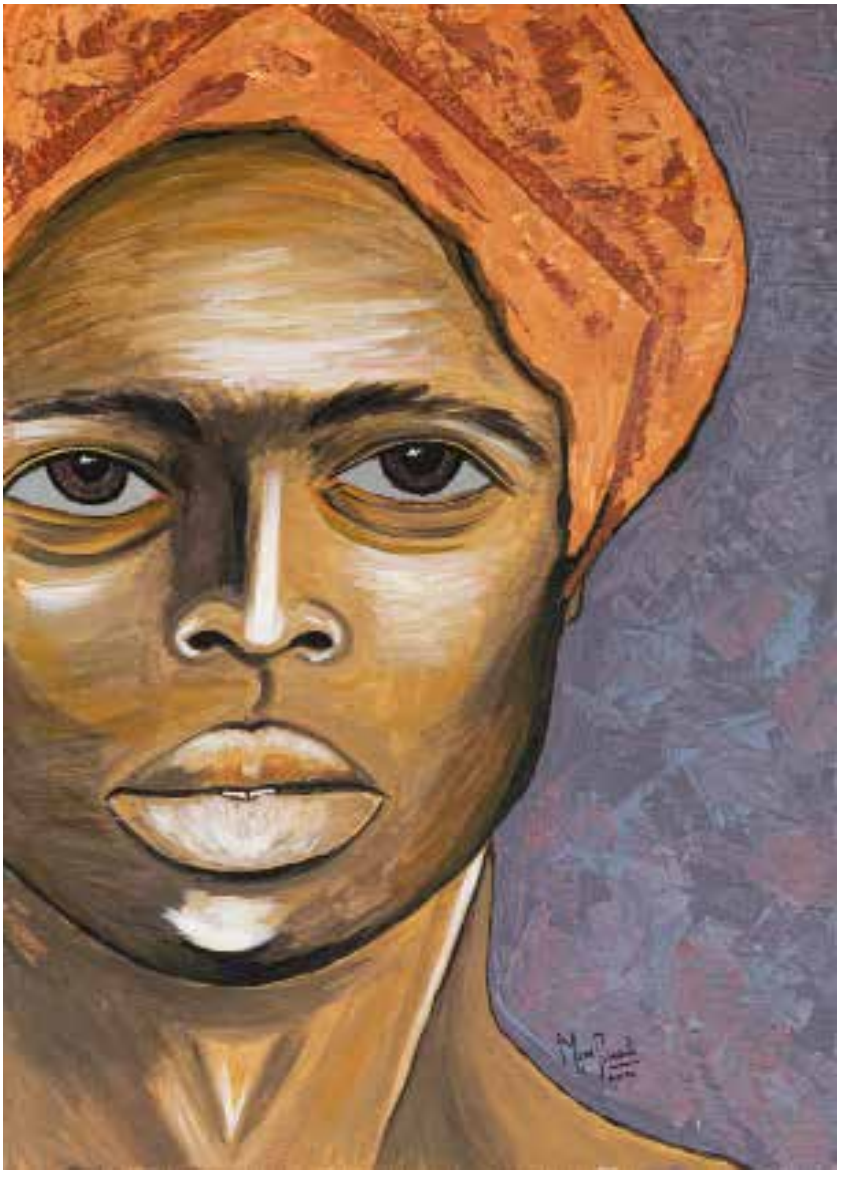
Moni Pimenta é mineira de Uberaba e carioca há mais de 30 anos, Simone fez Design de Interiores, mas sua grande paixão são as artes plásticas, especialmente a pintura. Seu lado artístico surgiu em 1993, quando pintou sua primeira tela a óleo, mas foi em 2020, durante a pandemia, que voltou a pintar como “Moni Pimenta”. Hoje ela reúne mais de 70 telas, algumas exposições virtuais e uma presencial no NOVOTEL – Botafogo e participará da revista Arte & Estilo/2021. Vinte oito telas já se despediram da artista, seguindo para Uberaba, Brasília, Rio de Janeiro, Zurique e Dubai.

Moni Pimenta | Identidade Mística | Pintura | 50x70cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Interpretações

As artes visuais levam sempre a uma reflexão. Aquilo que se vê não deve ser confundido com a realidade. É uma interpretação. Isso significa que qualquer análise deve entender o trabalho, seja bi ou tridimensional, como uma realização atingida por meio da composição, das linhas, das cores e das formas. Ela pode apontar, como muitas vezes, acontece, para o considerado real, mas o trabalho é mais rico sempre que visto como uma construção visual. Os símbolos e arquétipos presentes, nessa direção, enriquecem as possibilidades de leitura. Nessa óptica, as criações de Moni Pimenta ganham em riqueza plástica quando se observa os materiais de que são feitas. &Ea cute; ultrapassada assim a barreira de uma imitação do real ou de uma representação que enfatize um aspecto. A arte se realiza em sua plenitude quanto transforma o mundo e questiona as suas múltiplas e infinitas facetas.



Moni Pimenta | Dandara | Pintura | 50x70cm | 2021

Moni Pimenta | Filhos da Terra | Pintura | 100x100cm | 2021

Nati Sáez
natileite@gmail.com

A composição harmônica de formas desenhadas irregularmente rege o tema das pinturas de **Nati Sáez**. Sua paixão é a arte e arquitetura islâmica, por isso os arabescos e a cor dourada são itens que não faltam em sua obra, que passeia pelo abstrato e pelo figurativo. Natural de São Paulo, Nati Sáez é formada em Ilustração pela Escola Panamericana de Arte, e em Filosofia pela USP, dedica-se exclusivamente à pintura desde 2016, quando fez sua primeira exposição no Carrousel du Louvre em Paris. Desde então vem participando de várias coletivas nacionais e internacionais. Tem obras em coleções particulares no Brasil, Estados Unidos, Espanha, Inglaterra e França. Em seu ateliê, em Assis, dá aulas de desenho e pintura, sempre incentivando seus alunos a exporem suas telas em locais públicos.

Nati Sáez | Ornato no. 4 | Pintura | 70x60cm | 2015

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Reconexões

Uma das principais características da arte contemporânea reside na maneira como ela lida com os referenciais do mundo considerado concreto e real. A liberdade é um elemento fundamental, assim como a fragmentação. Pode-se pensar no planeta hoje como indivíduos partidos em suas dores tentando se conectar entre si por elementos que lhes são comuns. Visualmente, Nati Saez se vale de cores intensas, muitas vezes articuladas em arabescos, que remetem organicamente à natureza, para construir a sua caminhada visual. Surge, assim, uma poética de reconexões, de recuperação de elos entre as formas, sugerindo composições em que existe um constante diálogo interno que possibilita ao observador mergulhar no mundo proposto como um universo paralelo que permite um denso mergulho naquilo que cada um tem de melhor.

Nati Sáez | Ornato no. 15 | Pintura | 80x60cm | 2021

Nati Sáez | Sonhos de uma Noite | Pintura | 160x120cm | 2021

Patylene

patylene.arts@gmail.com

Patylene, de Rio Claro – SP, é artista plástica especializada em pinturas esculturas no estilo abstrato. Dentre os destaques de carreira estão a participação em cinco Edições da Expo Arte SP 2020 e 2021; nos eventos “DRESSME” e MATER “Reconditis Oedipus”, realizado pela MadsMilano em Milão, Itália em 2020.; em 2021 a Exposição Arte e Mulher na ArtLab Gallery, a 5ª Edição da Bela Biennial em Helsinki na Finlândia e a Exposição Catavento realizada pela Artrilha. Suas pinturas possuem muita textura, são praticamente esculpidas. Utiliza vários materiais para compor as texturas como, areia, pó de mármore, pó de café, serragem, terra, etc. A inspiração para as obras são elementos do cotidiano como, buracos na rua, paredes rachadas e descascadas, limbo, lama, ferrugem e elementos da natureza como rochas, vegetação, mar, etc.

Patylene | Rio Jurua - Amazonas | Técnica mista | 50x180cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Visceral

O visceral na obra de arte pode se manifestar de diversas maneiras. O criador visual, por meio de seus materiais e recursos técnicos, realiza a sua jornada plástica. Há também a dimensão do referencial utilizado, principalmente quando se trabalha com terra, pó de café, areia e outros pontos de partida que provém da natureza, mãe de todos. Cada um desses elementos e todos reunidos apontam para a múltiplas relações entre aquilo que o público vê e o sentimento de quem o fez. O visceral, nas obras de Patylene, se dá nesses três níveis. A criadora se entrega em seu processo, enquanto cada elemento que surge no trabalho também tem a sua história. O público, ao encontrar a arte &ag rave; sua frente, também se relaciona com ela por meio daquilo que carrega ao longo de sua própria trajetória, estabelecendo elos e conexões que se multiplicam infinitamente e propiciam intensas experiências visuais e humanas.

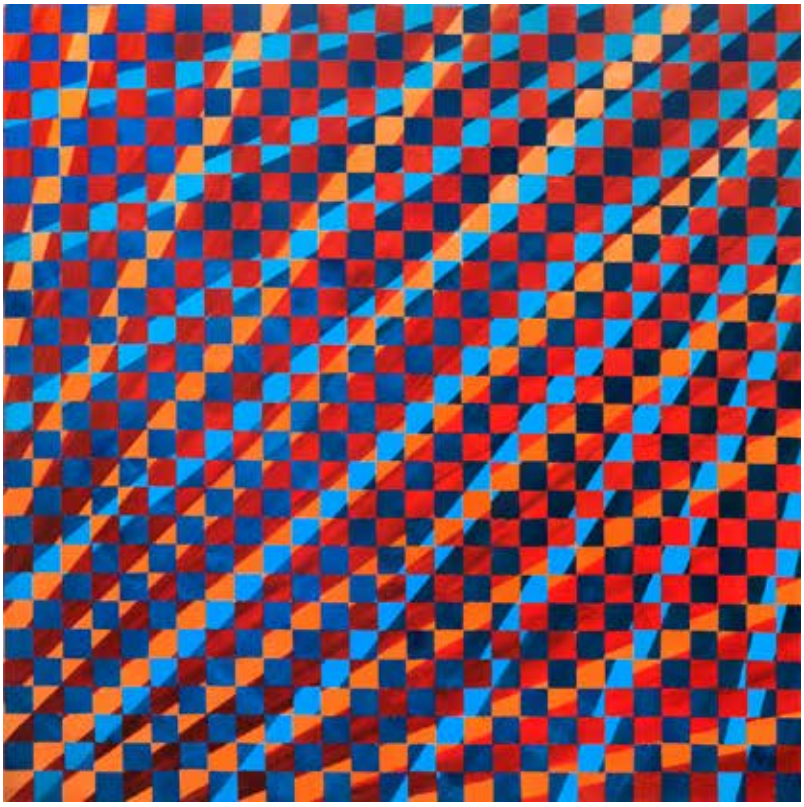
Patylene | Deserto | Técnica mista | 100x100cm | 2021

Patylene | O Mundo Visto de Cima | Técnica mista | 100x1200cm | 2021

Paula Queiroz

queiroz.paula@gmail.com

Paula Queiroz vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Artista plástica e servidora pública federal. Forma-se em Direito em 2000, no Rio de Janeiro, e trabalha como professora de Direito, advogada e servidora pública na Receita Federal e na Polícia Federal. Após 12 anos com residência em Brasília, Marabá e São Paulo, retorna ao Rio de Janeiro, quando enfim inicia seus estudos formais, teóricos e práticos, em arte, sua verdadeira paixão desde a infância. Frequenta a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage), desde 2016. Dentre diversos cursos, se destacam "A Prática de Pintura", com Chico Cunha; "Exercícios Fundamentais da Pintura", com Luiz Ernesto; "O Processo Criativo", com Charles Watson; "Desenho de Observação", com Rafael Alonso; "Cor e Forma" e "Dinâmica das Cores", com Bernardo Magina. Fez a residência artística "Procedência e Propriedade", no ateliê do Charles Watson em 2017. Concluiu em 2021, o MBA em História da Arte pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente pertence ao Artrilha, à Eixo Arte Contemporânea, ao Contemporâneos Galeria de Arte e ao Espaço BB Arte. Seu trabalho se desenvolve a partir da observação dos efeitos sensoriais das relações entre cor, forma e matéria. O processo artístico segue um sucessivo movimento de pintar, recortar, entrelaçar, significar e ressignificar as inúmeras tiras de telas.

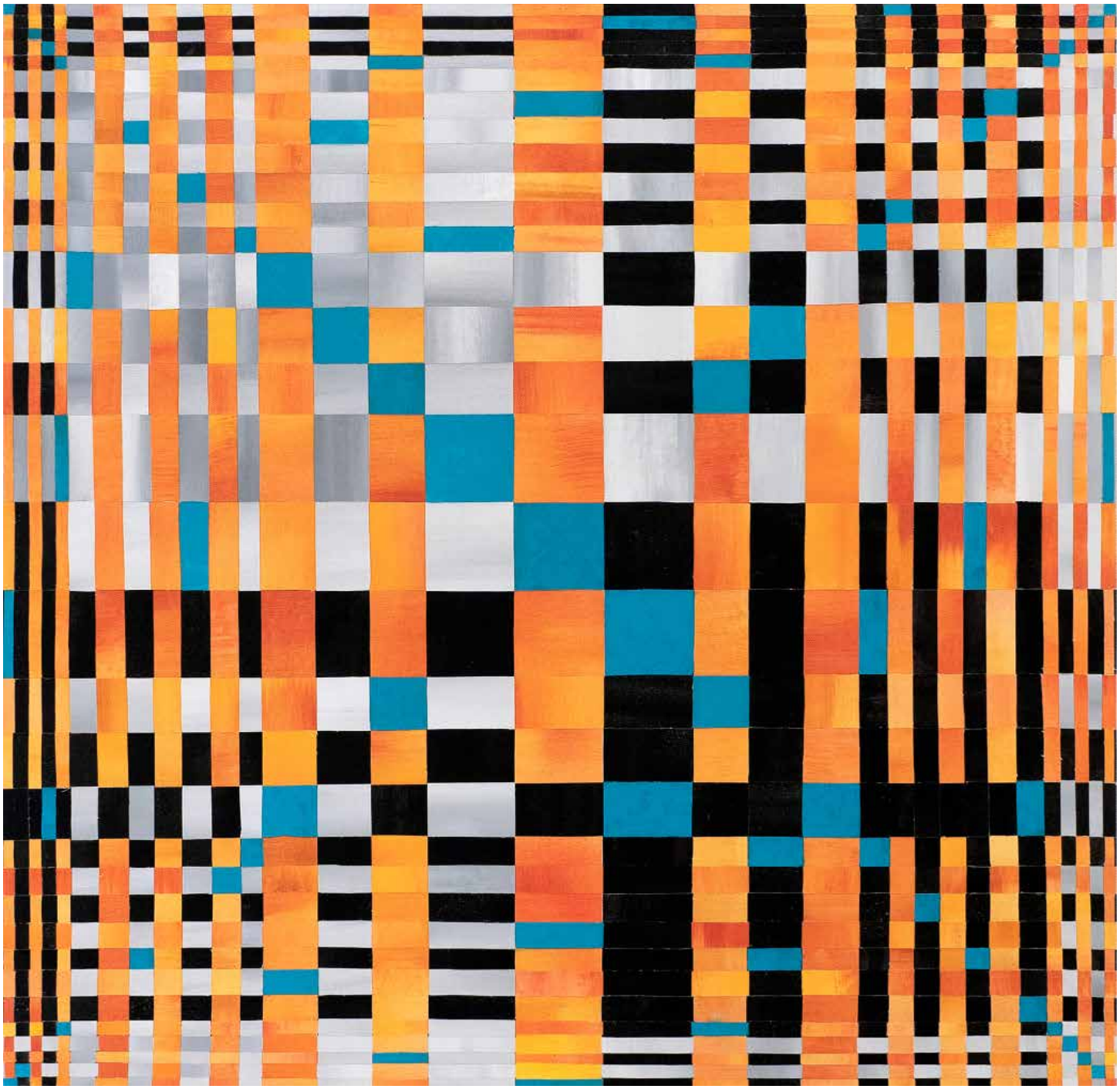


Paula Queiroz | Diagonais Poderosas | Técnica Mista | 140x140cm | 2021

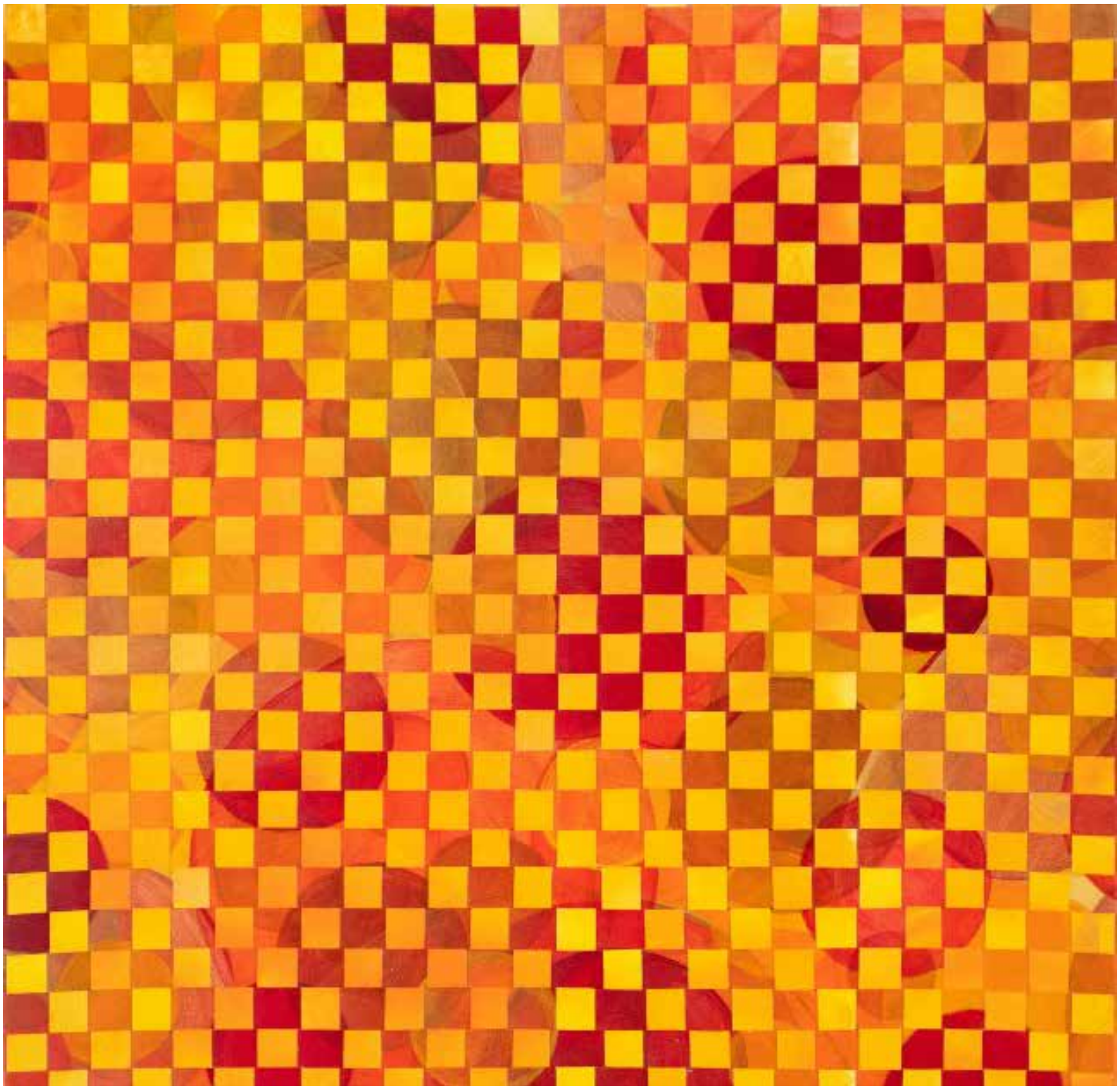
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Des (ordens)

Na mitologia grega, segundo a visão órfica da criação do mundo, a partir do caos, surgiu Nix (a noite). Do seu interior, apareceu um ovo, que se dividiu em três partes: a superior deu origem ao céu; a inferior se tornou a terra; e no seu interior, estava um menino com arco e flecha, Eros, o princípio do Amor. Essa é a impressão que se tem ao observar o trabalho de Paula Queiroz. A sua linguagem lida com pintura, recortes e entrelaçamentos de modo a instaurar relações entre os planos e formas que manifestam desordens na ordem e ordem na desordem. É estabelecida uma dinâmica plástica em que linhas horizontais, diagonais e verticais mantêm uma conversa estreita, não havendo conflitos, mas integra&cc edil;ão. Surge daí uma poética, ao mesmo tempo, densa, na concepção; mas leve, na realização, gerando um sutil e amoroso encantamento.



Paula Queiroz | Copacabana | Pintura | 60x40cm | 2019



Paula Queiroz | Reflexos das Janelas | Pintura | 70x70cm | 2021

Paulo Vitor Carneiro

pvlcarneiro@gmail.com

Paulo Vitor Carneiro, carioca, engenheiro desde 1973. Após anos trabalhando o “concreto”, em 2014 encontrou o “abstrato” através da arte. Inicialmente um hobby, a paixão pela pintura fez “concreto” e “abstrato” conviverem em harmonia. Autodidata, encontrou na arte abstrata liberdade de criação e descompromisso com rótulos, estilos ou técnicas. Busca observar e aprender com artistas contemporâneos, iniciantes e desconhecidos, com sua criatividade, materialidade e consistência próprias. Cada obra única tende a provocar emoções e sensações de liberdade.

Paulo Vitor Carneito | Erupção | Técnica Mista | 100x100cm | 2020

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Sentimentos

Para alguns, a abstração, em sua essência, não existe. O argumento é que as pessoas e o próprio artista, ao verem um trabalho aparentemente não figurativo, sempre procurarão encontrar nele uma referência que julgam real ou conhecida. Sob esse ponto de vista, toda obra levaria a um diálogo com algum referente como o céu, o mar ou algo nessa direção. A obra de Paulo Vitor Carneiro pode deslocar essa discussão se pensarmos que o abstrato pode ser um mergulho nos sentimentos nas mais variadas visões de mundo. As suas composições apresentam uma técnica progressivamente aprimorada que dialoga com cores, tonalidades e formas de modo a expressar suas relações com os materiais e com a chamada realidade, além de suas conexões com a natureza e com o universo como um todo, em um processo infinitamente dinâmico.

Paulo Vitor Carneito | Tempestade | Técnica Mista | 100x150cm e 100x100cm | 2021

Paulo Vitor Carneito | Crepúsculo | Técnica Mista | 100x100cm | 2020

R. F. Bongarten

fabricapoetica7@gmail.com

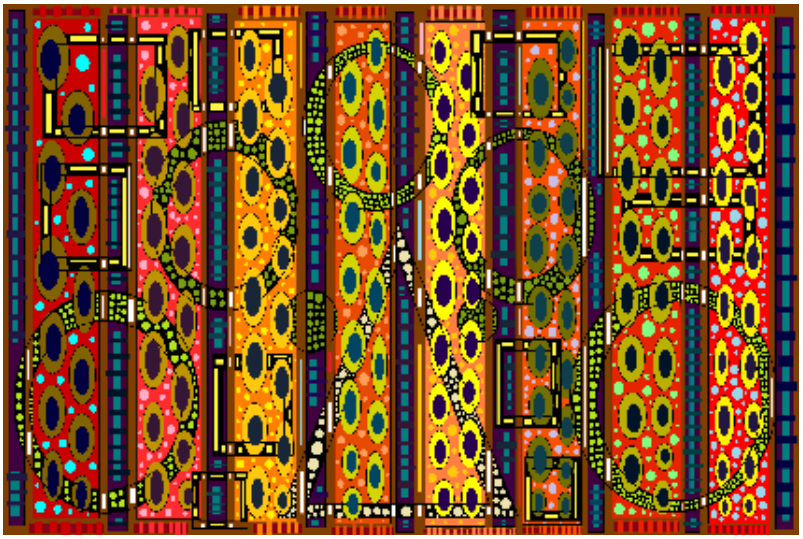
R. F. Bongarten, nasceu em Assis/SP em 09/06/1985. Desde criança desenhava animes e seriados que passavam na televisão. Fez seu primeiro Curso De pintura pelo instituto universal Brasileiro, Desenho Artístico em 2007. Apaixonado por Artes Abstratas se inspirou em Kandinsky, Pollok e Marchel Duchamp. Em 2009 iniciou um projeto artístico de livros. E artes chamado Fábrica Poética, cujo interesse era fazer qualquer tipo de texto poético, críticas aos problemas da sociedade. Profissionalizou-se somente em 2017 como artista plástico e digital NFT. Vendendo suas obras na região. A partir de 2018 criou uma grande quantidade de cartões postais artísticos, atualmente com mais de 400 modelos profissionais e colecionáveis.

R. F. Bongarten | Minhokobra | Arte Digital | 2021

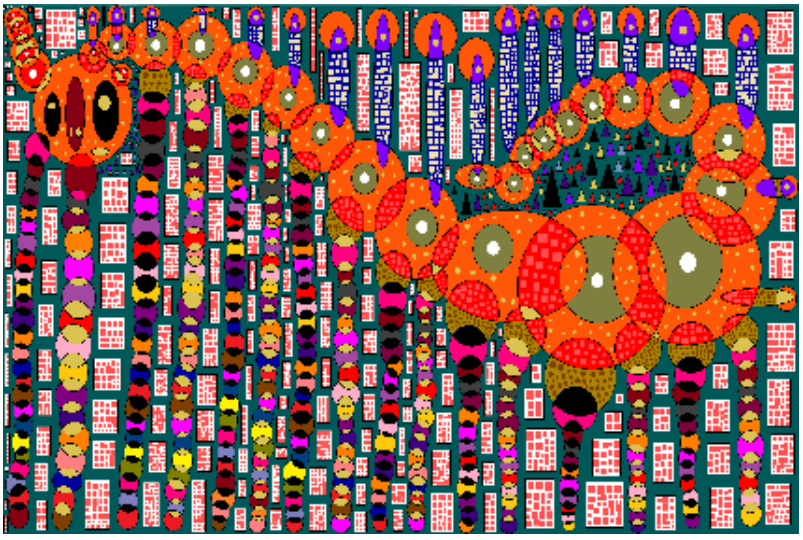
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Cores

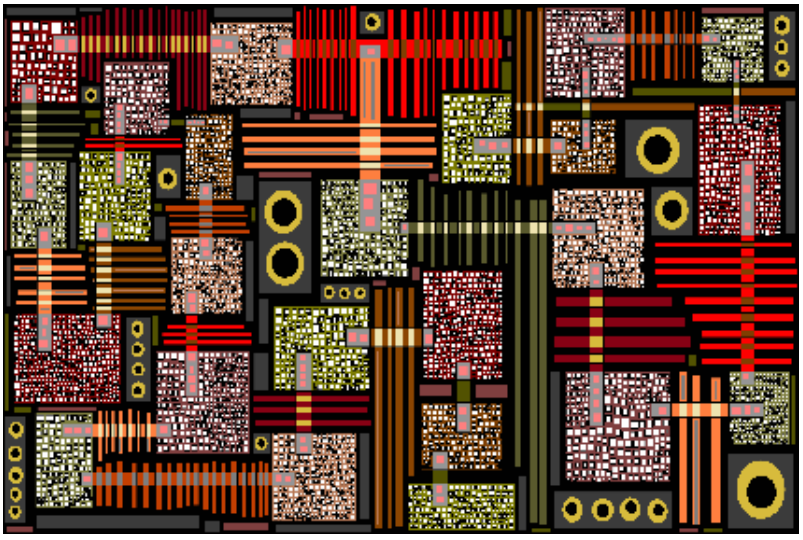
As criações de R. F. Bongarten são uma jornada pelo universo do pensar e do sentir. As cores têm um papel preponderante com significações distintas para cada observador, expressando variadas concepções de mundo. As figuras geométricas, por sua vez, trazem referências arquetípicas que estabelecem diversas articulações visuais. Os círculos remetem ao orgânico e a seres vivos, sejam animais ou plantas, ou caminhos entre distintas dimensões. Já os quadrados e triângulos, em seus diálogos e composições, articulam indagadores mergulhos no espaço. A grande sabedoria desse processo está na compreensão de como existem infinitas possibilidades visuais que apontam para uma conversa permanente do artista com os recursos de que ele dispõe, instaurando mundos que dialogam com os afetos e percepções próprios e alheios.



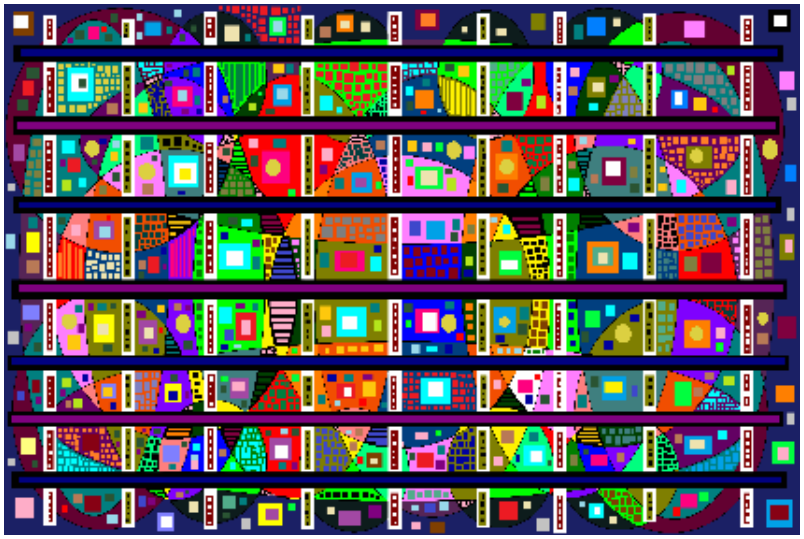
R. F. Bongarten | Scco | Arte Digital | 2021



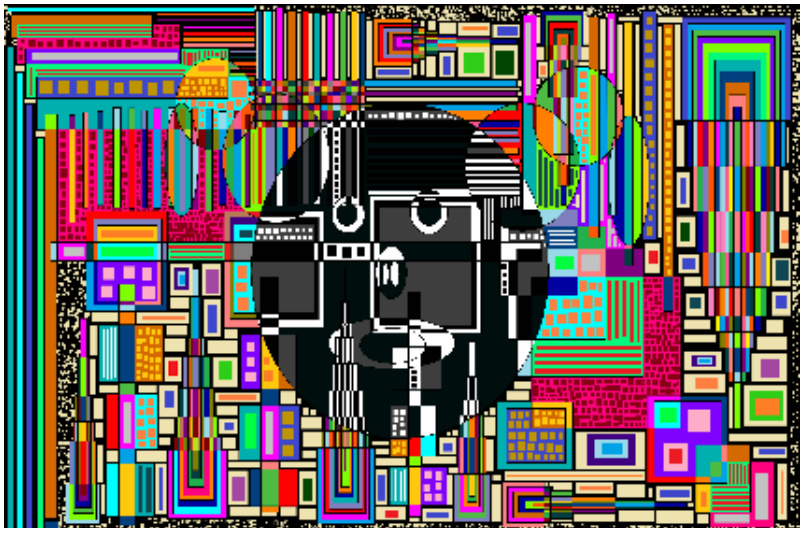
R. F. Bongarten | Dragão Lagartixa | Arte Digital | 2021



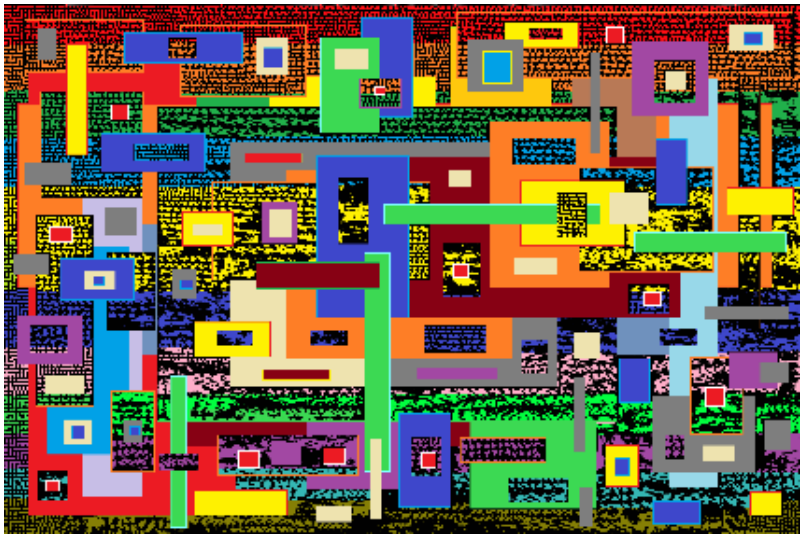
R. F. Bongarten | Assutador | Arte Digital | 2021



R. F. Bongarten | Blockchain | Arte Digital | 2021



R. F. Bongarten | Quase de Novo | Arte Digital | 2021

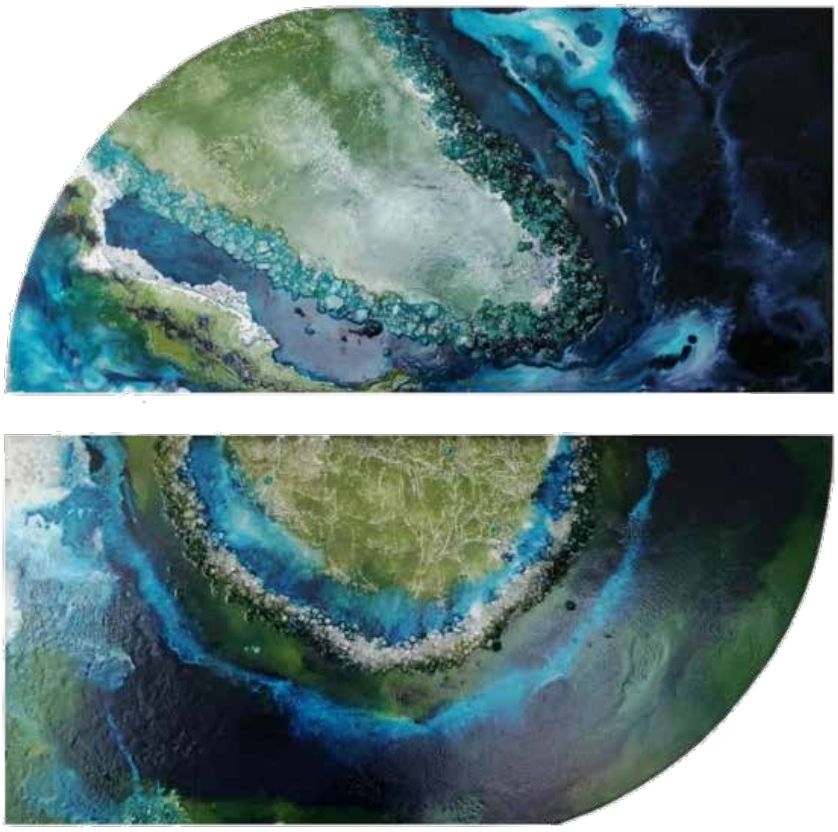


R. F. Bongarten | Sobreposição | Arte Digital | 2021

Regina Maslem

reginamaslem@hotmail.com

Regina Maslem, nasceu em Guiratinga (1967) e mora em Rondonópolis, ambas em Mato Grosso, Brasil. Mantém constante pesquisa técnica para realizar uma arte que concentre as atenções no estudo da percepção da cor, preferindo as tonalidades mais intensas, camadas, transparências e os brilhos dos materiais. A técnica que utiliza em suas pinturas é a resina epóxi e com ela cria geodos e águas com uma visão cartográfica e enfoques mais próximos. As esculturas são feitas com descartes de madeira, ferro e vidro. Vive um permanente processo de constante aprimoramento formal.



Regina Maslem | Águas I e II| Técnica Mista | 150x70cm cada | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Percepções

A arte é um universo de percepções. Existe a visão de mundo de cada artista, que se comporta de uma maneira perante aquilo que deseja representar, e a do observador, que encontra na obra um mundo com o qual pode dialogar das mais diversas formas. Os trabalhos visuais de Regina Maslem se dão, em boa parte, nessas dimensões. A técnica é utilizada para expressar um conceito vivencial que se configura nas variadas formas como consegue manifestar a sua identidade visual. A jornada, porém, apenas se concretiza quando o público encontra, na imagem criada, um objeto e uma ideia com a qual dialoga. Surgem, nessa caminhada, diversas interpretações, geralmente indicando visões áreas de imaginárias paisagens, em uma caminhada plástica que transforma o que se costuma considerar realidade de modo a penetrar mais e melhor em suas entranhas.

Regina Maslem | Muitas Água I | Técnica mista | 80x60cm | 2021

Regina Maslem | Muitas Água II | Técnica mista | 80x60cm | 2021

Regina Mello

reginamellobr@gmail.com

Regina Mello é artista visual, poeta, graduada em Escultura pela Escola de Música e Belas Artes de Curitiba - Paraná, Artes plásticas pela Escola Guignard, Minas Gerais. Especializou-se em Fotografia. Realizou 70 exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior. Destaque para as coletivas Monalisa em Ouro Preto, Belo Horizonte e Brasília, e Quatro X Quatro em Curitiba. Individuais Gute Wort e Festa Brasileira ambas em Berlim. Participa do Poéticas - Laboratório Internacional de Performance na Argentina, Uruguai e Brasil e Encontro internacional de performance Hemispheric Institute New York University entre outros. Autora de livros de poesia, “Cinquenta”, “Passos Partidos” e dezenas de antologias. Participa do livro “Die Nummer Sechzig” de Uwe Warnke, (Galerie auf Zeit-Berlim/Alemanha). Fundadora do Museu Nacional da Poesia (MUNAP) em. Curadora dos programas do MUNAP desde 2006.

Regina Mello | Arv 2 | Fotografia | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Visões

A obra artística de Regina Mello se baseia em percepções. Um elemento essencial de sua identidade visual é conseguir desenvolver uma linguagem que estabelece interpretações da chamada realidade que são, sob algum aspecto, diferentes. Isso não significa reinventar a roda, mas revisitar-se de maneira permanente. Trata-se de um exercício que não tem hora para começar ou para terminar. Ele se manifesta na forma de olhar para aquilo que está ao nosso redor e em nosso interior. Constitui uma maneira de mergulhar em uma pesquisa própria que se dá nas formas de desvendar e desvelar os conjuntos e os detalhes, seja nos direcionamentos dados tanto ao se olhar para a natureza como para a concepção de existência que promove um mergulho no ser humano, nas suas idiossincrasias e potencialidades.

Miasmas do coração
Cobriram o país de norte a sul
Queimaram florestas
Poluíram
Enterraram rios pessoas e animais

Até os mais cordatos
Sofreram com a putrefação
Do coração que ainda pulsa
E contamina
A Terra e o Ar

Facilmente se vê no olhar
Da multidão suspensa
Medo
Angústia
Escuridão
Velada por falsas sombras

Regina Mello | Poesia | 2021

Regina Mello | Arv 1 | Fotografia | 2021

Regina Mello | Arv 3 | Fotografia | 2021

Árvores caídas
Pedras derretidas
Guardiãs sagradas
Florestas invertidas

Regina Mello | Poesia | 2021

Roberval Silva

robervaltimoteo.s@gmail.com

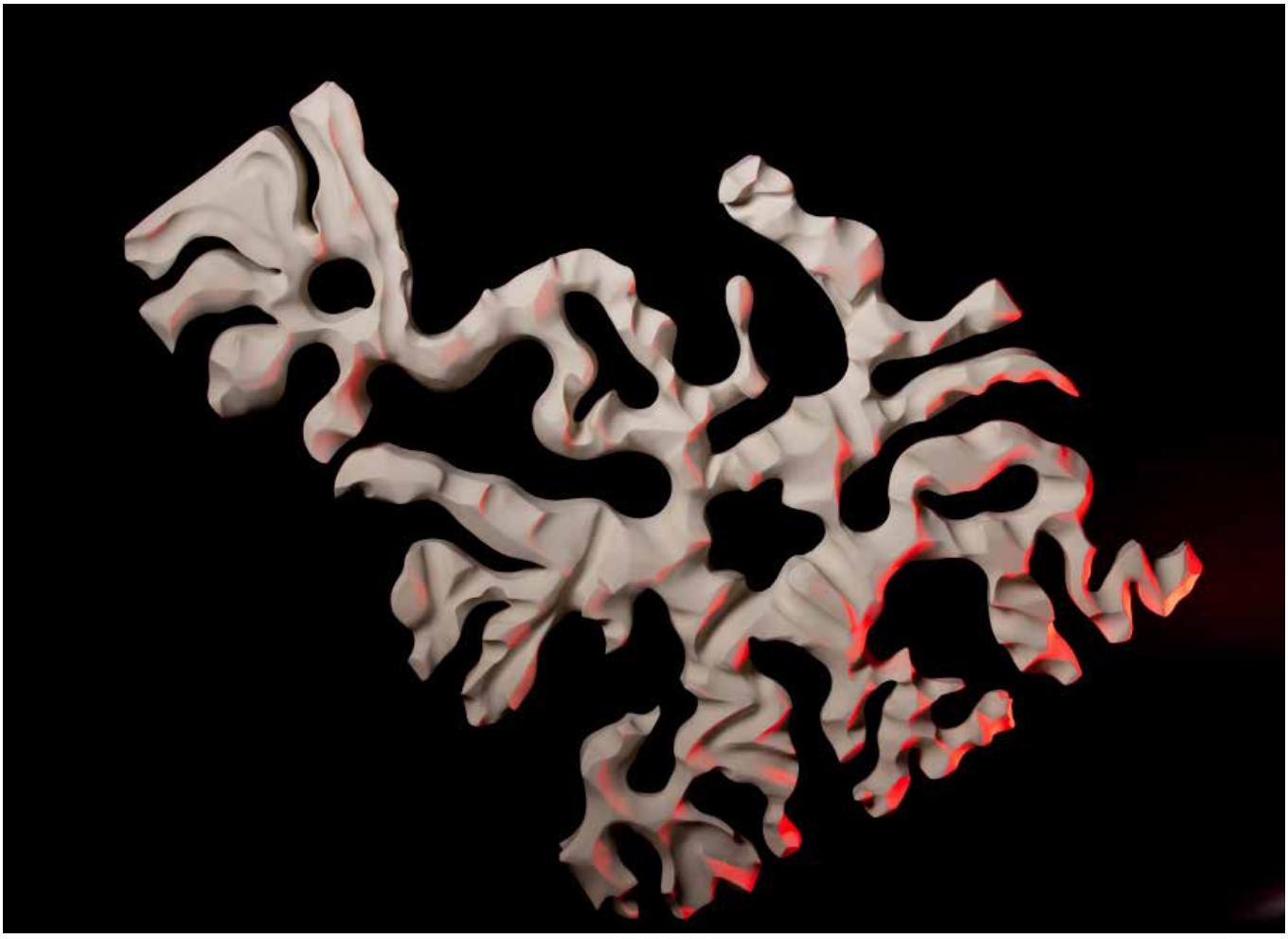
Roberval Silva é artista plástico por paixão. Expressa sua arte em curvas aleatórias nos elementos que a natureza serve, seja na madeira ou na pedra bruta. Nascido no frio de Julho de 1971 em Arapongas-PR, nutrindo e aquecendo seu coração sempre da inspiração de tudo que lhe aparece belo. Linhas retas dificilmente cativam, pois separam e levam á um fim, já as curvas não tem ponta e tudo que contorna faz transbordar, assim como sua imaginação, suas ideias e sua paixão em criar.

Roberval Silva | Laços de Família | Escultura | 80x40xx40cm | 2019

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Curvas

As curvas caracterizam a obra escultórica de Roberval Silva. Os trabalhos do artista realizam conexões, seja na vertical ou na horizontal, que remontam a elementos orgânicos. Existe, em cada criação, um diálogo com formas encontradas em árvores ou ondas e seres do mar. Não há rigidez, mas transformação constante. Os trabalhos, em sua tridimensionalidade, sugerem possibilidades de mutações permanentes. As obras mais significativas são justamente aquelas em que o pesado parece leve, potencializando a capacidade visual de sugerir as múltiplas capacidades dos objetos se posicionarem no espaço com uma potente delicadeza, integrando um ambiente interno ou externo sem interferir diretamente nele, ma s colocando-se como mais um elemento orgânico a trazer a sua importante contribuição para a harmonia do todo.



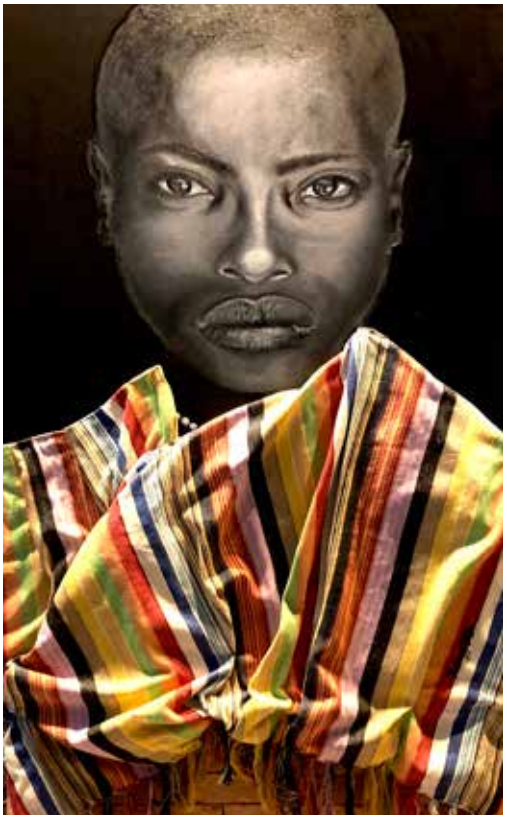
Roberval Silva| Road to Hana | Escultura | 180x160x9cm | 2019

Roberval Silva | Retórica | Escultura | 240x90x10cm | 2021

Rodrigo Motta

artes@belledevi.com.br

Rodrigo Motta, nascido em Ibitinga, interior de São Paulo, em 1975. Aos 11 anos descobriu-se apaixonado por artes plásticas, quando iniciou um curso de pintura à óleo. Cursou medicina e se especializou em cirurgia plástica. Mantinha-se ativo nas pinturas em abstrato com tinta acrílica e texturas e grafite, apenas como hobby e, finalmente, em 2020, assumiu-se também como artista plástico. Participou de exposições em 2020 e 2021, no shopping Iguatemi de São José do Rio Preto, ArtLab Gallery de São Paulo e na Boomer Gallery de Londres. Segue uma linha mais contemporânea, figurativa e realística.

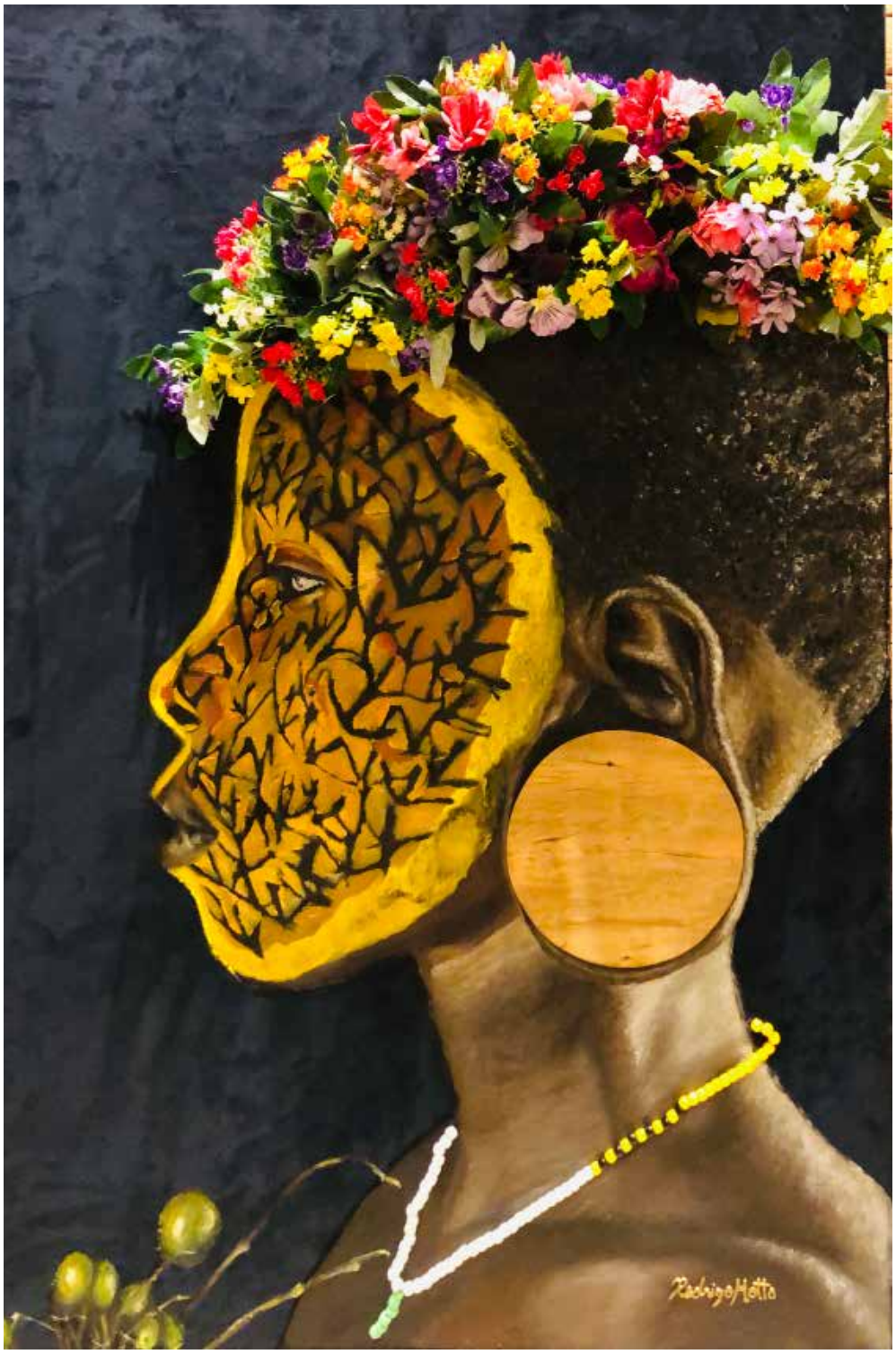


Rodrigo Motta | Mama África | Pintura | 80x120cm | 2021

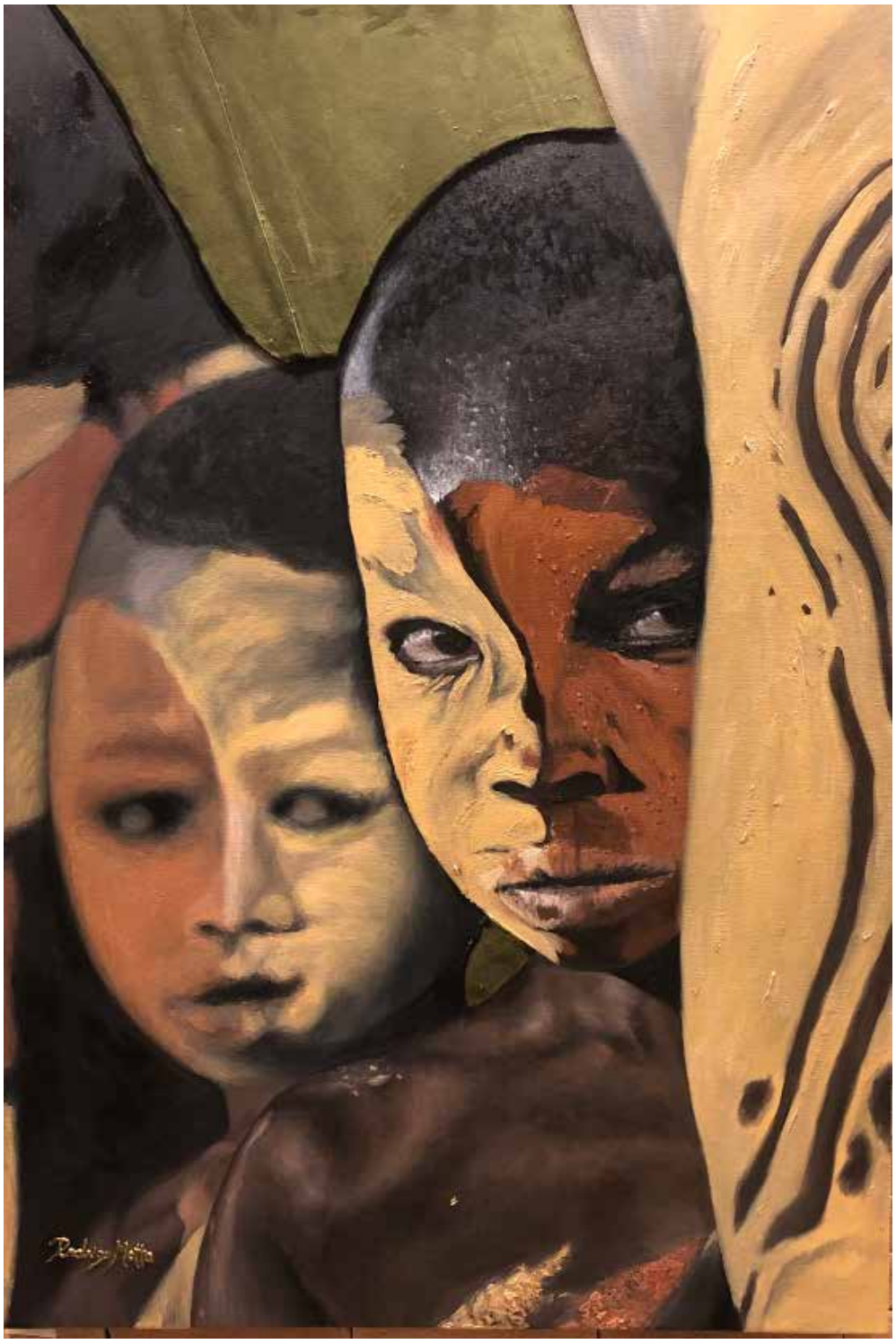
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Futuro

Como será a arte do futuro? O que aprendemos com o passado que pode nos levar a oferecer no presente uma produção cada vez mais rica em significados? Um fator é pesquisar a capacidade de a pesquisa visual ser essencial para envolver o público. Rodrigo Motta apresenta, em seus trabalhos, principalmente quando se vale de diversos materiais, caminhos para driblar pensamentos engessados. Há uma elogiável busca de inovação na utilização de suportes que merece ser aprofundada. Leveza, sem simplismo; impacto, sem espetacularização; e contextualização, sem didatismo antropológico são palavras-chaves perante um mundo cada vez mais dinâmico, pleno de informações e conexões. To rna-se assim possível estimular, ao desenvolver um tema, a interação do artista com a obra e consequentemente com o observador, de modo que exista intenso envolvimento entre eles.



Rodrigo Motta | Naguru | Pintura | 80x120cm | 2021



Rodrigo Motta | Shadowland | Pintura | 80x120cm | 2021

Rosana Amato

dalysca@yahoo.com.br

Rosana Amato é artista com formação superior em Teatro (ECA/USP), autodidata em artes plásticas, professora de artes, com vários cursos de desenho, gravura, prática de ateliê de pintura e modelo vivo. Inúmeras exposições coletivas realizadas no Brasil e internacionais, tais como, Portugal, Estados Unidos, Itália, Alemanha, inclusive exposição individual em Lisboa em 2011. Focada na arte contemporânea, passando do estilo abstrato ao figurativo; influenciada por Rauschenberg, Ansel Kiefer, Arte Povera, Fotografia, Grafite e Street Art, utilizando uma infinidade de materias, em colagens, tais como fotografia em papel, tecido, aquarela, gouche, acrílico e tela.

Rosana Amato| O Que Seria um Rio | Pintura | 49,5x60cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Transformação

A célebre frase tão citada de Heráclito de Éfeso "Um mesmo homem não se banha duas vezes no mesmo rio" pode ser uma porta de entrada no universo criativo de Rosana Amato. As suas imagens constituem uma poética e uma estética caracterizadas pelo conceito de transformação. A ideia está nas metamorfoses pelas quais cada pessoa passa, visualmente interpretadas como movimentos em que as formas surgem diluídas a indicar a existência de misteriosos portais. Mesmo quando são utilizados tons ocres, que remetem à terra, há uma transmutação na direção de um fluxo de mutações. Não existe uma evolução, na direção de indicar algo nece ssariamente melhor, mas mudanças. Assim como as águas que passam recebem os corpos distintos no fluir da existência, em que nada permanece estático, as obras de Rosana Amato estão sempre adquirindo novas formas, aspectos, percepções e vibrações.

Rosana Amato| Revolta na Natureza |
Técnica mista | 21x28cm | 2021

Rosana Amato| Se não Fosse um Rio |
Técnica mista | 21x28cm | 2021

Rosana Amato| Cidades Impossíveis |
Técnica mista | 21x28cm | 2021

Rosana Amato| O Vazio |
Técnica mista | 21x28cm | 2021

Salete Lottermann

slottermann@hotmail.com

Salete Lottermann, artista visual, aprendeu desde cedo a usar cada pedacinho de papel, tecido,fio ou lã. O fazer de sua infância foi a melhor escola. Aprender crochê, costura e outros artesanatos lhe fez perceber as várias possibilidades dos materiais, além daquelas a eles atribuída. Por isto, ela se permito o desenho, pintura, escultura, misturando os materiais que acha mais adequados para a sua pesquisa, que tem como ponto de partida as questões femininas, mas que são pertinentes a todos. Tem destaque em sua carreira as exposições individuais: 2001 na Pontificia Universidade Católica do Paraná, Curitiba- PR – Brasil e em 1991 na Galeria do Sesc da Esquina – Curitiba – PR – Brasil. Ressalta-se também as premiações: 2002 a Menção Honrosa no Salão de Arte em Franca – SP – Brasil, em 1996 o Prêmio aquisição Itaipu Binacional – Foz do Iguaçu – PR – Brasil e em 1989 e 1993 na Mostra Telepar – Curitiba – PR - Brasil.

Salete Lottermann | Sol | Escultura | 20x18x12cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Existência

A cerâmica é um universo que demanda reflexões sobre o seu significado simbólico. Trata-se de uma expressão visual que provém da terra, matéria-prima da qual todos os seres humanos foram feitos nas mais variadas mitologias. Salete Lottermann se vale desse material para traçar comentários sobre significações do viver. As suas obras podem ser consideradas crônicas visuais de como cada um de nós lida com os dilemas da existência, seja por remeter a situações passadas ou por refletir sobre o presente. Cada nova obra traz uma contribuição nessa escada do saber em que cada degrau traz uma contribuição para buscar entender como reagimos perante as perguntas existenciais que o mundo constantemente nos coloca. A arte, nesse aspecto, oferece caminhos de ampla significação que multiplicam a capacidade de permanentemente indagar.

Salete Lottermann | Lua | Escultura | 24x12x25cm | 2021

Concentrada em seus misterios,
sabe que as respostas estão em si mesma.

Para completar o seu ciclo,
cumprirá fases de recolhimento
(auto conhecimento,aceitação,
preparo e realização), alheia aos
desejos externos de estar sempre
bela aos olhos de quem a
observa.

Seu brilho e completude serão
inevitáveis à medida que permite
desabrochar o seu EU.

E então, na sua beleza única, se
entrega inteira ao seu destino.

Salete Lottermann | Poesia

Salete Lottermann | Gaia | Escultura | 14x13x13ccm | 2020

SiCavalcanti

sicavalcanti66@gmail.com

SiCavalcanti é carioca de nascimento, engenheiro mecânico por formação e fotógrafo por vocação, desde a juventude. Naquela época já tinha vontade de aprender a pintar, para criar arte com os objetos de suas fotos. Hoje é artista plástico, criando obras de arte a partir de imagens digitais em FineArt, com foco na Natureza - que considera a face visível do Criador - e busca registrar, em suas obras, as belezas do abstrato da natureza, por onde passa, para levar para o ambiente do público: harmonia, tranquilidade, paz, amor e alegria.

SiCavalcanti | Curiosa | Fotografia | 105x70cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Natureza

A matriz do trabalho visual de Si Cavalcanti é a natureza. Isso significa que existe um entendimento que cada imagem evoca um pensar sobre aquilo que raízes, troncos e folhas oferecem. O olhar da artista recai sobre como esses e outros elementos se articulam no espaço, oferecendo as mais variadas composições. A magia se dá na percepção desenvolvida para captar aquilo que já existe. O fascínio dos trabalhos ocorre na dimensão de olhar como a natureza, em sua existência e resiliência, já oferece múltiplas obras. O segredo reside em perceber isso. É essencial, portanto, estar atento para as mais variadas manifestações. Existe, na pesquisa visual de Si Cavalcanti, um permanente aprimoramento do olhar que permite captar momentos e fragmentos em que essa riqueza se cristaliza. A diversidade de padrões gera conexões que provocam ricas reflexões sobre as visualidades que a natureza propicia.

página anterior: SiCavalcanti | Casquinha | Fotografia | 105x70cm |2021

SiCavalcanti | Cardume | Fotografia | 105x70cm |2021

Simone Ceia

simoneceia@gmail.com

Simone Ceia é artista visual autodidata, tendo iniciado nesta área em 2019. Iniciou sua vida profissional na hotelaria e migrou para a área de produção de eventos. Nesta área, além da gestão, começou a produzir a cenografia de eventos e, daí, para a pintura acrílica e colagem. Além das telas, trabalha utilizando como suporte material que foi descartado, como bobinas, telas de silk, madeira descartada e papelão. Começou a expor suas obras há pouco tempo, tendo participado da exposição Pop Up Art, da Galeria Art e faz parte do coletivo Artrilha.

Simone Ceia | Abstrato em Azul | Pintura | 60x68cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Busca

Os trabalhos de Simone Ceia cristalizam a procura de todo criador visual por uma forma de expressão. Perante as indagações que o mundo propõe a artista oferece as suas interpretações. São abstratas e expressivas em uma proposta visceral permanente que se dá pela gestualidade e expressividade manifesta nos diálogos instaurados, por exemplo, entre as tensões horizontais e verticais. Se há linhas de força que apontam para conexões entre aqueles que são iguais, existem também os movimentos ascensionais, expressando diálogos entre as dimensões do fazer da pintura e da existência. A arte se realiza, portanto, nesse jogo visual em que as cores, as tonalidades e o movimento têm papel essen cial no sentido de expressar interpretações do caminhar pela vida. Cada novo trabalho funciona como uma declaração de intenções do existir com a sua própria dinâmica, sempre a indagar a si mesmo e ao mundo.

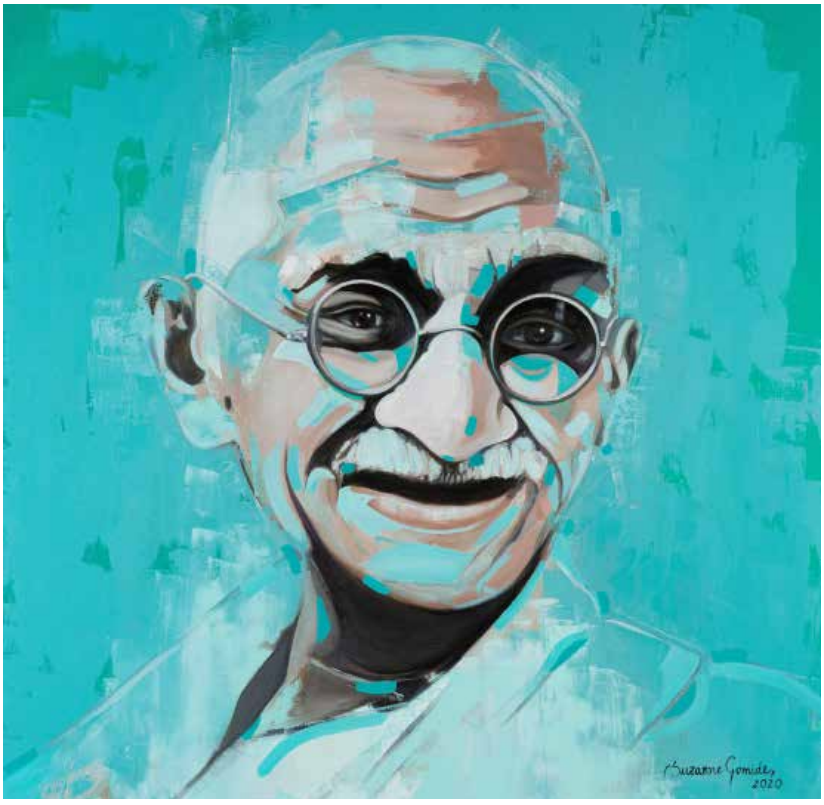
Simone Ceia | Cadeira 1 | Pintura | 21x28cm | 2020

Simone Ceia | Cadê | Pintura | 60x80cm | 2021

Suzanne Gomide

suzannegomide@yahoo.com.br

Suzanne Gomide é artista plástica e arquiteta . A arte entrou em sua vida de uma forma tão natural quanto mágica. Através dela que ela se conecta ao Criador, que a inspira e a conduz, sem medo, sem amarras, livre. Assim, segue. Segue numa busca, ora dolorida, ora reparadora, mas sempre intensa e necessária, que a conduz numa viagem para dentro da arte, e através da acrílica e óleo, traz à luz, sentimentos e emoções, buscando levar o observador à um movimento interno, contemplativo, que evoque lembranças e quem sabe, promova mudanças positivas, porque sim, ela acredita que a arte pode ser um gatilho para grandes transformações.



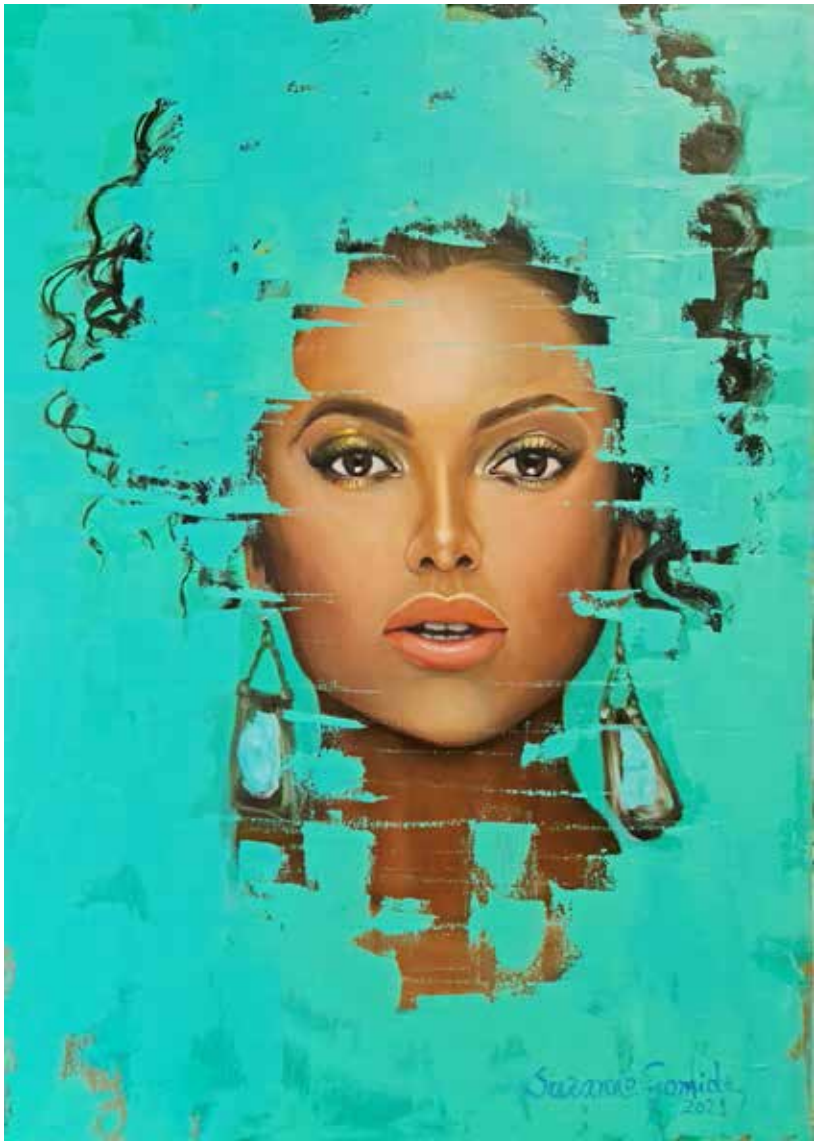
Suzanne Gomide | A Paz Que Eu Procuro | Pintura | 100x100cm | 2020

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Mutações

A arte de Suzanne Gomide apresenta uma importante característica: a capacidade que tem de gerar mutações em quem a observa, seja na forma figurativa ou abstrata. Isso se dá, em boa parte, pela maneira como trabalha com a técnica de modo a propiciar olhares que gerem a busca por novas direções. A sua pintura costuma gerar um saudável estranhamento que convida para uma viagem, uma jornada que pode trazer insegurança, mas, igualmente, propicia algum tipo de conforto. O conhecido da imagem pode levar a uma desconhecida caminhada, pois, nesse processo, é preciso abandonar o que parece seguro e óbvio para mergulhar no que demanda companheirismo entre criador e observador. O encontro entre ambos é um processo de cura, não no se ntido médico e racional, mas no artístico, simbólico e existencial.

Suzanne Gomide | Espírito-Santo | Pintura | 130x150cm | 2017



Suzanne Gomide | Irisa | Pintura | 50x70cm | 2021

Talita Zrncevich

arq.talitaz@gmail.com

Talita Zrncevich é uma artista visual autodidata, arquiteta (PUC-PR) e especialista em História da Arte (PUC-PR). Paulistana que reside em Curitiba, ela conta que a paixão pelo universo artístico nasceu na infância, a qual foi rodeada por materiais de desenho e pintura. Atualmente desenvolve trabalhos que permeiam o abstrato expressionista e também o figurativo. Explora cores vibrantes, texturas tridimensionais e o brilho dos metais aplicados em diferentes técnicas de metalização, principal diferencial de suas obras. A sua arte é o empréstimo do olhar que tem em relação ao mundo externo e interno, sendo este último a principal motivação que a faz compartilhar com o espectador as histórias de vida que experiencia e o longo processo de autoconhecimento que lhe traz as reflexões responsáveis pela poética.

Talita Z | Love is Blind | Técnica Mista | 210x80cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Impacto

A arte visual tem uma característica essencial, que é o impacto que consegue gerar no observador. Ele se dá de diversas maneiras. Duas são muito importantes. Uma é a dimensão que o trabalho causa na primeira visão, quando é visto de uma certa distância. Trata-se de uma leitura do conjunto. Há ainda outra camada de interpretações que ocorre com a proximidade do olhar, ou seja, no momento em que os detalhes de imagens e de materiais são percebidos atentamente. Ao longo da história da arte, as obras mais consistentes costumam ser as que resistem bem aos dois momentos, funcionando tanto quando se pensa no próximo como no distante. Os trabalhos de Talita Z apresentam características de composição, cores e formas que sustentam essas abordagens. O seu impacto se dá pela visualidade, não sendo necessário pensar neles como estruturas narrativas. &Ea cute; por meio de seus elementos plásticos intrínsecos que cativam o observador e o convidam a participar de uma jornada visual e existencial.

Talita Z | Cores | Técnica Mista | 40x60cm - cada | 2021

Talita Z | Alma | Pintura | 70x100cm | 2021

Tati Garcia

canteirocriativo4@gmail.com

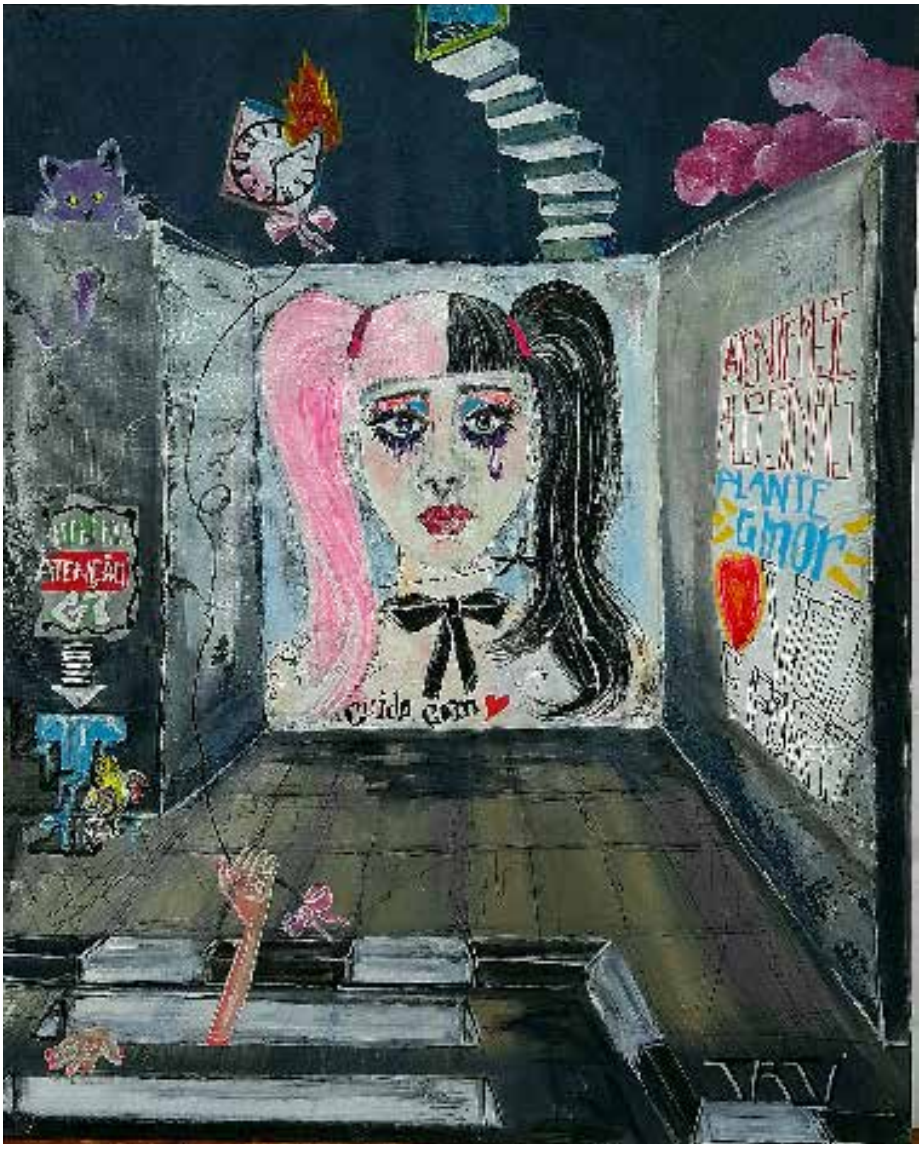
Tati Garcia é desenhista, projetista e ilustradora. Descobriu-se artista na adolescência, quando histórias em quadrinhos, desenhos animados e música foram propulsores para que ela, de forma autodidata, pudesse expressar sua inquietude com tintas e sprays. Ao longo dos anos, foi aprimorando seu olhar, e a caminhada nas artes foi acontecendo de forma intuitiva, sempre testando novos materiais e técnicas. Reconheceu-se como artista versátil, transitando por várias linguagens, encontrando, na desconstrução, assimetria e ressignificação de imagens com um novo olhar.

Tati Garcia | Afetos | Técnica mista | 30x30cm | 2021

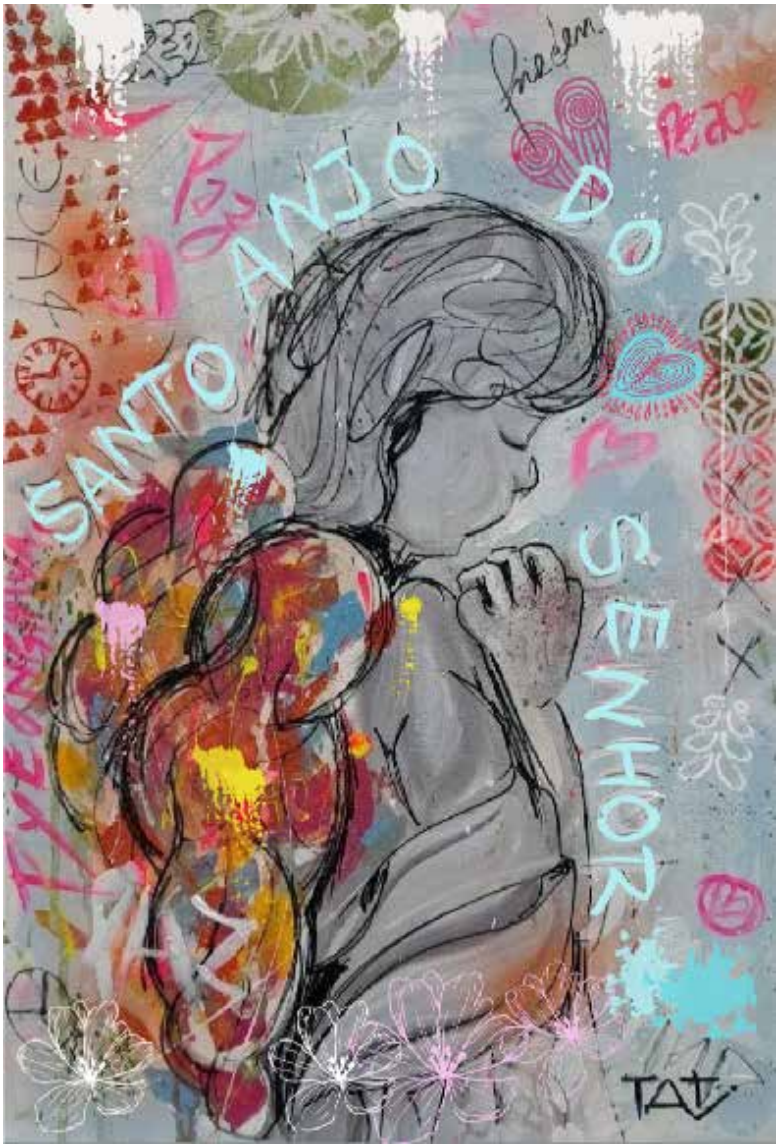
Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Criatividade

A arte se dá no universo da imaginação. O que isso, de fato, significa? Entramos no universo da criação de imagens, ou seja, de representações do mundo considerado real. Imaginar, nesse contexto, indica um exercício de incorporar continuamente novos paradigmas ao repertório de cada um. Tati Garcia ergue a sua obra visual em um universo que valoriza o pensar diferente, fugindo dos padrões convencionais. Nesse aspecto, concebe a criatividade como a força motriz que valoriza a arte como um caminhar por veredas em que sempre são procuradas respostas diferentes. Isso demanda estar constantemente aberto para pensar o novo seja em termos de técnica, de assunto ou de relações propostas com o público. A arte se realizaria completamente, portanto, quando entendida como um diálogo em que são propostas questões que cada observador responde à sua maneira.



Tati Garcia | Cry Baby | Pintura | 40x50cm | 2021

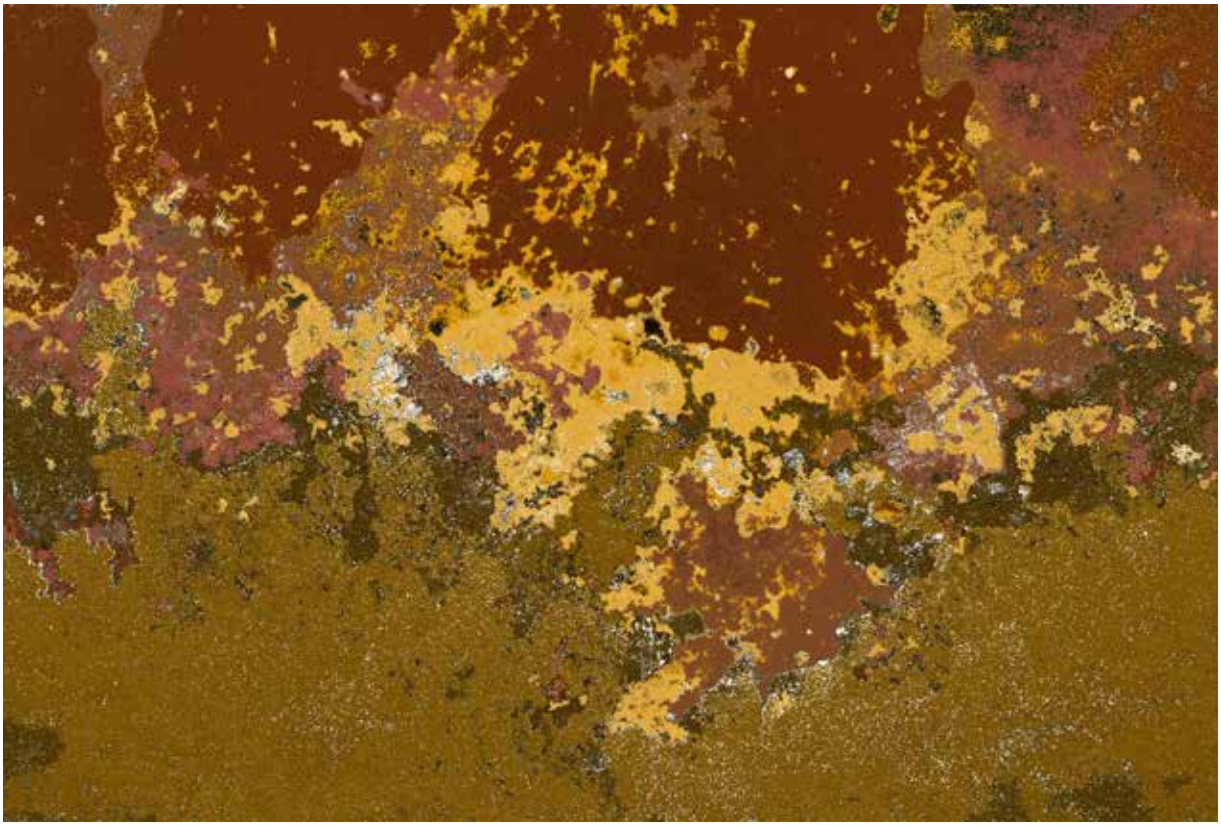


Tati Garcia | Zeloso Guardador | Pintura | 60x40cm | 2021

Teresinha Mazzei

teresinhamazzei@hotmail.com

Terezinha Mazzei é artista plástica, de Vitória (ES). Cursou Licenciatura de Desenho e Plástica (1979) e Pós graduação na UFES (1998). A maior parte da Sua produção artística é com pigmento orgânico mineral e interferências digitais. Pesquisa feita através dos efeitos biológicos e das aguadas com gradações cromáticas e grafismos. Faz uso da tecnologia para executar pinturas digitais com o registro fotográfico de detalhes de suas obras, transformando o orgânico em digital a qual chama de Infoarte de Pintura Orgânica mineral. Exposições Relevantes de destaque na carreira: (2021) NFTArte “Conversas” Série Diálogo das Linhas na Open Sea, e Exposição Catavento.



Teresinha Mazzei | Sem título | Técnica mista | 135x90cm | 2020

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Essência

Artistas que trabalham com pigmentos naturais e elementos orgânicos estabelecem relações diferenciadas com a natureza. As obras de Teresinha Mazzei, nesse sentido, motivam um pensar nas diversas formas de lidar com elementos que oferecem uma gama infinita de possibilidades de reflexão e utilização. É importante verificar como, a partir daquilo que já existe, e que pode ser transformado, é possível mergulhar em veredas de pesquisa. Seja no universo das cores e das suas tonalidades ou das formas, os trabalhos podem se valer das potencialidades dos materiais. Existe um constante processo de busca das essências do criar e do fazer que se dá a partir do entendimento da pequenez humana perante a grandiosidade dos recursos que a naturez a oferece. O resultado é um mergulho por caminhos de incerteza e desapego onde as obras de arte ganham força e consistência.

Teresinha Mazzei | Renda com Azul | Técnica mista | 135x90cm | 2020

Terezinha Mazzei | Casca de Árvores | Técnica Mista | 150x70cm | 2017

Terezinha Bilia

terezinhabilia@yahoo.com.br

Terezinha Bilia é artista visual de São José do Rio Preto - SP. Formada em Letras pela Universidade Estadual Paulista, ela também realizou ao longo dos anos, vários cursos de aperfeiçoamento na área pedagógica, o que lhe deu babagem para atuar como professora e orientadora em artes, por vários anos. Destaca-se em seu currículo de artista vários trofeus em: Festival do Folclore de Olímpia (SP) e Salão de Artes Plásticas de São José do Rio Preto (SP). Participou de diversas exposições coletivas e individuais no território nacional, e também atua como ilustradora de livros. Em 2021, esteve na Exposição Catavento na ArtLab Gallery, em São Paulo.

Terezinha Bilia | As Lavadeiras | Pintura | 150x210cm | 2014

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Alegria

Por que a arte intriga? Seu fascínio principal está na capacidade de realizar conexões em dois níveis que se interligam. Por um lado, aponta para o mundo e, por outro, para si mesma. Isso significa que o estilo de cada criador decorre desses movimentos. Terezinha Bilia apresenta uma construção poética que se dá nessas dimensões. Parte do que concebemos como realidade para desenvolver uma linguagem em que a cor desempenha um papel fundamental. Além disso, traz, nessas representações, um valor simbólico que se expressa, em boa parte, pelo bom humor. Reside aí um dos elementos diferenciadores do seu trabalho. A leveza com que trata os assuntos gera cenas agradáveis de serem vistas que remetem a um Paraí so perdido, ou seja, ao sentimento de que já fomos felizes e não sabíamos ou de que podemos voltar a ser alegres e a ter prazer na existência a partir das criações que a artista apresenta.

Terezinha Bilia | Manhee, a Lu Comeu Meu Peixe | Pintura | 50x70cm | 2013

Terezinha Bilia | Eu e Minha mãe Repartindo o Peixe | Pintura | 50x70cm | 2013

Terezinha Bilia | Eu e minha mãe Colhendo Peixe | Pintura | 50x70cm | 2013

Terezinha Bilia | A Ceia com Meu Pai | Pintura | 50x70cm | 2013

Vinícius de Paula

vppaula88@gmail.com

Vinícius de Paula é nascidona beira do rio Paranapanema, filho de professores, mãe pintora e escritora. Desde cedo o desenho tornou-se sua forma de expressão e ganhou status profissional com a carreira publicitária. Nas artes visuais, tem sido, desde sempre, motivado por figuras femininas de existência inspiradora, assim, o tema de sua primeira individual foi Mulheres de Carvão, com 12 painéis em acrílica e carvão sobre cartão kraft, trabalho que percorreu também coletivas na Europa. Atualmente trabalha no design de um piso público para a cidade de Cotia, projeto vitorioso pela Lei Aldir Blanc e participou das exposições “Imperfeita” em homenagem à Frida Khalo, em Lisboa e São Paulo.

Vinicius de Paula | O Alarme | Técnica mista | 68x48cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Narrativas

As obras de arte de Vinicius de Paula têm a capacidade de levar o observador para outras dimensões. Cada uma delas costuma instaurar uma narrativa própria, plena de sentidos simbólicos. As suas imagens são o ponto de partida para uma jornada que se esparrama literalmente pela existência. Isso significa que vão deixando marcas em quem as vê. Trata-se de um gradual processo de fascínio, em que cada elemento se soma ao outro, num raciocínio de contiguidade, que leva a pensar como a arte pode funcionar como um portal de percepções simbólicas que abrem possibilidades de leituras. Assim, a arte passa a ser um manancial infinito de maravilhamentos, pois cada obra dialoga com as anteriores próprias e alheias, erguendo uma história de imagens que não se cansam de conversar entre si, auxiliando a construir o substrato do que pode acontecer no amanhã.

Vinicius de Paula | Entrevista com o Governador | Técnica mista | 77x100cm | 2021

Vinicius de Paula | A Guerreira | Técnica mista | 68x48cm | 2021

Yara Delafiori

yara@cednet.com.br

Yara Delafiori, nascida na cidade de São Paulo, professora de Arte da cidade de Chavantes, estado de São Paulo, onde reside atualmente. Formação em Faculdade de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Faculdades Integradas de Ourinhos (SP). Por muito tempo teve a Arte somente como hobby, mas a três anos a Arte começou a fazer parte de sua vida profissionalmente. Já trabalhou com diversos suportes e materiais. Ultimamente tem dado mais enfoque no estilo figurativo usando a técnica óleo sobre tela. Sua primeira série intitulada “Colcha de Retalhos e o Universo Feminino”. Retrata mulheres, onde a proposta é contar histórias, revelar essências e a busca do belo que existe em cada uma delas. Participou de algumas exposições coletivas virtuais realizadas por Edmundo Rafael de Araújo Cavalcante, como “inspirações, Arte é resistência, minha essência” (2020 e 2021). Outras exposições coletivas virtuais sobre a orientação de Luciane Yahweh (2020 e 2021) e ICASA Galeria de Arte virtual, exposição coletiva, eu sou Assim. (2020), Museu Casa de Portinari (2021) e física OCA Ibirapuera, 37 Paralela Arte e Design (2020). Destaca- se a exposição Individual no SESI Ourinhos (2020).

Yara Delafiori | O Beijo | Pintura | 90x70cm | 2017

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Afetos

A poética visual de Yara Delafiori é marcada pelos afetos. Trata-se de um universo de delicadezas e de subjetividades que se concretiza pela maneira de lidar com os gestos e traços. A forma de trabalhar com os materiais, usando certas cores e atingindo diversas tonalidades, destaca, nas figuras, aquilo que elas sentem. Trata-se de um jogo pleno de significações, pois o bidimensional passa a transmitir uma emoção que está além das dimensões racionais conhecidas. Aquilo que se vê se torna algo que se sente em um processo difícil de explicar de maneira lógica, mas muito presente, tanto em uma arte mais figurativa quanto abstrata. A magia e o mistério estão nessa passagem e conexão de sentimentos entre quem pinta e quem recebe a imagem. Estabelecer esse elo demanda instaurar laços entre o artista e o público numa mescla que tem, no mínimo, dois temperos: o s entimento e a técnica.

Yara Delafiori | Pensamentos | Pintura | 90x70cm | 2018

Yara Delafiori | O Amor nas Quatro Estações | Pintura | 90x70cm | 2017

Ylma Ohara

ylmaohara@terra.com.br

Ylma Ohara é formada em Artes Visuais, com specialização em Filosofia Estética e também em Artes Contemporaneas. Amante do desenho, pintura e fotografia. Livros e filmes alimentam a alma da artista, que se considera uma eterna aprendiz. Em 2021 fez parte da exposição Catavento, em São Paulo - SP.

Ylma Ohara | Akira | Pintura | 60x40cm | 2021

Crônica de arte por Oscar D'Ambrósio

Leituras

A arte de Ylma Ohara se caracteriza por permitir diversas leituras. Isso se dá porque as suas imagens fogem do referencial e do pragmático. Não se trata de representar a realidade tal qual se vê ou de buscar transmitir uma mensagem unívoca daquilo que a artista acredita do mundo. As criações que apresenta trazem múltiplas questões e, ao utilizar a figuração, criam situações plásticas em que os elementos apresentados dialogam entre si de modo a trazer surpreendentes conexões e concepções do que está ao redor. A sua arte gera interpretações visíveis de percepções individualizadas invisíveis. Por isso, há um mistério que não se esgota em uma análise apressada. As camadas propostas são de mergulhos progressivos nas imagens rumo ao infinito poder da mente e da sensibilidade de conduzir a pe rguntas que geram renovadas interpretações.

Ylma Ohara | Aya | Pintura | 70x50cm | 2021

Ylma Ohara | Aya Shine | Pintura | 70x50cm | 2021

ISBN: 978-65-991768-8-3